ESFERA

REVISTA DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS

ADMINISTRAÇÃO

Diretor responsavel
Sylvia de Leon Chalreo

Gerente
Aureo Otoni de Mendonça Junior

Redator Chefe
Dias da Costa

Secretária
Maura de Sena Pereira

REDATORES

Abel Salazar
Abelardo Romero
Afonso de Castro Senda
Durval Alvarez Serra
Erico Veríssimo
Eneida
E. Rodriguez Fabregat
Ernani Fornari
Fábio Crissiuma
Fábio Leite Lobo
Frederico Reys Coutinho
Graciliano Ramos
Joaquim Maciel Filho
Joel Silveira
José Lins do Rego
Jorge Amado
Jorge de Lima
Maria Jacintha
Osório Cesar
Quirino Campofiorito
Rivadávia de Souza
Roberto Alvim Corrêa
Rossini Camargo Guarnieri
Santa Rosa
Waldemar de Oliveira

REDAÇÃO

Rua Lavradio, 55 - Sala 12
Rio de Janeiro

ENDEREÇO

Caixa Postal 2013
Telegrama ELP
Rio de Janeiro

OFICINA

Tipografia "Alfa"
Rua Buenos Aires, 304
Rio de Janeiro

PREÇO

1 Cruzeiro
Número atrazado — 2,00

SUMARIO

NUMERO 9 MARÇO - 1944

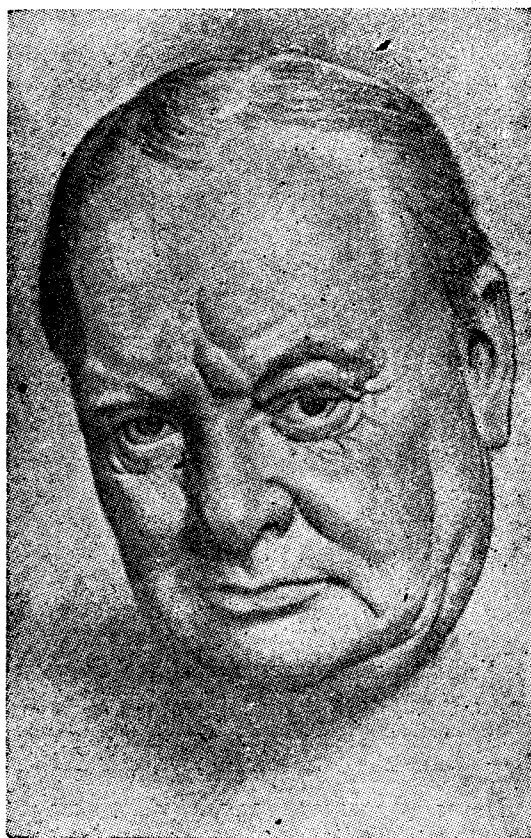
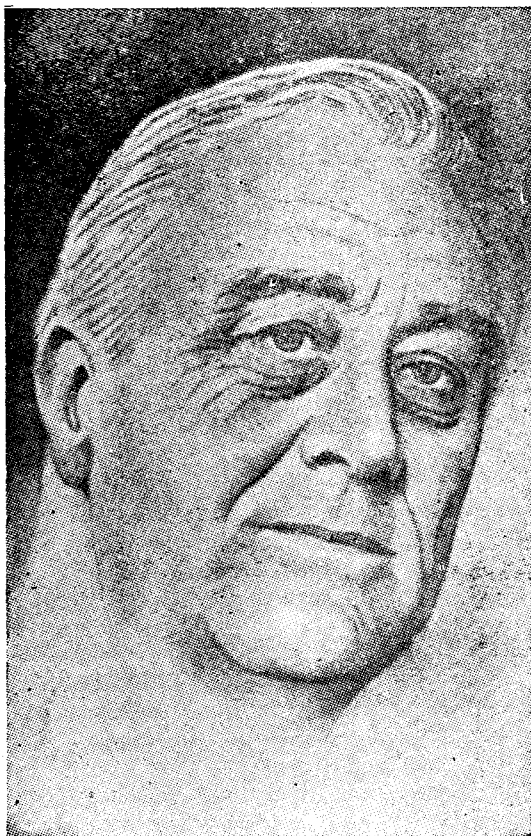
Menus deliciosos
Arte, distinção
e conforto
no ambiente
aristocrático
do
Atlantico Club

Unidade para Vitoria

A Conferencia de Teeran, logo após a de Moscou ,pela decisão dos Chefes aliados, vem colocar com urgência e mais vigor do que nunca, para todos os povos, amantes da liberdade, a necessidade de esmagar o Imperialismo Germano-Hitlerista.

Estamos efetivamente em face de uma tarefa gigantesca.

A guerra trouxe para o campo de luta da independência nacional de cada país problemas que devem ser resolvidos com objetividade no terreno ideológico político e mi-

litar, as divergências passaram a depender da ação unida e comum contra o agressor odiado e cruel.

Ideològicamente a questão fundamental é a da soberania da auto-determinação, de governo próprio. Nesse ponto é que encontramos a base capaz de unir os povos para as batalhas em curso, nas quais jogamos os destinos da Civilização. Sem uma compreensão justa do carater de libertação que esta guerra assumiu e que vem, no processo de mobilização, se acentuando, ficaremos longe de atingir a formação da unidade indispensavel para o seu final vitorioso a favor das Nações Unidas.

E' verdade, contudo que a liberdade e a democracia serão o fruto natural desta guerra cruenta, como definiram Churchill, Roosevelt e Stalin e como referendou o Chanceller Osvaldo Aranha, interpretando o pensamento do govêrno e do povo brasileiro.

E' precisamente nesse espírito que reside o alicerce de nossa unidade política. O governo, como todas as demais forças nacionais ,sobrepõe ou subordina atualmente todas as suas energias para um único objetivo : Vencer a guerra sem demora. E' errado e tambem estremamente perigoso acusar a ideologia ou a crença dos que realizam ou querem realizar os esforços de guerra, como de outro lado não contribue para a unidade fomentar discórdias, ou reavivar antigas pendências, com reinvindicações inoportunas.

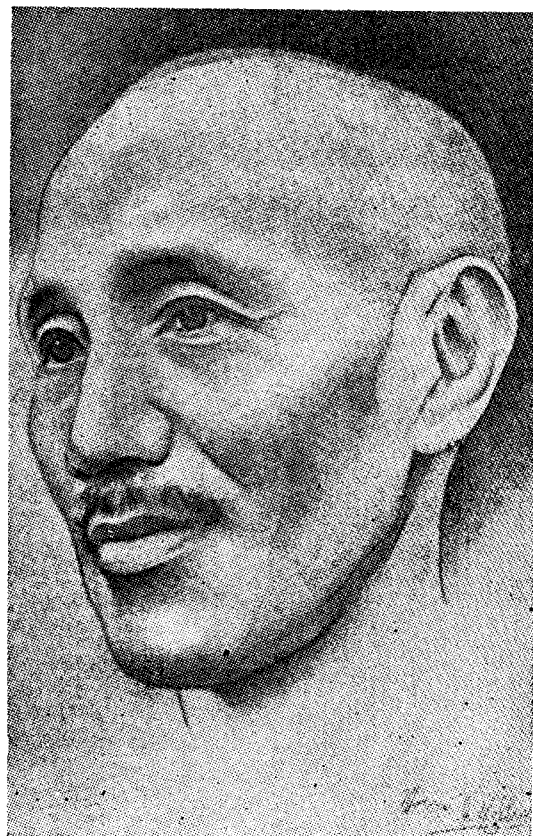
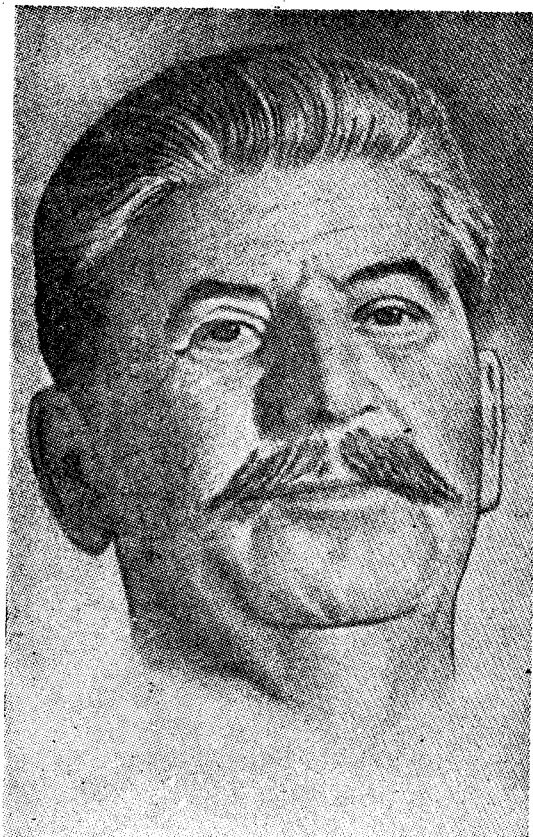
O patriotismo e a visão política das correntes de opinião devem, de uma vez por todas, sentir que o govêrno oferece condições para nos entregarmos a uma cooperação ativa afim de ganharmos a guerra. Impossivel seria e, ao mesmo tempo absurdo, contrapormos ao esforço de guerra governamental — e diante da responsabilida-

de dos compromissos assumidos pelo Brasil — outro esforço sem conjugação, embora com idêntico objetivo.

E' claro que somente a 5.ª coluna lucrará com isso. Não podemos nos iludir sobre a missão que os integralistas, os muniquistas, os falangistas de Franco e a coorte de espiões e sabotadores têm na nossa pátria. Se no cenário internacional, a Conferência de Teeran, demonstrando a determinação de unidade mundial dos povos liquidou as pretensões divisionistas da 5.ª coluna, cumpre-nos no Brasil, através da unidade nacional, esmagar, as semelhantes intenções. Daí caminharemos para a luta militar com um espírito ofensivo cada dia maior. A coligação anti-hitlerista tem o dever imediato de vencer o nazismo. Para os Anglo-americanos, como os Aliados mais potentes da União Soviética na luta contra a Alemanha, o compromisso é lançar suas forças no ataque à Europa Ocidental. Isto sim consolidará a unidade, apressará a vitória, tirará as massas da fome e da miseria que o prolongamento da guerra acarreta, especialmente para os trabalhadores.

O Corpo Expedicionário é a melhor resposta do Brasil à Conferência de Teeran. O Governo e o Povo sabem que o seu dever para conservarem a liberdade da Pátria é o de lutarem nos campos de batalha da Europa e de se organizarem para o trabalho, o abastecimento e o apoio de todas as maneiras, aos que defendem e defenderão nosso direito à liberdade, ao pão, ao progresso e à paz.

A estrada da liberdade é hoje, a que nos leva a Berlim. A forma de luta é a União Nacional. Arma para vencer Hitler é o Corpo Expedicionário.

Que os brasileiros compreendam isso e se mobilizem sem medir sacrifícios.

MANIFESTO

AOS INTELECTUAIS BRASILEIROS; AOS ARTISTAS EM GERAL; A TODOS OS HOMENS DE PENSAMENTO ANTI-FASCISTA

A LIGA DA DEFESA NACIONAL, por intermedio do seu Departamento de Difusão Cultural, vos dirige estas palavras, no momento em que se comemora o 2.° aniversário do rompimento das relações diplomáticas com os países agressores do eixo-totalitário.

A ameaça que o nipo-nazi-facismo representa para o mundo é facil de compreender. Imaginemos o que seria da arte, em todos os seus ramos, e dos artistas em todas as suas atividades, se o obscurantismo conseguisse vencer e impor o furor da sua nova ordem, sufocando as vocações, limitando nos moldes facistas o pensamento creador do artista, torturando a imaginação, impedindo o livre cambio das idéias, suprimindo a liberdade de palavra, na monstruosa obcessão da disciplina partidária e da disciplina das tropas de assalto.

Nada ficaria de pé, nada subsistiria além do facismo, como nada ficou de pé por onde as hordas barbaras de Hitler passaram com a sua psicose de dominio e destruição.

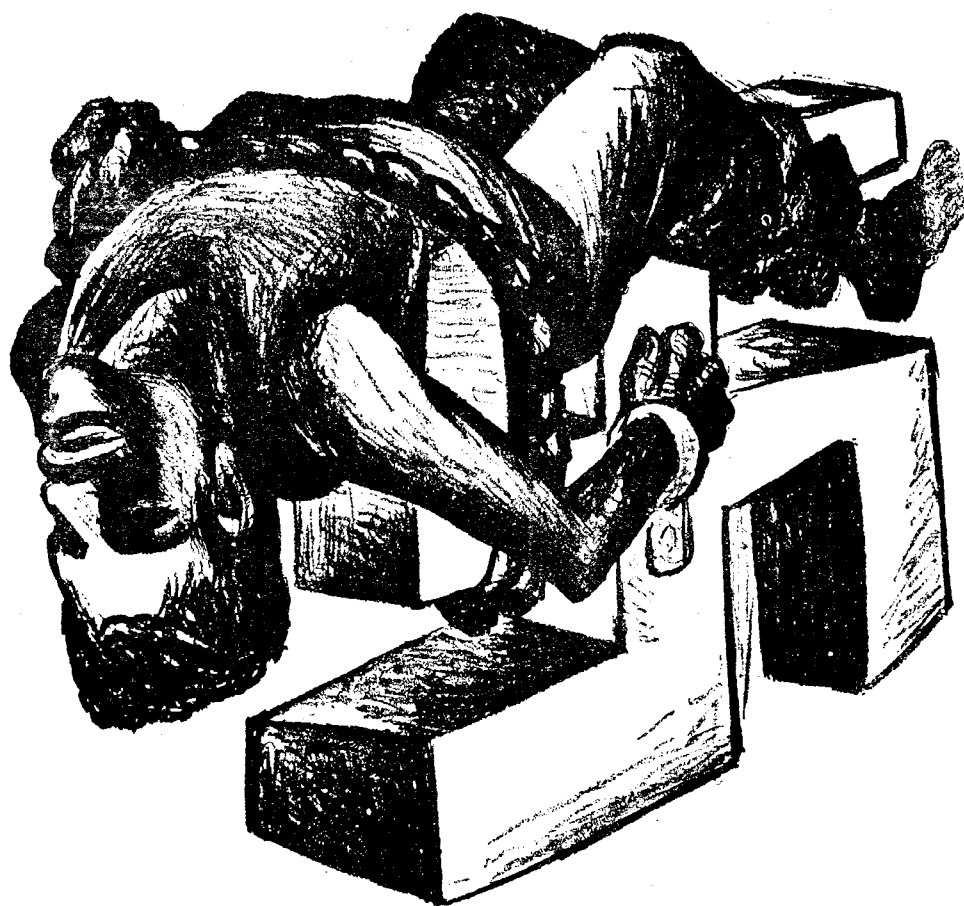
A vós outros, intelectuais brasileiros, escritores, mestres e professores, só se apresentaria a alternativa de renunciar ou lutar. A renuncia seria o fim do mundo moral e da liberdade. Lutar era e é o caminho dos homens livres. Felizmente para nós e para a humanidade o facismo não venceu. Mas ainda vive e luta contra nós. Precisamos, então destruí-lo para que possamos continuar dignos e livres. E' a nossa alternativa.

Na Inglaterra, nos Estados Unidos, na União Sovietica, na China, os artistas, os estudantes, os professores, os escritores se uniram na mobilisação dos seus esforços para ajudar os seus soldados a vencer esta guerra.

Nunca foi tão urgente para o Brasil que os seus escritores, os seus artistas em geral, os seus técnicos, que todos os homens de pensamento, responsáveis pela cultura, pelas artes, pelas ciências, se unam num largo movimento de opinião, incorporando-se à caudal patriótica da União Nacional. E' esta a grande oportunidade que se abre a todos que amam a liberdade e a democracia, de lutar organizados nesta etapa da guerra para o esmagamento definitivo e no mais curto prazo do nipo-nazi-facismo opressor. E' esta a grande oportunidade, mormente na hora em que o Brasil organiza a sua FORÇA EXPEDICIONARIA — expressão magnifica da vontade de luta do seu povo para a nossa participação efetiva na guerra, fazendo a guerra nos campos de batalha da Europa, participando da abertura da segunda frente, ao lado dos soldados dos exércitos aliados, segunda frente anciosamente esperada pelo mundo democrático e por todos aqueles que tiveram temporariámente ocupados os seus países, destruidos os seus lares, os seus monumentos de arte, as suas igrejas, as suas bibliotécas, as suas universidades e museus, por todos aqueles que esperam vingança para tantas misérias, tantos horrôres e tantas maldades.

Aos intelectuais brasileiros anti-fascistas cabe responsabilidade tão grande, frente a conciência nacional, quanto é grande a responsabilidade dos homens que se preparam nos campos de treinamento militar. Aos militares incumbe a destruição material do inimigo nos rudes combates das armas. Aos intelectuais incumbe a destruição do pensamento nazista, opondo o pensamento livre nas escolas, nos jornais, revistas e nos livros, em conferências, participando da luta para que o homem de após guerra possa viver sem temor da opressão e da tirania nazista. Aos intelectuais incumbe colaborar na preparação e organização do mundo novo — o mundo de paz e felicidade para todos.

A Liga da Defesa Nacional aproveita este segundo aniversário do rompimento com os países agressores nazi-facistas para esta mensagem de fé na luta, e se dirige a todos os intelectuais anti-fascistas, conclamando-os para a luta organizada contra o

CARTAZ MEXICANO DOS ALEMÃES DEMOCRATAS

O HOMEM NA SOCIEDADE NAZISTA

quinta-colunismo manhoso e sutil, que procura entravar o nosso esforço de guerra, que procura obstar, minar e enfraquecer a União Nacional com o Presidente Vargas para a Vitória, que procura arrefecer o entusiasmo anti-totalitário das massas populares, no seu odio sagrado contra os barbaros escravisadores de povos e de nações.

Olhemos o passado e nos detenhamos frente aos exemplos de outros povos. Foi a diferença ideológica, as quesilhas, entre facções, as incompatibilidades pessoais, que levaram os nazistas às primeiras vitórias ,ao dominio temporário de nações soberanas, ao encarceramento de trabalhadores, de artistas, de professores e estudantes, e, inumeras vezes ao fusilamento desses patriótas que se opuseram às forças da destruição fascista.

A Liga da Defesa Nacional confia na Vitoria e Luta pela Vitoria das Nações Unidas. E é por isso que se constituiu numa trincheira de onde dirige as suas campanhas pelo Brasil, de onde mobiliza a opinião publica para a guerra e para a luta ativa contra a quinta-coluna, cuja ponta de lança em nosso país foi e continua a ser o "integralismo estrangeirado", na feliz expressão do Ministro José Américo de Almeida.

Intelectuais do Brasil — escritores e jornalistas, poetas, artistas plasticos e compositores — tendes tambem um lugar marcado nesta guerra contra o facismo. Vinde ocupá-lo sem demora, a-fim-de que, de forma organizada, possais colaborar para o apressamento da Vitória final.

(Do Departamento de Difusão Cultural da L. D. N.).

O PAPEL DO ARTISTA EM TEMPO DE GUERRA

OSORIO CESAR

(Especial para "Esfera").

Num numero da revista americana "The Art Digest", encontra-se um artigo da redação que traz o seguinte e sugestivo titulo: "The Role of the Artist in Wartime — Cultural Question Number One". Isto é: "O Papel do artista em tempo de guerra — Questão Cultural N.° 1".

Começa o artigo com esta pergunta: "O que pode o artista americano fazer para ajudar o seu pais a ganhar a guerra?"

Essa questão foi lançada nos meios artisticos dos Estados Unidos, com debates acalorados e com resultados surpreendentes, que podem servir de exemplos para o nosso pais.

Como responderam os artistas norte-americanos a esse inquerito? Alguns dentre eles acharam que a arte é um negocio como outro qualquer. Outros mais radicais, pedem aos artistas do pais para porem de lado seus pinceis e apetrechos e alistarem-se num corpo do exercito. Foi esta resposta a que teve maior repercussão. O articulista critica severamente este ponto de vista dos artistas e argumenta que nunca viu ninguem pedir aos pedreiros para deixarem as suas pás e alistarem-se nas forças armadas.

O verdadeiro papel do artista está entre os dois extremos. Naturalmente que como qualquer outra classe, o artista americano deve tambem responder, individualmente, a chamada de incorporação de seu pais. Mas, enquanto aguardam essa chamada, podem melhor servir a patria na qualidade de Artistas.

Vejamos como os artistas responderam a esse apelo.

Murais

No Sul da California, os artistas da W. P. A. pintaram quadros de propaganda militar para exaltar a moral da guerra. Pintaram murais e quadros de cavalete para as forças armadas. Esses trabalhos se destinaram às bases da marinha: base naval de exercício, base de torpedos de São Diogo, para as forças do forte de Mac Arthur e para o campo de aviação de Long Beach.

A maioria dos assuntos expostos era cenas de batalhas. Eles foram tambem colocados nas bibliotecas e nas paredes dos museus.

Os artistas pedem união

Com esta palavra de ordem, em varias partes do pais, os artistas se ajuntaram em grupos afim de poderem mais rapidamente e eficientemente contribuir junto ao governo para a crise nacional. Esses grupos se destacaram assim: em Nova York — o "Artists Societies for National Defense", o "National Art Council for Defense" e os grupos compostos da "Illustrators Societie" e do "Art Directors Club". Em outras cidades organizações semelhantes surgiram porem com resultados pouco satisfatorios. Para maior rendimento e unidade de trabalho a "Federation of Modern Painters and Scultors" traçou um plano no qual solicitava a incorporação de todos esses grupos isolados em uma só organização com um plano unico. Em seu manifesto encontra-se o seguinte trecho com as tarefas que ela propõe realizar: "Nesta epoca o bem estar nacional está acima de tudo e por isso todas as incompatibilidades individuais devem ser eliminadas. Sugerimos que todas as sociedades de arte devem ser reunidas definitivamente em uma só organização.

"A Federação apresenta tres téses sob um plano principal:

1.°) Qual o trabalho necessario a ser feito? Cartazes, camouflages, ilustrações documentarias de ação para a defesa da linha de frente, murais, arquitetura (copia), almanaques, exposições etc.

2.°) Como este trabalho deve ser controlado Em primeiro lugar deve ser feita uma investigação do que já tem sido realizado pelo governo e depois investigar os novos projetos.

3.°) Que faz o artista e onde é ele necessario para realizar as diferentes especies de trabalhos?

Um questionario experimental foi formulado pela "National Art Council for Defense", tendo em mira registrar todos os artistas e a especie de trabalho que estão aptos a fazer. Todo artista deve ser qualificado um por um e a sua transferencia selecionada.

A arte como um ativo nacional

Não deve ser compreendido que todos os artistas façam somente cartazes e pinturas para o ativo nacional. Tambem o espirito creador deve ser considerado para esse ativo durante a emergencia afim do povo poder esquecer a guerra de nervos em presença da beleza da obra creadora do artista.

Dentro deste ponto de vista é importante que o artista trabalhe tambem como puro artista. Duncan Phillips, fundador da "The Phillips Memorial Art Gallery in Washington", defende esta tése claramente.

"Pode a arte continuar como ela é? Sendo assim, pode prejudicar o bem estar da Nação e do Mundo?

"Devemos estar lembrados que a inteligencia e as mãos dos homens são creadoras, muito embora um tanto dessemelhantes entre si, contudo igual de uma maneira geral em todo o mundo. Quando digo que a arte pode e deve servir a humanidade eu não me refiro somente aos poucos cartazistas e decoradores que, justamente como os escritores apaixonados, serão uteis para tirar-nos da letargia com exaltação, comentarios e propaganda. Eu não digo que a arte por amôr é "tocar rabeca enquanto Roma encendeia-se". Tambem não menciono que os Museus e as Escolas de Arte devem ser fechadas e que a arte seja uma forma de escape e que nos acalme quando necessitamos estar tensos, ferozes e resolutos.

"Se é para escapar-se da morte para a vida, do aborrecimento para o alivio da alma, da destruição para a creação, do desespero da humanidade para a apreciação de varias subtilezas da sensibilidade humana, qualidades essas do raciccinio humano que sobrevive seculos e zomba dos conquistadores e depois desvia-se, tão distante quanto possivel, então deve-se sanear a vida e pensar o que uma civilização ameaçada necessita para justificar a luta e dar-lhe propositos adicionais.

Necessitamos da arte como prazer, como purificação. Necessitamos de Galerias de arte abertas para fortificar a nossa mente com as novas aventuras do artista creador.

"Consta-me que na China os artistas estão nas trincheiras sem que a guerra tenha tirado deles o amor pela instrução e pela arte. No centro de Londres, durante a "Blitzkrieg", a arte continuou a sua tarefa.

"A sinceridade do artista é sempre esperada e acatada.

"Em conclusão, o que é a arte num mundo de guerra? Ela não pode desviar-se da verdade. A arte é uma comunicação social e um ativo nacional porem nunca maior do que quando ha um milagre de expressão pessoal. Devemos então mobilisar a nossa nação.

Os deveres do artista

Dez dias depois que a guerra foi declarada, nos Estados Unidos, 15 artistas de Washington, D. C. se reuniram no estudio de William Calfée para discutir os serviços gerais para a comunidade que eles pudessem realizar como cidadãos e os serviços especiais que pudessem organizar como artistas. O grupo: Paul Arlt, Jack Berkman, William Calfée, Walter Carnelli, Nicolai Cikovsky, Julia Echel, Robert Gates, Dorothea Greenbaum, Mitchell Jamiesan, Sheffield Kagy, Richard Kenah, Dustin Rice, Leo Steppart, Prentiss Taylor e Nan Watson, formularam o seguinte bem considerado relatorio:

"1) Este grupo considera que em tempo normal o dever de todo o artista é produzir o melhor que possa; entretanto essa emergencia clama para cada um, esforço extra a-fim-de manter os mais altos estandartes.

"2) Acreditam no estimulo da pro-

POGROM — Lasar Segall

dução de pinturas creadoras como uma atividade contemporanea em relação a teoria que a maior contribuição de qualquer pessoa não alistada na defesa atual das atividades da guerra, pode ser util na emergencia presente, fazendo do seu serviço particular o melhor possivel.

"3) Pensam que os artistas devem oferecer os seus serviços em todos os setores publicos para a execução de ideias e projetos tidos como necessarios durante a presente emergencia.

"4) Pensam que os artistas devem contribuir com os seus serviços para os centros de recrutamento, seja para manter exposição neles, ensinando os homens no serviço, pelas decorações, ou de qualquer maneira como as do exercito e marinha e que possam ser uteis para deixar esses centros mais atrativos."

Esse apanhado geral que fizemos da atitude dos artistas plasticos nos Estados Unidos em face da guerra deveria servir de exemplo para os nossos pintores e escultores.

Temos entre nós uma associação de classe que é o Sindicato dos Artistas Plasticos de São Paulo. Entretanto essa associação que encerra quasi todos os artistas, pintores e escultores de São Paulo, até hoje nada fez nesse sentido. É de lamentar.

EXPERIENCIA

OSORIO BORBA

(Especial para "Esfera")

Esta guerra nas suas proporções inéditas, na extensão das calamidades que desencadeou, constitue tambem uma fonte incomparavel de ensinamentos. Seu próprio alcance, literalmente mundial, não deixou de surpreender muitos dos observadores, habituados a tomar, no íntimo, como uma força de expressão ,o conceito de universalidade atribuido ao conflito que se vinha prevendo durante cêrca de um decênio. Por mais que, nos comentários e nas previsões em torno das origens da guerra, encarassem os mais bem informados a perspectiva de uma luta a que não escaparia nenhuma parte do mundo, é evidente que, sob esse aspecto mesmo de amplitude da catástrofe, o homem da rua, em todo o mundo, não a previu como um fato rigorosamente de repercussão universal, e se surpreendeu em ver como na realidade não houve Estado ou povo, em toda a face do globo, que não sentisse mais ou menos diretamente os efeitos da guerra. A partir dessa consideração inicial, tudo na conflagração atual tem sido uma incessante retificação de êrros e preconceitos, uma destruição de ilusões funestas.

Não podemos saber até que ponto as multidões que estão aplaudindo nos cinemas os líderes da luta anti-fascista e vaiando os ditadores totalitarios, num filme retrospectivo dos últimos vinte anos ("Unidos Venceremos"), apreenderão exatamente o sentido daquela serie de episódios só na aparencia isolados — alianças, invasões, violações de tratados, capitulações, revoluções fomentadas de fora, conquistas impunes — que são na realidade uma sequência de fatos históricos encadeados por uma lógica implacavel. Todos aqueles atos de força das ditaduras, que, no espaço de oito ou dez anos, deixaram a opinião mundial indiferente ou disposta à tolerancia para com a agressão e a conquista, sob o efeito da propaganda interessada, eram apenas os primordios, os ensaios, as primeiras experiências do plano de conquista mundial do fascismo.

E' bem curioso recordar agora um dos mais estúpidos e generalizados desses equívocos relacionados com a guerra atual: a ilusão da imunidade dos paises distantes aos perigos do conflito. Essa estupidez coletiva — na realidade alimentada no espírito das multidões por líderes e teóricos do reacionarismo simpatizante das ditaduras fascistas — criou nos Estados Unidos a mística do isolacionismo. São, por sinal, os mesmos propagandistas desse equívoco, descoroçoados pela traição de Pearl Harbour, que ainda hoje, acompanhando a evolução dos fatos ao sabor dos seus preconceitos e interesses pregam uma nova espécie não menos nefasta de isolacionismo, dividindo a guerra ,tentando quebrar a perfeita união que tem de haver entre as Nações inimigas do "Eixo" para que possam vencer, ensaiando uma campanha de opinião contra a Russia, fazendo acintes à China e aos seus líderes, como no episódio inconcebivel da Câmara com referência à sra. Chiang-Kai-Shek.

O Brasil conheceu tambem um obstinado e impenitente isolacionismo, que somente foi cedendo ao império dos fatos inelutaveis. Devemos todos lembrar-nos de que muitos dos imprevistos anti-nazistas de certa categoria de hoje ainda pregavam o absenteismo completo do Brasil, a política do avestruz, a tese da neutralidade absoluta e "irrepreensivel", quando já a nossa navegação sofria nos mares distantes os efeitos da furia desembestada do totalitarismo. O Brasil, para eles, estava fora do alcance da crise mundial, era um recanto estanque e inviolavel do planeta. Não tardou que a marinha mercante do país privilegiado experimentasse perdas vitais, com o sacrifício de centenas de vidas brasileiras, pelo simples fato de haver o Brasil interrompido suas relações com as potências agressoras. E pouco depois tínhamos uma demonstração sem dúvida ainda mais convincente e definitiva da nossa proclamada possibilidade de alheiamento da guerra, da nossa famosa imunidade aos seus efeitos. A população do país que produz açucar de mais, que exporta açucar a preços de sacrifício para manter o preço interno, passou a sofrer diariamente o martírio de horas a fio nas "filas" para adquirir o direito de gastar as suas cem gramas de açucar por dia.

A Comissão Executiva da Liga da Defeza Nacional

"A IDEIA DA CIVILIZAÇÃO SE ENCERRA EM LIBERDADE"

EXPRESSIVAS DECLARAÇÕES DO PRESIDENTE DA LIGA DA DEFEZA NACIONAL

A Liga da Defeza Nacional é um dos pontos altos da luta contra o nipo-nazi-fascio-integralismo.

Desde o rompimento das nossas relações diplomáticas com as potências agressoras, mobilizou-se a grande entidade. Associação de raizes ainda novas, porisso que o seu aparecimento foi um imperativo da entrada do Brasil na primeira conflagração mundial, mostrou-se logo à altura do seu magnífico passado e, corregando-se de seiva nova, de novos ramos atrevidos, passou a viver horas de exemplar fervor. As mensagens da Liga da Defeza Nacional; os "slogans" impressivos que lança e que o povo grava no coração; os seus apelos veementes e persuasivos em prol da união nacional; as suas campanhas de todos os dias — os comícios, as feiras, as exposições, as conferências — constituem algo de inestimavel no computo do nosso esfôrço de guerra e uma das vivas contribuições para a mobilização psicológica do povo brasileiro.

À frente da Liga da Defeza Nacional acha-se um eminente brasileiro, o Ministro Leopoldo Cunha Melo.

Ao procurar ouví-lo, "Esfera" tinha a certeza de que buscava, para transmitir ao Brasil, a palavra de um lider, equilibrada e norteadora.

A CARTA DO ATLANTICO

— Na Carta do Atlântico — esclarece logo o dr. Cunha Melo, ao ouvir a primeira de nossas interpelações — estão as linhas mestras do Mundo de após guerra. Na plasticidade dos principios alí escritos haverá logar para a solução dos complexos e complicados problema sque o choque de interesses dos países vencedores certamente criará. O que deve constituir — o alfa e o ômega — de todas as cogitações — será varrer do mundo os regimes de arbítrio, de fôrça, de agressão. O totalitarismo é um regime a um só tempo, de opressão do Capital e do Trabalho. Avilta a personalidade humana em benefício da onipotência do Estado que foi uma instituição concebida e realizada pelo homem para protegê-lo, assistí-lo, benefiá-lo e não para fazê-lo instrumento do poder e escravo de suas vontades".

PAISAGEM DAS CONQUISTAS ALIADAS

— A guerra — responde-nos, agora, o Presidente da Liga da Defeza Nacional—embora o nipo-nazi-fascismo ainda esteja muito forte, em condições de encurralar-se em suas fronteiras para resistir por muito tempo, está ganha. A Africa está inteiramente de posse dos Aliados. Na Europa, a Rússia enxota do seu território as tropas alemãs, fazendo-as recuar à custa de tremendos sacrifícios. Pela Itália a dentro, avançam os exércitos anglo-americanos, libertando esse triste comparsa do Eixo da aventura a que o

conduziu o caricato Mussoline. Do Pacífico, ha muito que não vem a notícia de qualquer êxito amarelo. A cilada de Pearl Harbour, o atentado contra as Américas, está prestes a ser vingado. A RAF gloriosa, à luz do sol, e, às vezes, iluminada pelos próprios refletores nazistas, castiga-lhes, dentro da própria Alemanha, a insolência, infringindo-lhes tremendas punições".

O MUNDO DE APÓS GUERRA

O mundo de após guerra tem sido um dos mais palpitantes assuntos que já começa a ser debatido e comentado. O nosso entrevistado percebeu que desejavamos ouvir algo sobre o assunto e adiantou:

— "Depois de vencer a guerra, os Aliados têm a enfrentar a conquista da paz, cujos problemas por complexos e complicados, não podem ser discutidos com precipitações. Essa é a grande missão que lhes cabe perante o mundo, como responsáveis pela Vitória dos ideais que lhe poderão assegurar paz e tranquilidade jamais perturbadas por novos tiranos. Está a encerrar-se o ciclo dessa tragédia dolorosamente vivida desde Setembro de 1937, durante a qual a humanidade esteve entregue tôda a uma luta de extermínio, de vida e morte, contra o regime da violência e da agressão de que Hitler foi uma figura apocaliptica encerrando em si só — a guerra, a morte, a peste e a fome. E, então, os Aliados têm que garantir ao Mundo uma nova organização, tempos outros e longos nos quais o homem passe a viver feliz, compensado dos sofrimentos por que passou. Findo o período em que só se cuidou de produzir para matar, uns agredindo, outros se defendendo, devemos entrar num outro em que, em logar de campos de concentração e sepulturas, espalhadas por tôda a parte, no mar e em terra, tenhamos hospitais, escolas, fábricas, tudo quanto possa significar para o homem assistência ao corpo e ao espírito e garantia de trabalho para viver dignamente. A ideia de civilização se encerra em liberdade e liberdade é afirmação dos direitos do homem, dos sentimentos que o têm dignificado".

A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL

Ainda faltava o principal: a participação efetiva do Brasil nesta guerra imposta ao Continente Americano. O Dr. Cunha Melo conduz otimamente o interesse dos assuntos que significam o verdadeiro panorama de luta da Liga da Defeza Nacional. Começa então a dizer alguma coisa sobre essa reinvindicação do povo brasileiro: "O Brasil irá com as suas fôrças levar aos campos da luta, onde quer que seja necessário, a sua colaboração de honra. Vencer sem luta, já disse um festejado poeta, é triunfar sem glória. Escrevemos nesta guerra a página mais gloriosa, o exemplo mais nobre de solidariedade continental e humana. Não nos levou a participar dessa luta qualquer ideia de conquista, quiçá doutro interesse, porque nela intervimos honrando os nossos compromissos assumidos na Conferência de Havana, em Julho de 1940, e na prática da nossa imemorial política pan-americanista. Da luta em que assim nos envolvemos, ademais depois de agredidos, vamos sair maiores,, mais fortes, mais altos no respeito e na consideração dos nossos aliados, mesmo dos nossos próprios adversários. Da nossa prosperidade material, do crescimento do nosso poder militar, nos aproveitaremos, hoje, como amanhã, sempre na defeza de nossas fronteiras, guardando a herança inestimável que nos deixaram os nossos colonizadores e, como fizemos, agora, em benefício das pátrias livres da América e dos povos que o nipo-nazi-fascismo quis escravizar. No Continente sul-americano seremos sempre o líder desses princípios, a autoridade suprema que os fará respeitar. Nestas palavras, com este programa se definem os homens que em 1918, estiveram, e agora estão à frente da Liga da Defeza Nacional".

Estava, com estas palavras finais encerrada a nossa entrevista com o Ministro Cunha Melo que esclareceu suficientemente os propósitos patrióticos e democráticos dessa grande entidade brasileira que é a Liga da Defeza Nacional.

"Juramos brasileiros, exterminar o integralismo"

Discurso pronunciado pelo Prof. Waldir Medeiros Duarte no Comício do Teatro Municipal em nome da Liga da Defeza Nacional:

"Brasileiros:

A palavra da Liga de Defesa Nacional não traduz apenas o pensamento de sua fração dirigente. A palavra da L. D. N. é a própria palavra do povo, de cujas aspirações tem sido a interprete fiel e devotada através sua conduta justa e eficiente. A palavra da Liga é a expressão sábia de princípios e de firme orientação patriotica.

A sua vigorosa intransigencia em não se afastar dos rumos traçados; a sua inabalavel conciencia de que está integrada na luta pela defesa da pátria; a sua indiscutivel posição de apoio real e eficiente á politica de guerra do governo, fazem da Liga da Defesa Nacional a mais invencivel trincheira da Liberdade, intransponivel reduto da frente interna, interprete da vontade soberana de milhões de brasileiros

Por isso a Liga faz do dia 28 de janeiro o dia da persistente batalha que vamos travando contra a quinta coluna, assestando-lhe golpes vigorosos contra as suas manobras divisionistas e desagregadoras.

Por isso estamos trilhando o caminho certo e único da União Nacional para a Vitória.

Por isso, neste 28 de janeiro, estamos forjando a mobilização total para concretizar nos campos da Europa a Força Expedicionária Brasileira.

O rompimento das relações diplomáti-

Aspecto da massa confiante na Vitória

O Ministro Oswaldo Aranha quando pronunciava o seu memoravel discurso

cas do Brasil com os paises do eixo, que hoje comemoramos e as medidas posteriores tomadas contra a quinta-coluna, não deixam lugar a duvidas quanto a determinação de nosso governo de levarem a guerra pelo seu extermínio até às últimas consequências.

Mas isso não quer dizer que a quinta-coluna tenha deixado de existir ou esteja desorganizada. Si a quinta-coluna se esconde em face desta grandiosa manifestação do povo, não vamos nos iludir. E si o povo argentino consegue, finalmente, ver afastado de sua pátria e do sólo americano a odiada máquina traiçoeira do inimigo, ainda uma vez, o patriotismo e a ação da América e do povo devem estar alertas.

Em terras americanas, os submarinos desembarcaram agentes encarregados de preparar golpes armados contra nossos paises. Na gloriosa terra livre que defendemos a quinta-coluna procura desviar a atenção de nosso povo da guerra contra Hitler. Pretendem nos distrair e nos afastar da luta. Pretendem desagregar nossa férrea Unidade de ação na luta pela Liberdade.

Brasileiros !

Que inimigo interno devemos aniquilar? De que inimigo juramos limpar a nossa Pátria? Juramos, brasileiros, exterminar o integralismo.

O integralismo é o centro que a quinta-coluna conta em nossa Pátria para nos apunhalar pelas costas. E' o integralismo o antro da traição e da espionagem com que nossos inimigos esperam levar a nossa Patria á discordia e á derrota.

Brasileiros!

Que reivindicamos neste momento contra o integralismo e a quinta-coluna? Reivindicamos julgar esses traidores da Pátria. Para vingança de nossos mortos, o povo brasileiro reivindica a punição de Plinio Salgado, de von Cossel e de toda a sua corja de bandidos.

Meus concidadãos:

O caminho da União Nacional está aberto, diante do perigo hitlerista, a todas as forças da Pátria, a todos os homens que amam e desejam verdadeiramente a Independencia, o Progresso e a Paz para o nosso país.

E' a União dos Povos que está levando de vencida o imperialismo germano-fascista. Afirmação categórica de que esta guerra não não está travada apenas entre determinadas nações. Esta é a nossa guerra a guerra do povo — "uma guerra definitiva da conciencia, da Liberdade e da dignidade dos homens".

A Unidade que se consolida mundialmente, independente de credos, tendencias ou convicções, deve servir de exemplo para todos os que aspiram a Liberdade e a Democracia, afim de conduzirmos os Exércitos da Libertação para o esmagamento total do hitlerismo, afastando decididamente todos os obstaculos á marcha vitoriosa da guerra.

A declaração de guerra, a assinatura da carta do Atlântico e do Pacto das Nações Unidas, a adesão ao Comité de Auxílio e Reabilitação, e a posição do nosso governo em face da Conferência de Teerã, demonstram o rumo exato de nossas aspirações democráticas. Esse rumo não deixa duvidas quanto aos propósitos do nosso governo de aumentar cada vez mais os laços que nos ligam ao conjunto das Nações Unidas, irmanando nosso povo pela solidariedade aos demais povos amantes da Liberdade.

Que devemos fazer para a consolidação da Unidade para a Vitória?

As dificuldades econômicas de nosso país ou as debilidades de nossas forças políticas não podem ser invocadas pelos brasileiros, com razão para não se mobilizarem, afim de vencer a guerra patriótica.

A todas as forças vivas da Pátria se impõe não medir sacrifícios para um total esforço de guerra. Esquecendo todas as divergencias, abandonando as questões secundárias, congraçando a família brasileira e encarando patriótica e honestamente o magno problema da Força Expedicionária é que o povo e o Governo forjam a União Nacional para a Vitória.

Brasileiros!

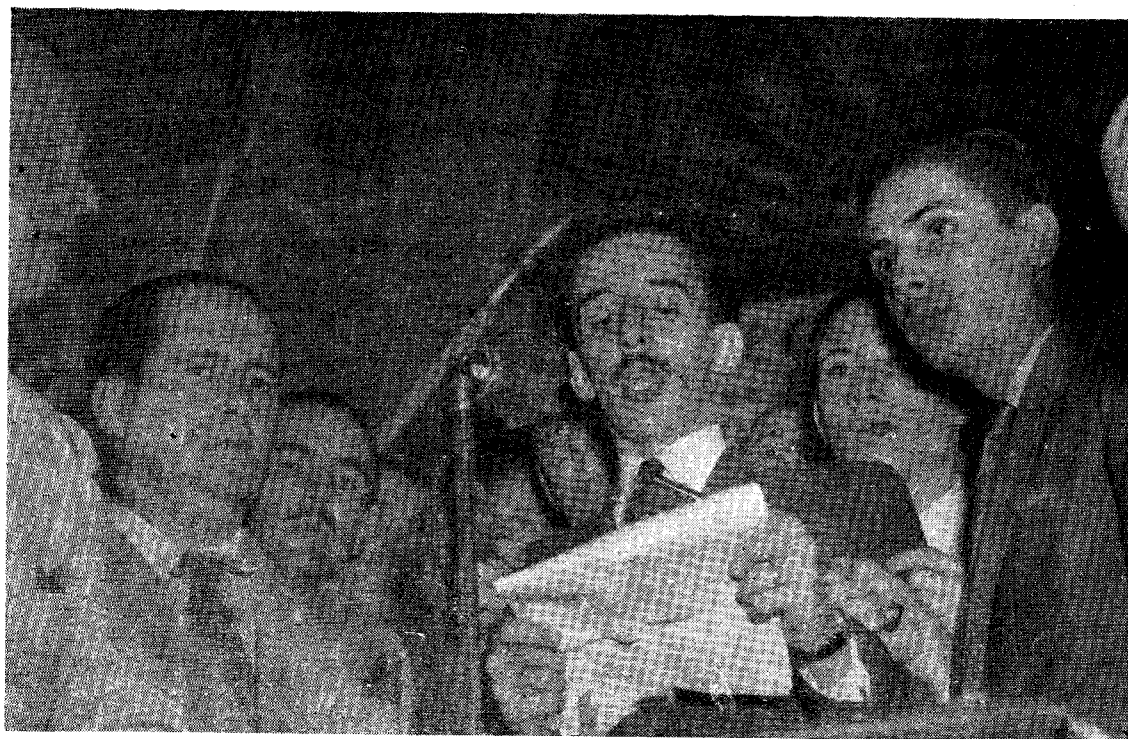
A tarefa fundamental para todos os povos unidos na guerra contra o imperialismo alemão é a segunda frente na Europa Ocidental. O formidavel poderio militar e economico dos aliados, do glorioso Exercito Vermelho — fruto da unidade do heroico povo soviético — deve cair como um raio sobre a Europa Ocidental. A especulação de Goebls sobre a Fortaleza Européia não passa mesmo de especulação é fanfarronice.

Será funesto e até criminoso perdermos um minuto retardando a segunda-frente.

Vamos permitir mais vitimas? Vamos permitir que Hitler continue sacrificando as grandes vozes do povo europeu pela Liberdade ? Vamos permitir que Hitler ganhe tempo e manobre para romper o cerco de aço das armas da Democracia?

Brasileiros!

Respondemos que não. Levaremos com os soldados da Força Expedicionária o sangue de nossos filhos, o odio de nossa gente, o heroismo de nossos maiores aos campos de batalha.

Pelos martires da Independencia—pelos inocentes sacrificados — pela Vitória da nossa Bandeira — os soldados do Brasil honrarão nossa Pátria e nosso povo".

Prof. Waldir Medeiros Duarte falando em nome da L. D. N.

VAI OU NÃO VAI ?

Rivadavia de Souza

(Especial para "Esfera")

Ultimamente, um dos aspétos do quotidiano brasileiro que mais me tem impressionado é a tremenda luta, mais ou menos surda e muda, para que todos se integrem na unidade nacional. O facil temperamento imaginativo do nosso povo tem feito com que certos "slogans" da nossa política sejam repetidos sem o mais leve conteúdo ideológico. Falam os lideres na necessidade da união nacional. Repetem os leitores e ouvintes dos líderes as mesmas frases organisadas. Transforma-se a palavra de ordem em logar comum. E começam os espiritos a sofrer o choque entre a chapa repetida e a falta de correspondência no clima político da Nação. Si cada um de nós, simpatisantes melancólicos da direita, partidarios vacilantes do centro e ardorosos lutadores da esquerda, fizer um exame de consciência, sem procurar fugir ao interrogatório leal do travesseiro, chegaremos à conclusão de que ninguem fez, até agora, nada para realizar, integralmente, a verdadeira união nacional. Basta colocarmos de parte alguns gestos patéticos ,abafados pelos rigores das circunstancias, esplendidos no seu isolamento entre o mar e a montanha, e no mais persistem a desconfiança, a falta de amor à verdade, a negação tácita do entendimento aberto, o "perfeitamente" acompanhado de um piscar de olho, o "não pode ser" grifado de sorrisos dubitativos, o "salve êle" que não se sabe si é uma saudação ou um grito de ironia. Assim não pode ser. Creio que a melhor maneira de reunir os brasileiros em torno de uma mesma bandeira é falar claro. Nossos articulistas de jornal são poucos e todos eles trabalhados por interesses completamente extranhos às necessidades do momento. Uns fazem questão de exibir deante do público certas intimidades com o Chefe do Govêrno. Outros, cáem no excesso contrário: ostentam uma posição de independência equivoca, que, não sendo abertamente de oposição, é antes de desconfiança. E ainda existem os que só defedem os interesses do próprio bolso. Com tudo isso ,o povo se desorienta. Não possuimos partidos políticos. Não fazemos propaganda doutrinária. Construimos a nossa solidariedade às Nações Unidas de uma fórma que não satisfaz as exigências psicológicas da massa. Quem acusar o Govêrno de sonegar seu apôio à luta de extermínio contra o Eixo estará errado. Aí estão as bases aéreas do nordeste, formidavel cabeça de ponte, para o assalto à Africa do Norte. Temos fornecido à América do Norte nossos melhores minérios: mica, cristal de rocha, tantalita, etc. No "front" doméstico, porém, sente-se a necessidade de um reajustamento. Queixam-se alguns nacionalistas obtusos da falta de entusiasmo do nosso povo pelo serviço militar. E' outro engano. A população brasileira sempre lutou por um lugar na vanguarda combatente das Nações Unidas. Essa mesma população, porém, foi desorientada. Os principais quadros da administração brasileira habituaram-se aos comícios oficiais. Quando, entretanto, o povo rompe as comportas da permissão governamental e transborda pelo leito de asfalto das avenidas, alguns zelosos feiticeiros da ordem sentem-se alarmados. Começam a vêr fantasmas. E reagem. Reagem justamente quando o povo deseja levar-lhes a sua colaboração expontanea. O povo esfria. Volta para casa amuado, como criança que foi repreendida pelos mais velhos. Tempos depois, aqueles mesmos quadros chamam o povo. A inquieta criança recusa-se. Está amuada. E estabelece-se uma atmosfera de incompreensão. Trocam-se as acusações. Chocam-se os pontos de vista. Extremam-se os animos. E a luta passa a ter um caráter profundamente bizantino, porque os homens se perdem no labirinto das palavras.

Repito: assim não vai.

Precisamos acabar com a confusão.

Eu sou um homem do povo. Quero saber com quem devo procurar minha carabina e contra quem devo atirar para esmagar o fascismo.

Campo, Chinês e Sono

A João Cabral de Melo Neto

O chinês deitado
no campo. O campo é azul,
roxo também. O campo,
o mundo e tôdas as coisas
têm o ar de um chinês
deitado e que dorme.
Como saber se está sonhando?
O sono é perfeito. Formigas
crescem, estrêlas latejam,
os peixes são fluidos.
E as árvores dizem qualquer coisa
que não entendes. Há um chinês
dormindo no campo. Há um campo
cheio de sono e antigas confidências.
Debruça-te no ouvido, ouve o murmúrio
do sono em marcha. Ouve a terra, as nuvens.
O campo está dormindo e forma um chinês
de suave rosto inclinado
no vão do tempo.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

(Inédito para "Esfera")

CHICO - MARIA

Madame de Stael, que não gostava de Napoleão, e anos e anos viveu viajando suspirou um dia: "Viajar é o mais triste dos prazeres..." Essa senhora amável tem, entre os livros que compoz, um sobre a Itália, e outro sobre a Alemanha. Foi tambem em tempo de opressão. Mas na Alemanha e na Itália ela conseguiu a liberdade banida da França. A opressão, como o tempo, não muda. Quando desaparece, está descansando.

E' preciso conjugar todos os verbos. Até hoje ninguem pôde. Alguns conjugam gozar. Muitos conjugam sofrer. Só os santos acumulam: eles sofrem e eles gozam. Dom exclusivo. Nós, pecadores, devemos optar. Os outros verbos, são auxiliares.

"Chega-se a continuar na vida sem um sentimento atual; porque nada se sente numa apoplexia completa, numa letargia, num sono pesado e sem sonhos, porém ainda se conserva a capacidade de sentir. Numerosas pessoas têem sido enterradas vivas como vestáis, e é o que acontece em todos os campos de batalha, sobretudo nos países frios..." Voltaire, de quem ouvi isso, tambem viajou muito, antes de Madame de Stael, por motivos semelhantes aos dela. Preferiu afinal a Suissa. Deixou o pesar. Pleno presente do indicativo revirado. A casa chamava-se: "Delícias", perto de Genebra, de onde via o lago, os rios, o campo, as montanhas. Quando lhe bateu a nostalgia, a terra de Ferney, terra francesa, na fronteira da terra sem cadeias, trouxe a felicidade perfeita. Estive lá há pouco. A guerra não atingiu o castelo de Voltaire. Encontrei-o talqual no retrato de Houdon, por fora; talqual no retrato de Byron, por dentro. Indo para escutar, não lhe falei ,por timidez e bom gosto, em Mussolini e em Hitler. Nada disse do que vai pelo mundo, consequências de tantas consequências. Em torno, na velha natureza, era o fim do outono. O vento fazia misérias com as folhas mortas. Lembrei-me de que aquele homem magro, de queixo pontudo, olhos ativíssimos, mãos sempre apontando, "fogo e capricho, alegre, grave, ajuizado, doido, historiador, poeta filósofo que se multiplicava entre os homens", era o mais moço diante de mim, com quasi dois séculos mais. Na volta, percebi que idade é uma palavra para o corpo.

Que otimismo resulta do pessimismo de Voltaire! Amigos, cultivemos os nossos jardins! Aqui é ainda a primavera. "Não há prazeres extremos nem extremos tormentos, que possam durar a vida toda: o soberano bem e o soberano mal são quimeras". "O homem não nasceu mau; torna-se mau, como se torna doente". O mundo está cheio de homens de espírito que não sabem como devem pensar". "Tudo é igual no fim de um dia, tudo é ainda mais igual no fim de todos os dias". "Acreditando que todos os homens são iguais, sabendo que só o aspeto exterior os distingue, podemos nos livrar de muitas coisas neste mundo". "Há séculos com saude e há séculos enfermos". "A imaginação galopa; o julgamento vai a passo". "Esta vida é um combate perpétuo; e a filosofia é o único emplastro que se pode pôr nos ferimentos recebidos de todos os lados: não cura, mas alivia, e já é muito". François-Marie Arouet, que foi Voltaire... Querido Chico-Maria! As primeiras rosas serão para você...

Alvaro Moreyra

UMA ALEGRIA

(Inédito para "Esfera")

Conto de Joel Silveira

Parece que agora eu e Esmeralda encontramos o que há tanto procuravamos — a casa é pequena, escondida atrás de uma trepadeira sem tratamento, mas a rua é quieta, apesar das cigarras, milhões delas. Há um morro ao lado, escuro, talvês feio, mas que às tardes, quando o sol se põe, fica de uma beleza como nunca ví: uma catedral escura, muito grande, salpicada de vermelho. Esmeralda pregou cortinas brancas nas duas janélas, cortinas leves que não impedem que todas as manhãs o pregão dos vendedores as atravesse e chegue até nós, ainda estirados na cama. Primeiro é o homem que compra garrafas vazías, um italiano de voz aflautada, e seu estribilho é toda uma linha melódica, fina, mais grossa, mais fina, finissima, como uma música. O papeleiro é monótono — è"Papiliro vai embora. Vai embora o papiliro" — e, ao escutá-lo, me encho de lembranças tristes, despedidas, adeuses, navios deixando o porto, trens sumindo-se nas curvas. Alegre, no entanto, é a canção do verdureiro, uma nota diferente para cada legume, e sua carrocinha rilha no calçamento, cheia de barulho. Então, me levanto. Esmeralda ainda dorme, indiferente a tanta coisa que já começou a viver lá fóra, e seus cabelos, tão negros, se derramam pelo travesseiro numa onda negra. Sob o lençol, os seios crescem e se encolhem, num arfar tranquilo.

Chego à janela, os olhos amassados, e o papeleiro vem de volta, um enorme saco de linhagem nas costas. Já somos amigos. Agora, êle pára diante de minha janela, me cumprimenta, deixa o saco no chão:

— Nada hoje, seu João?

Apanho as finais dos diários, lidas antes do sono, e as entrego. Amanhã — anuncío — farei uma arrumação séria num caixões que, desde a mudança, ainda não foram tocados — que êle passe sem falta no dia seguinte, que não faltarão revistas e jornais velhos.

— Lhe agradeço muito, seu João. O negocio anda muito ruim.

Seu rosto é um intrincado de rugas, bigode ruço e descuidado, os cabelos sem falhas, duros e lutrosos. Traz um eterno cigarro apagado na orelha e suas unhas estão encardidas de fumo. Mas as mãos são delicadas, compridas, dedos finos, mãos como possivelmente não terão, neste mundo, os outros compradores de papel sem prestimo.

— O senhor não póde calcular o que é esta vida, seu João. Caminho o dia inteiro para ganhar umas migalhas. Mal dá para matar a fome.

Vende o que arrecada, jornaís, revistas, livros sem capa, almanaques, numa fábrica de papelão, para os lados de Bangú. Amontôa a papelada em casa — móra num cortiço, em Botafogo — e todos os sabados lá vai êle no trem deixar na fábrica os sacos entulhados.

— Mas pagam uma miséria, o senhor não póde calcular.

Entra em explicações — e sua voz é grossa, cheia de cusparadas, mas a conversa é corréta, o que tambem não acredito ser comum nos papeleiros. A empregada do 85, de nome Rosa, me deu ontem alguns detalhes sôbre a vida do meu amigo. Chamase Roberto, e esta sua função de agora, tão humilde, não é trabalho antigo: Roberto é de familia mais ou menos

classificada, e há um irmão seu que é medico, com consultorio na rua da Carioca. Ele proprio teve seus estudos, mas Rosa não sabe dizer até que ponto chegaram. Sabe, sim, que a bebida estragou Roberto, tornou-o inimigo da família, jogou-o desamparado no meio da rua, fê-lo papeleiro.

— Todo dinheiro que êle pega, mete na cachaça. E' uma coisa horrivel. A gente aquí da rua já está prevenida e não quer negocio com êle.

Mas eu simpatiso com Roberto, particularmente com aquele seu ar resignado, indiferente, sem tristeza, ar de quem apenas espera morrer um dia, mas sem temôres. Encontro-o às vezes na porta do Café Botafogo, na esquina, quasi cambaleando, engrolando uma conversa sem sentido. Suas rugas, então, parecem ter se multiplicado e uma mécha do cabêlo duro desce sôbre o olho direito. Todo êle é ruina.

Uma tarde batí no seu ombro — afastei dois ou três meninos que o atormentavam, e quiz levá-lo para casa. Mas Roberto olhou-me com os olhos vasíos, deu-me um empurrão sem força e foi se deitar na grama do jardim defronte. No outro dia, era como se nada tivesse acontecido — procurou-me como sempre, falou do tempo, que anunciava chuva, deu-me o resultado do bicho.

— De novo o diabo do leão.

Passou, em seguida, para uma longa conversa sôbre sonhos e palpites, gente que havia ficado rica de dia para a noite, ou outras que o jogo arruinara. Quanto a êle, não podia se queixar — já acertara numa centena. Ultimamente, porem, andava sem sorte. Mas tinha esperanças:

— Nem no bicho.

— Um dia a coisa vira.

Quiz saber, depois, dos meus sucessos no jôgo. Disse-lhe que não os tinha, já que nunca jogara em minha vida.

— Nem no bicho?

Deu uma cusparada para o lado, aconselhou-me que arriscasse, de vez em quando, alguns tostões, seguindo sempre o que indicava os sonhos da noite. Era coisa que não deixava ninguem pobre e — quem sabe? — talvez a sorte estivesse me rondando atrás de uma oportunidade.

— Experimente amanhã, seu João.

Fiz vagas proméssas, tão vagas que Roberto não se deu por satisfeito. Disse:

— Por causa das duvidas, vou jogar duzentos réis para o senhor. Estou com o palpite de que amanhã vai dar cabra.

Mas não apareceu no dia seguinte. À noite, Rosa veiu me avisar que meu âmigo estava estirado na calçada, na rua transversal de defronte, estirado como um morto num pedaço de sombra..

— Tomou uma bebedeira daquelas. Está que nem se move.

Fui até lá. Roberto parecía um baleado — muito esticado, as pernas meio abertas, os olhos fechados para o céu carregado de estrêlas. O saco aberto fôra jogado para um lado, e dêle saía a papelada usada, como de um intestino rôto. Uma baba espêssa corria pelo canto da bôca, e todo êle era um arquejar doente, aflito, cheio de estremêcos. Chamei-o, sacudi seus ombros. Apenas um murmurio incompreensivel. Abriu depois os olhos, mas os olhos eram de vidro. Virou-se para um lado, mergulhou novamente no sono que eu sabia povoado de fantasmas. Alguem aprendia uma lição de piano, em qualquer casa perto — mas era só o que havia na rua, tão deserta áquela hora. Esvasiei um pouco o saco de linhagem, transformei-o num travesseiro e acomodei nêle a cabêça de Roberto. A areia grudara nos cabelos besuntados, e havia formigas passeando pelo seu rosto. Tangi-as, limpei o cuspe grosso que se acumulara no canto da bôca. Cobri, depois, seu rosto com o lenço, e fui para casa. Voltei-me na esquina — mas não se via sinal de Roberto, perdido na sombra.

Manhã cêdo, porem, é a mesma voz de sempre:

— Papiliro vai embora. Vai embora o papiliro.

Chego à janela, e Roberto já está diante de mim, um sorriso misterioso:

— Bom dia, seu João. Tenho bôas noticias.

Cospe, descansa o saco no chão.

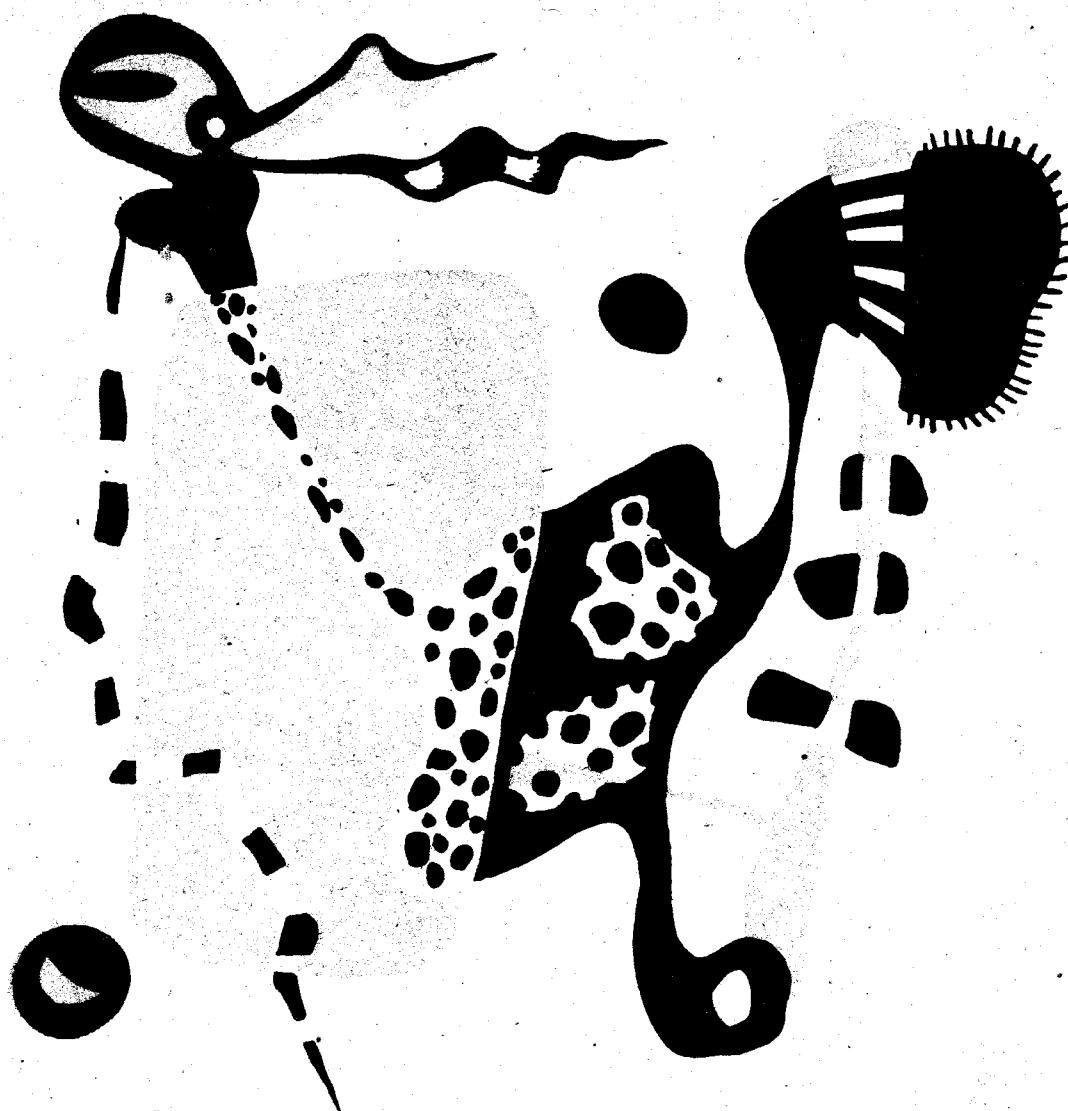
— O senhor se lembra dos duzentos réis que eu prometi jogar para o senhor? Pois fiz um jogo na dezena da cabra e acertamos. O senhor ganhou trinta e quatro mil réis.

Mete a mão no bolso, me estira algumas notas amassadas, alguns niqueis:

— Era para trazer ontem. Mas tive um serviço no Catete. Acho que o senhor amanhã deve arriscar novamente. Começou muito bem.

Seu sorriso é a alegria de quem está inundado de felicidade. Com o dinheiro na mão, creio que devo fazer alguma coisa. Peço a Roberto que entre, que venha tomar café comigo. Ele vacila, quer dizer que não, mas eu atalho:

— Entre, homem.

E rapido, tão alegre quanto êle, vou abrir a porta da rua.

ATHOS BULCÃO ABSTRAÇÃO

Athos Bulcão

UM AUTÊNTICO PINTOR ABSTRACIONISTA

Embora não queiram muitos acreditar, esta história dos "ismos" nas artes plásticas, é entre nós insuficientemente compreendida. Entre os pintores a prova disto está no fato de muitos, dentre os mais festejados, tomarem os "ismos" como possibilidades para a realização de uma obra de "cock-tail", na qual fique bem patente a capacidade para imitar Deus e o Diabo tambem; sem que as pesquisas dos "ismos" possam ser por êles assimiladas como elementos de expressão plástica que carecem, sobretudo, de sensibilidade própria a esta assimilação. Pela vaidade de atingir um pôsto de evidência futil no cenário da arte moderna, não são raros os que, sem pesquizar o interesse plástico deste ou da-

quele "ismo", repousam socegadamente sobre algumas reproduções de artistas europeus, conjugando elementos colhidos na obra alheia, mas que nem por isto deixa de revelar um lamentavel plágio.

Entre os que estimam a arte moderna, e traduzem esta estima atravez da crítica escrita ou pelo apoio que dão aos pintores, prestigiando-os de todo o geito, esta insuficiente compreensão dos "ismos" como elementos formadores de uma expressão plástica nova, se revela cristalina quando confundem valores, em igualdades de condições, simplesmente por lhes parecerem filiados a tal ou tal "ismo". Isto sem se darem em conta que um pintor, filiado a um "ismo" por lhe parecer uma expressão conveniente, não consegue ir além da imitação, da repetição mecânica de uma expressão plástica característica,usando e abusando tão simplesmente dos seus elementos superficiais. Portanto, sem penetração nas condições que identificam o "ismo" escolhido como autêntica manifestação de espírito e não simples conquista decorativa para efeito provisório, sem nenhuma convicção definitiva.

Em conferência ha pouco realizada, sob o título "A arte é uma só", desdobrada em duas partes, na segunda tentei demonstrar como os "ismos", no desenvolvimento da Arte no nosso século, constituem uma cadeia sólida, à qual se submeterá uma expressão de Arte definitiva que seja a fixação da expressão moral e intelectual da civilização que estamos construindo, quiçá com grandes Surrealismos.

Este rápido raciocínio vem a propósito da exposição de **Athos Bulcão**, que tivemos ocasião de apreciar no magnífico ambiente do Instituto Brasileiro de Arquitetos. E' a Exposição de obras de um pintor jovem, mas já um valor positivo, inconfundivel, dentre os de sua geração. Pairando no ambiente sublime do "abstracionismo", onde a Arte pode realizar-se em toda a sua pureza espiritual e emotiva, **Athos Bulcão** atinge com suas obras uma expressão de arte absoluta, pela penetração instintiva no seu conteúdo abstrato. Se não houver um desvio emotivo no futuro próximo deste jovem pintor, a sua obra, muito em breve se cristalizará como a mais pura realização do "abstracionismo", entre nós, sem artifícios intelectuais nem preciosismos materiais da técnica aprendida em climas diferentes e transportada maliciosamente para o clima espiritual plástico no qual por instinto natural vive Athos Bulcão o seu ideal de Arte.

Na cadeia de sucessão de "ismos" vitaminadores da Arte neste meio século que estamos completando, ao "abstracionismo", coube suceder o "surrealismo", o "ismo" que teve início por volta de 1927. Representação du sub-conciente. Poesia. Realismo do espírito livre. Essencialmente psíquico, ligou-se muito, e naturalmente, às pesquizas "freudianas" que revolucionaram a filosofia moderna e teve profundas repercuções na Arte como na Ciência, nestes dois últimos decênios. Tal qual como o Impressionismo ligara-se às pesquizas de Chevreul, na França do último terço do século XIX. Isto ventilei em minha recente e já referida conferência "A Arte é uma só". Recordo-me que citei ainda estas palavras de André Breton, sobre o Surrealismo:

— "Automatismo psíquico puro, pelo qual nos propomos exprimir, seja verbalmente, seja por escrito, seja de outra maneira qualquer, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de qualquer controle exercido pela razão, longe de toda a prevenção estética, ou moral".

E concluí eu, apreciando o surrealismo: situa o artista no ambiente do sonho, onde só pode valer o seu instinto sem controles morais e sociais, enfim, o artista indefeso, ou defendido apenas pela fôrça de sua liberdade, diante dos seus instintos espirituais e materiais.

Justamente por suceder o Abstracionismo ao Surrealismo, é que por mais puro que seja a obra do artista integrado no clima abstracionista, revela sempre traços do Surrealismo.

Deste modo constamos na Exposição de Athos Bulcão os trabalhos números 1 - 2 e 3, onde formas de expressão abstracionistas, não fogem a uma inspiração surrealista atingindo mais fortemente uma expressão surrealista que abstracionista. São trabalhos, no entanto, de forte complexão plástica e normais na obra de um abstracionista por instinto como o revela Athos Bulcão. Destacamos os trabalhos números 7 -24 - 25 - 26, onde grandes formas coloridas atingem função decorativa num emocio-

PEDRO BOLOTO

(a Carlos Drummond de Andrade)

(Baseado na entrevista em que o soldado Pedro Boloto contou como havia, com mais três companheiros, destruido quinze tanques alemães, na frente de Stalingrado.)

Quando o tanque
Em minha direção
Deslisou pesadamente,
Diz o soldado
Pedro Boloto,
Pensei que era
O fim do mundo.
Mas quando o monstro,
Já mais perto,
Com o meu tiro
Incendiou-se,
Aconteceu
Que foi o fim
Do inimigo
E não o meu.
Em todo o tempo
Do cruel embate
Eu enrolei
Cinco cigarros.

Póde fumar-se
Em plena luta
Mas não se póde
Errar o tiro.
(Quem erra o tiro
Nunca mais fuma!)
Eu enrolei
Cinco cigarros
Mas não fumei.
E' o que sucede
Quando em combate
Se quer fumar.
Pedro Boloto
Então se cala
E depois sorri
Enrola e acende
E fuma um cigarro
Na calma incrivel
De Stalingrado.

MURILO MIRANDA

---

nante abstracionismo. São choques emotivos que se nos comunicam violentamente uma elaboração de vibrações que hipnotizam sem que nos possamos deter na explicação do porque dessa sedução que se realiza pela surpreza visual.

Mas Athos Bulcão tem tambem para nos seduzir, acordes suavíssimos onde o abstracionismo espiritual domina sobre o assunto real, e compõe com os elementos deste, um mundo de extesia sublime. São as cênas colhidas com a sublimação espiritual por entre os bastidores dos palcos de teatro. As imagens leves e sonhadoras de bailarinos e bailarinas se movem como silhouetas sutís na composição extranha, movimentada e serena ao mesmo tempo, das formas geométricas dos paineis dos cenários. São as obras números 15 e 14, aquareladas com uma sensibilidade notavel, e as de números 11 - 12 e 13 levemente coloridas com uma finura que enternece, e nas quais o artista atinge à sua compleixão artística mais intensa, o que ainda se confirma nos trabalhos de números 9 e 10, executados magistralmente a bico le pena e nanquim. Esta série, na obra de um artista abstracionista não constitue mais uma agitação, uma pesquiza, mas sim uma autêntica realização. Isto vem em favor do que já disse, que Athos Bulcão não é um pintor abstracionista por curiosidade ou por interesse de novidade, mas sim é um abstracionista por instinto. Por isto pode saír da pesquiza e atingir à realização sem receio de se ver dominado pela banalidade descritiva dos assuntos que poderão dar-lhes, pela fôrça intensiva de um abstracionismo instintivo, uma expressão plástica que se traduz, cem por cento, em forma de Arte.

Quirino Campofiorito

S O N E T O

Apavorado acordo, em treva. O luar
E' como o espectro do meu sonho em mim;
E sem destino, e louco, sou o mar
Patético, sonâmbulo e sem fim.

Desço da noite envolto em sono; e os braços
Como ímans, atráio o firmamento
Enquanto os bruxos, velhos e devassos
Assoviam de mim na voz do vento.

Sou o mar, sou o mar! meu corpo informe
Sem dimensão e sem razão, me leva
Para o Silêncio onde o silêncio dorme

Enorme. E como o mar dentro da treva
Num constante arremêsso largo e aflito
Eu me espedaço em vão contra o infinito.

VINICIUS DE MORAIS

Auto - Biografia

Perdi o caminho de Sião,
nem sei em que terras devo chorar.
Teu corpo foi a muralha
onde encostei a cabeça fatigada,
lamentando apenas a descrença da tua ressurreição.
Sou quasi o profeta sem discípulos,
daí essa tristeza e esse desamparo.
Bem sei que o Messias já veiu,
mas não percebi a lingua que falava...
Seria esperanto,
teria microfone,
ou estaria no corpo da mulher?
Ninguem explicará porque
não creio na minha descrença.
Oh, Senhor!
Porque não te manifestas
nos quartos das pensões?

GERALDO MORETZSOHN

CONFIDÊNCIAS

(Fragmentos de um diário inédito)

Roberto Alvim Corrêa

Amo a minha época. Sinto pesar sôbre ela tremendas responsabilidades, que a tornam, porisso mesmo, ainda mais preciosa. A confusão é grande, mas dela sairá a vida. A ordem de que eramos escravos me faz lembrar esses perfumes que escondem máus cheiros.

*

* *

A arte sempre pertencerá de mais à época. Porisso, o que pode haver de deliberado na arte lhe deve resistir o mais possível. As rugas vêem depressa.

*

* *

Não parou de chover estes últimos dias. A chuva, quando discreta, exerce um efeito libertador. Modifica o ritmo da existência exterior que passa, assim, para seu plano verdadeiro, que é o segundo. A chuva intensifica a vida do espírito, da arte, dos sentidos. Nunca leio melhor, olho mais espontaneamente para um quadro e percebo o que êle me traz de mais duravel, do que quando chove suavemente lá fóra.

*

* *

A chuva me faz perder a noção das horas, é minha melhor introdução à arte — como a noite, minha perigosa e fecunda inimiga.

*

* *

Mergulhei de mais, outrora, tanto na luz dourada das praia, como no azul profundo do mar, os quais me ferem, hoje. Preciso da sombra, leve e fresca, donde penetra em mim a luminosa natureza: êsse estranho quadro que me obriga a pôr ordem em mim.

*

* *

O homem que não procura conhecer-se a si mesmo não pode pretender conhecer os outros. Todo crítico devia começar por se criticar a si mesmo.

*

* *

O verdadeiro conhecimento supõe um percurso íntimo. Criticar é entender, é refazer o caminho percorrido por outro. Toda obra é resultado; tente o crítico saber o que o determinou. Ser crítico é ter a faculdade de fazer certas perguntas e de responder a elas. E', tambem, não ter pressa de mais em responder a todas elas.

A crítica ensina aos criticos a humildade. Verifiquei-o, ainda hoje, na exposição de pintura e escultura coletiva dos novos — a quem sou grato por tornarem o que fazem coisa fundamentalmente viva. Um dêles, Durval, (que não figura entre os atuais expositores) me sugeriu a idéia de escrever um artigo sobre a poesia e a época. Gostaria de escrevê-lo, mas não consigo, hoje. Esse primeiro trabalho de discriminação necessário, sem um esforço dirigido contra o carater sintético inerente do genero artigo. Além disso, não obedecem as relações entre a poesia e a época à ordem nenhuma. São as mais independentes, imprevisiveis e diversas que se possa conceber. Póde-se dizer, a seu respeito, muita coisa. Até quasi o que se quer. E' à essa tentação que se deve resistir. E, para isso, deve começar-se por admitir, creio eu, a presença, no homem, de coisas que escapam a seu desejo de classificação, não se deixam reduzir a fórmula alguma, coisas que dão margem ao imprevisto e, no fundo, à vida verdadeira.

Enquanto conversavamos, crianças tocavam piano no auditorium da A. B. I. Algumas delas, felizmente, tocavam mal. Deliciosamente mal e, por conseguinte, como convinha. Resistiam inconcientemente aos conselhos professorais. Surpreendia-se nelas o instinto de querer tocar como crianças que eram. Elas é que tinham razão. As crianças não devem tocar como adultos, — nem falar, nem se comportar, nem sentir. E nós devemos respeitar nelas a sua condição de crianças, em vez de procurar matá-la. Em mais de um adulto há uma criança morta que, todavia, tinha algo a dizer e a revelar.

*

* *

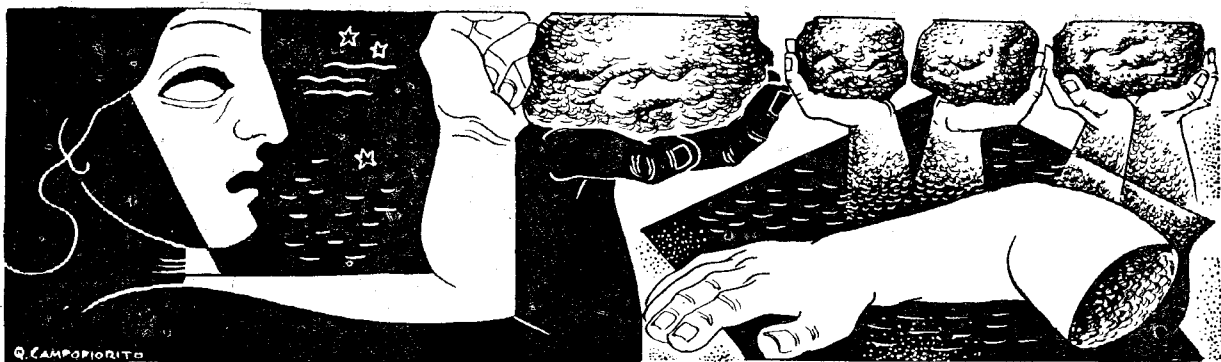
Uma época pode ser grande, como a nossa, pela imensa esperança que autoriza. Não se deve esquecer, contudo, ser originada a poesia por um instinto de defesa. A época é o coletivo, a poesia é o pessoal. A época é tirania. O poeta pode,

sem dúvida, entreter com ela excelentes relações. Assim mesmo sucede, muitas vezes, serem essas mortais. E isto, por solicitar a época — nêle como em todos nós — o gregário, o facil, o redutivel. Poeta é quem resiste. Não pode a época gostar do poeta, — esse homem que não sente, nem mesmo pensa como todo o mundo. Toleram-no por prudencia. A glória não é pouca cousa e, como se sabe, o poeta confere gloria à sua época. Esta, sem grande poeta, é condenada para sempre. Tal a força e o prestigio da poesia.

*
* *

A poesia começa por ser, em nós, um canto. Um canto interior, não ouvido por todos, e em que reinam estrêlas e mulheres, reivindicações e conquistas, ritmos e formas.

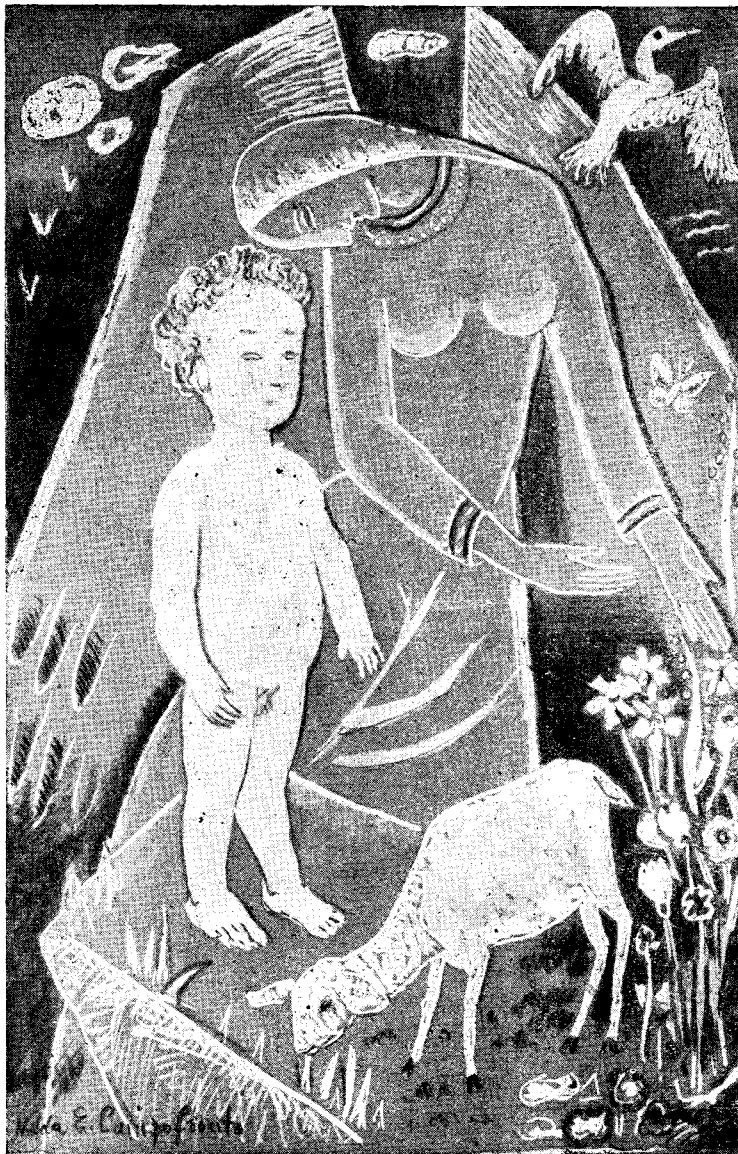
*
* *

A poesia é um manifesto, um programa, um estilo de vida. Algo de intimamente vivido. E' o que escapa à cousa pública, nasce do mais profundo do nosso ser, não se sabe como, nem quando, no bonde, na rua, de noite, quando estamos brigando no telefone, pagando impostos ou namorando. De repente, aquele mal estar, provocado por uma exigência intima, uma descoberta que ainda não se moldou numa imagem ou naquilo que tem em nós o caráter de uma revelação. Que súbita docilidade é a nossa à essa ordem imperiosa! Ninguem mais existe, o tempo que deixa de correr, a avenida Rio Branco ou o café "Vermelhinho" se tornam milagrosamente poços de silêncio. Não sei mais nada, nem quem eu sou. Do fundo de um mar negro e pesado, sobem coisas claras e leves, músicas, imagens e ritmos que eu ignorava existirem em mim, que até agora ficaram calados. E, de repente, aquela onda, que, ao mesmo tempo, me cega e me revela tanta coisa, êsse assalto, êsse impulso invencivel, no qual ouço a voz de mortos, de gente que nunca existiu, percorro bastidores de teatros que nunca funcionaram, assisto a espectáculos que não foram dados, vejo télas e estatuas que ainda estão para ser realizadas e rostos que nem sei se já foram sonhos. Dramas shakespearianos rastejam em mim, carrego um mundo em que afundo, e sem o qual, todavia, não posso viver, um mundo de mentira, e êsse mundo é o que há de mais verdadeiro. Vivo dêle, sou guiado e sustentado por êle neste dédalo em cujos fios tropeço, qual mosca em teia de aranha, cégo, como que sonâmbulo, abeirando todos os dias e todas as noites, abismos de solidão, de amor e de morte.

Quero Ajudar

(*Especial para "Esfera"*)

Quero ajudar a construir o mundo futuro
e colocar a minha pedra no lugar exato e na hora certa.
Quero conter a pressa de ajudar,
deter os pasos vãos e as mãos sôfregas,
ordenar minhas paixões de desajustada,
ser vigilante, compreensiva, tenaz.
Deixar no grandioso edificio a minha pedra
com a mão segura para que ela não vacile
e role nos espaços, tombando com um ruido soturno,
feita escombro, antes de ser coluna.

Quero deixar segura a minha pedra.
Altos frisos a revestirão,
esculpidos por sábias mãos alheias.
Mas, pequena e anônima, direita e firme,
ela estará lá dentro ajudando.
Quero ajudar a construir o mundo futuro:
o mundo sem facismo e sem miséria,
luminoso ,rasgado, justo.
Quero permanecer alerta
e colocar a minha pedra no lugar exato e na hora certa.

MAURA DE SENA PEREIRA

CAMINHO

O anjo enternecido ensinava ao menino bom a primeira lição da vida. Mostrava o caminho do mundo, tão claro, tão quieto e tão cheio de esperanças. Um caminho amplo, sem labirintos atormentados, sem espinhos impiedosos e sem diferenças sociais. Estrada de todos e a todos oferecida. Longas caminhadas, longos encontros, conquistas de trabalho, recompensas de amor. Encontro dos homens todos, no mesmo sentido, no mesmo destino. O socego da paisagem revelava o anseio do anjo enternecido: os bichos roiam a relva curta, as ovelhas buscavam no verde tenro o alimento generoso e os pássaros esvoaçavam construindo os seus ninhos e entoando trinados cheios de harmonia! Que lindas as flôres dos prados e que misteriosas as azas do anjo generoso!

Mas vieram os anjos máos que separaram os homens semeiando as discórdias e incitando a ambição insidiosa. O longo caminho crivou-se de espinhos e o campo aberto em arena de combate...

O anjo inocente e enternecido ensinava ao menino bom a primeira lição da vida... Ensinava, ensinava sempre mais, porque o dia da promissão teria que chegar... Confiava na vitória dos homens juntos e esperava na justiça de Deus!

MARIA CLARA

PICADEIRO

Conto de Lígia Fagundes

(Especial para "Esfera")

—Ai, Jesús! Ai minha Nossa Senhora do Carmo! Rodrigo! O' Rodrigo! ...

O menino aproximou-se devagar. Ficou olhando o pai que se retorcia de dôres.

— Que é que o senhor quer?

O homem ergueu a cabeça. Rodrigo então retrocedeu com medo daqueles olhos arregalados, azues, muito azues, a rodarem sem parada, com medo daquela bôca, buraco escuro e fundo donde saiam os gemidos roucos, entrecortados de súplicas e frases que ficavam interrompidas, sem sentido no ar. E se ele estivesse louco?

O menino encostou-se na parede.

— Pai, o senhor me chamou?

Os olhos ainda erraram sem sentido. Depois se apertaram fortemente. E duas lágrimas escorreram procurando caminho entre a barba ruiva. Só então Rodrigo achegou-se mais, tocou-lhe na mão fria e úmida. Não, não era loucura. Era dôr, mesmo. Aquela ferida era que nem um bicho, dando ferroadas, cada vez mais fortes. Teve pena do pai, e chegou a ter vontade de acariciá-lo; só vontade, porque nunca tivera coragem para isso. Antes, porque êle era orgulhoso e forte e punha todos longe, à distância. Agora... bem, agora era tarde demais para tentar uma intimidade maior, como que uma reconciliação. Não saberia nunca ter um gesto de ternura, ageitar-lhe a cabeça no travesseiro, apertar entre as suas aquelas mãos tão brancas e tão débeis. A única coisa que podia fazer, era ficar por ali mesmo, dar-lhe a sensação de não estar abandonado de todo.

— O senhor não quer tomar um pouco dágua?

Para Rodrigo, a água resolvia uma porção de coisas. "Está com fome? Bebe um pouco dágua, que passa. Está doente? Está com dôr? Agua é bom..."

E desejou ardentemente que êle aceitasse, e depois se voltasse para o canto e dormisse, dormir para não sentir mais nada, para não gemer mais daquele geito, que nem bicho, chamando a Deus, chamando todos os santos, pedindo...

Quando há alguns atrás, — a mãe ainda vivia — êle chegava embriagado, tudo então era diferente. Nessa época ainda trabalhava no circo e assim que terminava a função, sumia e só de manhãzinha voltava cantando pela rua afóra. A mãe não dizia nada, mas olhava de tal geito que toda a alegria dele ia desaparecendo. E ficava furioso, quebrava as louças, dava murros nas paredes, escondia as navalhas todas parque êle blasfemava em silêncio, a mãe recebia os palavrões, catava os cacos pelo chão, sempre terminava querendo cortar os pulsos, gritando que era um miseravel, um desgraçado, xingando tambem os santos, rogando praga. Depois, dormia, exausto, um sôno sereno e bom que durava até o dia seguinte.

Agora que estava sofrendo, ficara religioso, crente, chama de novo os santos, um por um, mas para elogiá-los humilde, e pedia, pedia...

Rodrigo ficou olhando para aquele corpo ossudo, como que desmontado e esquecido sobre as cobertas. Aquilo era o pai? Aquilo?

E reviu-o com a longa capa de seda preta, forrada de branco, e o peito da camisa brilhando como se fôsse de celuloide, e a cartola, e as luvas... Anunciavam-no solenemente:

"E agora, meus senhores, o maior mágico do mundo, o homem que percorreu os maiores teatros de Londres, Nova York, Paris, aplaudido em todas as côrtes, e que vai lhes apresentar números inéditos, nunca vistos! (aqui a voz misteriosa e profunda que vinha de dentro das cortinas — ninguem reconhecia nela a voz do palhaço — fazia uma pausa). Sózinho, ficava o bumbo batendo, trêmulo de emoção e o povo todo parava de mastigar e ficava de olhos pregados no picadeiro.

Num arranco, descerravam-se as cortinas enxovalhadas, já exaustas de tanto dar passagem, e ladeado por duas moças de meias côr-de-rosa, com passos firmes, sorridente, brilhantes os

olhos azues no meio das olheiras tambem azues, obedientes ao risco diabólico do crayon das sobrancelhas que invadiam a fronte, com o desembaraço dos que sempe vencem, êle entrava em cena. As palmas eram intensas, mas êle se portava como se não as ouvisse. Atirava a capa que subia como uma grande aza preta e branca para cair nas mãos da moça fardada, aproximava-se da mesinha vermelha e...

Como podia sair de dentro da cartola, um pombo branco, e um ramalhete de flores — que êle ia galantemente oferecer à moça mais bonita das frizas —e bolas coloridas, e ovos?... E como é que a sombrinha de lenços azues desaparecia da cena para depois ser encontrada lá longe, com um menino das gerais?

Ninguem compreendia coisa alguma. E acompanhavam as mãos muito ágeis e longas, cujos dedos se moviam ligeiros como aranhas brancas, tecendo no ar toda uma teia leve donde brotavam e onde submergiam moedas, relogios, balas...

Ninguem comentava. Acreditavam simplesmente porque viam. E quando todos se entreolhavam num movimento lerdo de cabeças, depois de se certificarem que o visinho ao lado tambem vira aquilo mesmo, nesse instante o bumbo crescia numa apoteose, acendiam-se as luzes todas — eram quatro lámpadas que se enroscavam nos páus, sustentáculos do toldo — e êle se afastava entre palmas delirantes enquanto, como uma bola vermelha e amarela, entrava rolando o palhaço.

Dentre o público, Rodrigo era o único que sabia de tudo; depois de ajudar ao pai se vestir, ia se juntar aos amigos na última táboa da geral.

— E' um bicho mesmo, ein?

Lourenço tinha sempre qualquer coisa para dizer:

— E', mas o meu tio serrava uma mulher bem na barriga e depois ela saia andando. Isso seu pai num faiz...

Rodrigo voltava-se para os outros:

— E' besta, mesmo! Eu acho que êle não ouviu o Miguelão dizer que meu pai já representou até pro rei...

— Pro rei, Rodrigo?

— Pro rei!

Dizia e esperava de punhos cerrados, pronto para agredir o primeiro que contestasse; mas ninguem contestava. É, para o rei, o tio do Lourenço não podia mesmo ter representado. E ficavam um momento silenciosos, pensando nisso enquanto quebravam as cascas dos amendoins.

Uma noite, na hora do intervalo, Lourenço puxou Rodrigo pelo braço. Estava felicíssimo.

— Ah! pensa então que eu não vi? Hoje vi tudo! O seu pai tira as coisas de dentro da manga! Tira tudo de dentro da manga!

— Prova isso? — foi a única pergunta que Rodrigo se lembrou de fazer. Mas perguntou à-tôa porque nem esperou pela resposta. Atracados, rolaram na poeira e só se separaram quando teve início o drama onde os dois funcionavam. O pai notou-lhe a bôca arroxeada.

— O que foi isso?

Rodrigo hesitou. Não sentia vontade de confessar, àquele egoista, que brigara para defendê-lo.

Mas logo teve um risinho cruel ao pensar que a decepção seria bem maior do que a vaidade.

— Enfezei com o Lourenço. Descobriu que o senhor tira tudo da manga.

Ele ficou sério. Os grandes olhos azues fixaram-se longamente nos do menino. Nesse instante, Rodrigo chegou a achá-lo quasi um velho. As sobrancelhas, sem o risco audacioso do lapis, acompanhavam os olhos. E os olhos eram cansados e não tinham o brilho que — agora Rodrigo percebia — vinha exclusivamente do holofote. Pela primeira vez, abriu-se.

— Rodrigo, eu não queria dizer mas... mas todas as vezes que eu entro em cena, todas as vezes, entro apavorado, tenho um medo louco, mal posso com as mãos que tremem, tremem como se nunca tivessem feito aquilo antes... Eu olho para aquelas caras todas, paradas em mim. E em todas só vejo inimigos, prontos para me vaiarem, esperando anciosos que a bola escape dos meus dedos e caia, esperando que na cartola eu não encontre mesmo nada, e que o guarda-chuva não esteja com o menino lá adiante... E eu então reajo, domino as mãos, e enfrento os inimigos, e luto, e aos poucos todas aquelas caras más vão submergindo na sombra... Não

fica ninguem em redor! Eu sózinho, sozinho! Tudo então, Rodrigo, tudo fica tão bom, tão calmo... Eu sózinho... tudo fica tão fácil!

Calou-se. E depois continuou:

—Rodrigo, um menino viu, um menino descobriu como é... — e cravou no filho os olhos aflitos. — Isso é muito importante, é importante, sim... Eu sei em que pedaço foi, eu bem senti que alguem estava percebendo... Eu fui lerdo, sabe?

Me lembro agora do que aconteceu com o Rosito: ele andava naquela corda bamba de um lado pra outro, como se lá embaixo houvesse uma rêde, para apará-lo. Fazia tanta coisa! Mas foi ficando velho, foi ficando com medo... Uma tarde, não quiz ir. O povo, esperando. Foi quando alguem deu uma risada, e os outros todos acompanharam... Rosito então avançou para mostrar que ainda podia, que podia, sim. Foi, mas foi de cabeça baixa, e viu que lá embaixo não havia mesmo rêde, não havia nada... Viu as caras todas esperando... Como passarinho na bôca da cobra.

Ergueu-se abruptamente. De novo a cabeça ficou altiva. Falou como se estivesse diante do público:

—Eles não podem tomar conta da gente, eles não podem! Se isso acontecer, estará tudo perdido. Eles não podem tomar conta, eu não deixo! Porque se isso acontecer, é o fim.

E uma noite isso aconteceu.

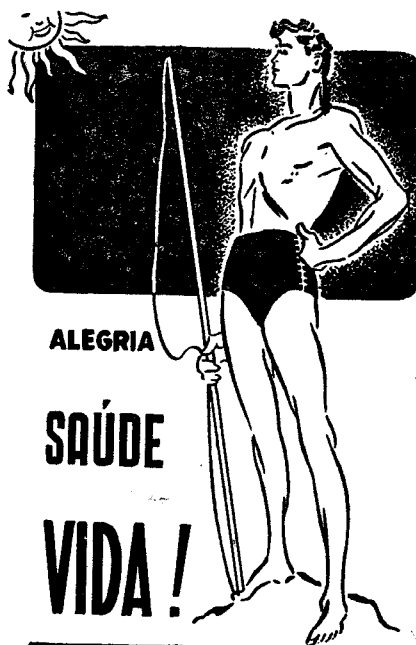
— Rodrigo, você está aí?

— Estou, pai.

E ficou a espera de que êle ordenasse alguma coisa. Mas não havia mais nada a ordenar. Houve um silêncio. E o silêncio foi se prolongando. Rodrigo espiou. O pai estava dormindo, os olhos azues estavam cerrados, a bôca entreaberta não gemia mais.

Deitou-se. A noite seria tão boa! Estava tudo em paz, o bicho adormecera tambem, o bicho deixara de dar as ferroadas. Decerto o pai tirara da cartola —a cartola empoeirada e esquecida num canto — decerto tirara da cartola o sono. Saíram de lá tantas coisas!

E Rodrigo sorriu. Coelhos, flores, pombos...

Os olhos do menino cerraram-se devagar.

A ARTE E SUA IRRADIAÇÃO SOCIAL

(Especial para ESFERA)

Quirino Campofiorito

A Arte no sentido absolutamente humano tem a sua inspiração, a sua razão de vida presente, na própria vida presente da humanidade. A Arte perpetúa o seu passado e vive com a humanidade o seu presente. O seu futuro não lhe interessa. Será por força do destino, uma consequência lógica do presente, como êsse o foi do passado.

Considerando assim, como é absurda a denominação de "arte futurista" que dão comumente os pobres de espírito à obra de arte cujo conteúdo moral está alem das suas mesquinhas possibilidades psicológicas e intelectuais...

A Arte, quando age socialmente, é absolutamente presente. Naturalmente que o seu grande espetáculo de verdade, ela só o desvendará às civilisações futuras, mas, repito, sem ter perdido em nada uma atividade presente no seu tempo.

Verdadeiramente sempre inclinados a olhar muito para traz e bastante para a frente, raramente nos interessamos pelo terreno em que pisamos. Nos satisfaz ver a lama que passou e procuramos evitar a que supomos mais adiante sem nos darmos conta muitas vezes da lama em que nos encontramos. Quero deduzir daí que

Orlando Teruz

facilmente olhamos em torno e raramente olhamos para nós mesmos.

A Arte, eu, audaciosamente, poderia definí-la assim: — é a humanidade olhando-se a si própria, ou ainda, é o espelho onde a humanidade se mira.

Mas a denominação de "arte futurista" existe, infelizmente.

Um italiano de muito talento quiz um dia divertir-se e valendo-se do talento que ninguem póde negar, lançou no cartaz da vida um número comico "arte futurista".

Daí por diante a arte estranha desse homem e daqueles que se fizeram personagens secundarios do seu número comico, passou a oferecer, com a arte presente (aquela que vive o nosso momento) confusão na opinião e "dichótes" dos que passam a vida em branca nuvem; daqueles para os quais a vida foi sempre um favo de mel, daqueles enfim que, impossibilitados de percepção psicológica, fantasiam a vida com óculos côr de rosa quando olham a tempestade que os envolve.

Assim considerando, não posso deixar de esclarecer bem o que significa o que acabo de dizer. Que a Arte no momento que passamos está agindo de maneira impressionante na focalisação do nosso de-

Portinari

senvolvimento social, envolvendo no seu significado psicológico o drama que raros de nós conseguimos ver. Porém, para uma civilisação futura ela será um texto cheio de detalhes maravilhosos e será no exemplo desta documentação que a sociedade vindoura encontrará apoio para sentir-se à vontade nas suas conquistas. Naturalmente que a nós mesmos não será fácil perceber este grande trabalho, uma vez que somos todos personagens do drama que se está representando. Poucos, pouquíssimos serão aqueles que poderão transpôr-se à situação de espectador sem perder a sua ação de ator. Entre estes estão os artistas cuja sensibilidade psicológica parece ajudada por uma centelha divina, ou melhor, por uma intuição sutil. Quando me refiro à expressão "artista" me interesso pelo seu sentido mais puro, uma vez que ela anda por aí muito malbaratada.

Por isso a falsa denominação de "futurismo", a tudo aquilo que não entendemos bem. No entanto, muito disto que ingênuo ou maldosamente chamam "futurismo", é "presentismo" puríssimo.

Os males alí vivos nas suas expressões mais íntimas, os remendos da sociedade estão alí bem claros, remendos nossos. Mas nós preferimos vê-los só nas roupas dos outros. Do futuro, por exemplo. E se não nos esforçarmos por revistar as nossas roupas, não lhe veremos os remendos. Deste modo quando a obra de arte moderna nos apresenta os remendões da sociedade atual, estamos sempre prontos a renegá-la, porque de verdade ela nos mostra um espetáculo que não conhecemos em conjunto porque dêle somos os próprios personagens.

Não pensem que tenho algum interesse em defender aquí o valor da arte nossa, a arte presente, a arte moderna. Apenas não devo fugir a alguns exemplos que possam robustecer as minhas considerações sôbre a "Arte e a sua irradiação social".

Sabemos o que nos diz a pacatíssima arte do século XIX. Século absolutamente burguês, burguesa deveria ser sua Arte.

Espelho maravilhoso que guarda a imagem daquela sociedade que nêle se mirou uma vez. Sociedade pacata, vaidosa, romântica, a arte do seu tempo foi bem moldada à sua semelhança. Esta Arte ainda nos encanta, porque sonhamos com aquilo que passou, e nos embala a esperança vã de que os tempos se repetem.

Portanto, vivendo como vivemos uma época de reconstrução, a arte moderna é lógicamente reconstrutiva. Tendo sofrido a sociedade os mais profundos golpes, e merecendo como está uma renovação radical, a-fim-de que sejam sanados os males a que a levaram a decadência pelo egoismo e as vaidades estéreis e deformadoras do espírito, a Arte como seu espelho cristalino fixa-lhe o drama que se desenvolve.

Ninguem me contrariará si ouso considerar a Arte o filtro psicológico através do qual passa distilada para a história, sem as impuresas que perturbam a verdade, a evolução da humanidade, nos seus momentos de bonança como nos seus instantes de tormenta.

Interessando-me pela Arte e sua irradiação social, eu me extenderia longamente ainda até atingí-la como um dos mais eficientes elementos de educação sexual. Poderia seguir adiante e atingir a Arte como estimulante intelectual das crianças e aprimoramento moral dos jovens. Mas não caberia tudo isto neste lembrete do assunto. Ficará para outra oportunidade um desenvolvimento mais apurado do têma, com todo o mosaico multicôr dos elementos que em favor da sociedade oferece a arte para satisfação de suas ambições espirituais e materiais.

Noemia

O Kágado e o Urubú

(Especial para ESFERA)

MELO LIMA

Leo, leo, leo;
Si eu desta escapar,
Nunca mais bodas no céu.

Não lhe sendo permitido entrar no céu, o Urubú aquieceu em levar o Kágado ao banquete, contanto que lhe trouxesse em pagamento um capão recheado e um pedaço bem gordo de cabrito.

— Não se esqueça de me trazer o cabritinho! — recomendou ao colocar o passageiro à entrada do céu, onde se realizaria o banquete oferecido aos animais da terra, com exceção do Urubú, que era a mais despresada de todas as aves e a mais fedorenta. — Sou louco por um cabritinho assado no espeto!

— Negocio é negocio, — respondeu o Kágado hipocritamente — mas não sei se existe espeto no céu. Contudo, você terá o seu cabritinho assado, um capão e talvez mais alguma coisa... Eu sou um Kágado agradecido, garanto-lhe que a minha mochila voltará cheia. Até logo!

— Bom apetite e boa memoria! — gritou-lhe a ave, movimentando as azas negras em direção à terra que não podia ser vista de semelhante altura.

Mas o Kágado se fartou no banquete que durou sete dias e sete noites seguidas: bebeu demais, arrotou grandezas e esqueceu o amigo. De regresso, ao ser interrogado ansiosamente pelo Urubú, afirmou-lhe que a mochila se encontrava cheia, embora a escondesse com esperteza detraz das costas.

— Trouxe o capão, o pedaço de cabrito assado no espeto e mais uma coisinha muito gostosa para o compadre. Eu sou um Kágado agradecido.

— Então, faça-me o favor de colocar a mochila no meu pescoço. Quero ir saboreando o cabritinho.

— Quando avistarmos a terra, compadre... Tenha paciencia. Agora não, que estou tremendo de medo e me falta coragem para por a cabeça de fora. Sinto-me tonto, tenho a alma na mão.

Ao avistar a terra, ainda pequena de tão distante, o Urubú sentiu-se faminto e implorou com a voz muito triste, de quem se encontra a morrer de fome:

— Um tiquinho só, compadre! Vôo com o meu papo em petição de miseria.

— Você é cearense, não precisa alimentar-se como os outros cristãos. Desça mais uns metros. Não tolero o vôo, sou uma criatura que aprecia o terreno firme.

— Ou a lama... — chacoteou o Urubú.

— Perdão! O terreno firme ou a agua.

— Mas — insistiu o Urubú com a voz completamente mudada — eu estou com as titelas enfraquecidas de tanta fome. Quando levantei vôo do Ceará você bem sabe que não havia nada para se comer. A sêca estava brabissima, era um castigo. Nem queira saber como ainda se pode viver naquela terra.

— Peço-lhes desculpas, compadre Urubú, mas é mentira, você não nega mesmo que é cearense. Dizem que os cearenses, muito antes de começar o inverno, já principiam a chorar como se a sêca estivesse declarada. Se chega realmente a sêca, aumentam o berreiro; se vem o inverno, dizem então que choravam de contentamento. Têm experiencia, são creaturas precavidas e espertas. Não me desminta! E' a pura verdade. Se desaperecer a sêca, de que irão orgulhar-se os cearenses? Essa historia de que não existe nada para se comer no Ceará, é puro exagero. Vi muitas crianças mortas à beira das estradas...

— Oh, compadre Kágado, que horror! Você me considera assim tão sem alma? Então, eu, um Urubú-rei de cabeça vermelha e cearense ainda por cima, iria comer crianças!... Assim é demais! Ande, passe logo para cá um pedacinho desse cabrito. Não aguento mais o seu pêso. Você veio mais pesado do céu, tem a pança bem cheia e é por isso que me dá semelhante conselho.

— E' a mochila que está pesada, pois, comi muito pouco. Alem disso, já vomitei umas duas vezes neste vôo.

— Se chegou a esse estado, tenha cuidado para não me sujar as penas!

— Essa é muito boa! Francamente, é impagavel. Aonde foi que você aprendeu higiene? Pois o seu "perfume" já me impestou e sinto coceiras em toda parte do corpo. Estas penas imundas escondem mucuins como formigas num formigueiro.

— Deixe-se de ironias para o meu lado e fique sabendo que mucuim é um parazita que não se vê assim com facilidade. Você mora na lama, onde tambem existe mucuim e não me pode falar de higiene. Não sou realmente uma ave de plumagem alva como a da garça, mas os meus quando nascem são brancos como algodão e vomitam de nojo ao avistar um Kágado da sua marca ou um homem qualquer.

— Não se ofenda, compadre Urubú-rei, não se ofenda. Eu estava brincando... Meu pai sempre me afirmava que um dia eu ainda me arrependeria dessas brincadeiras.

— Pois o seu finado pai era um homem de juizo. Meus filhos vomitam de nojo ao enxergar um homem e são brancos como algodão.

— Sei disso, sei disso. Esse fato extraordinario anda espalhado pelo mundo inteiro. São umas criancinhas muitos lindas e parecedissimas com o pai.

— São brancas como algodão.

— Isso mesmo! Tinha-me esquecido de que vomitam ao avistar um homem...

— Ou um Kágado, não se esqueça!

— Ou um Kágado... Criancinhas sensiveis, compadre Urubú!

— E brancas...

— E brancas como um anjo!

— Agora acertou. Brancas como anjo.

Depois de uma dessas pausas demoradas, que marcam o final de toda discussão que não agradou e nas quais os questionadores desabafam mentalmente as descomposturas que não teriam coragem de expressar, o Urubú interrogou:

— Poderia fornecer-me ao menos as novidades do céu?

— Pois não. Estou meio tonto, mas, pois não. Eu sou a criatura mais agradecida deste mundo.

— Viu o Crucificado?

— Vi.

— Que tal?

— E' um homem silencioso e não conversa com os Kágados.

— Silencioso ou educado?

— Olhe lá! Você é quem começa e depois não se queixe.

— Fiz-lhe apenas uma pergunta. Você prometeu contar-me as novidades que viu. Não foi? Continue, por favor.

— Gostei mais de S. Pedro, o porteiro do céu, pois ordenou que nós comêssemos à vontade.

— Muito bem, compadre Kágado, gôsto não se discute. Um antepassado meu, lá de Jerusalem, chegou a ver o Crucificado e transmitiu-nos o acontecimento com muita devoção e respeito. Nunca ouvi falar de S. Pedro; acho que não sofreu o martirio da cruz, mas se lhe permitiu comer assim à vontade, deve ser um homem bom, gostaria de ser-lhe apresentado.

— Um santo!

— Deve ser isso mesmo. Somente um santo nos mandaria comer assim à vontade. Na terra não há noticia de um gesto semelhante. Nem o Govêrno faria tal coisa.

— Conforme o Governo, compadre Urubú. Dizem que existe um povo numeroso que come, bebe e vive à vontade. Não me deixaram conhecê-lo, mas sei que domina grande parte da terra.

— Interessante, compadre Kágado, muito interessante. Você é de fato um ente lido e corrido.

— Ora... Notícias assim não saem em livros que eu possa ler, compadre!

— E de onde saem? de onde vêm?

— Não lhe posso afirmar porque na verdade não sei mesmo outra lingua. A nossa lingua é muito pobre, não cabe ainda as noticias verdadeiras, mas, os poliglotas...

— Explique-se.

— Os poliglotas...

— Explique-se!

— Os que sabem muitas linguas podem ainda transmitir-nos algumas noticias.

E o Urubú, inteiramente embevecido com a noticia extraordinaria, que ouvia pela primeira vez, deixou-se voejar como se estivesse em sonho. Mas o Kágado estava inquieto pelo fato de não haver trazido o que prometera e mesmo porque se sentia entontecido pelo mal cheiro do companheiro, pela altura e por um começo de indigestão.

— Desça — implorou — desça mais depressa! Quando estivermos mais proximos da terra, eu lhe darei o capão recheado, o pedaço de cabrito assado no espeto e a coisinha gostosa que lhe trouxe só por amizade. Eu sou um Kágado agradecido, nunca esqueço as minhas promessas. Escrevo sempre no final das cartas aos amigos que me prestaram algum favor: "Cativo à sua bondade; seu sempre seu; eternamente grato; disponha do amigo certo e obrigado; o criado amigo..." e assim por diante. Fico realmente agradecido!

— Deixe-me ao menos apalpar a mochila! — gemeu o Urubú, indiferente ao gênio sempre reconhecido do Kágado.

— Está louco! — gritou, suando frio. — Nem posso abrir um olho!

— Faça uma forcinha para este seu Urubú velho...

— Não posso. Não posso. Francamente, é impossivel. Sinto-me impossibilitado de qualquer movimento, salvo os da boca e os das visceras, que não param de se torcer e roncar.

— Está certo... ingrato!

— Não diga isso!

— Ingrato.

— Ora, compadre...

— Não escuto e aguente-se que vou descer bem depressa.

— Mais grudado do que eu, somente os mucuíns.

— Então, lá vou eu!

E o Urubú desceu não sei quantas centenas de metros num vôo quasi vertical, as azas meio encolhidas, o pescoço estirado como se fosse um cabo de vassoura, os olhos miudos a fechar-se de quando em quando. O vento deslocava-se fortemente e aumentava o medo, a tonteira e o empazinamento do Kágado, que escondera a cabecinha chata entre o casco. Depois, o Urubú abriu totalmente as azas, fez um movimento com o pescoço e planou novamente, sereno e firme. O Kágado poz a cabeça de fora, arriscou um olhar para baixo, soltou um forte arroto e sentiu que a comida lhe chegava à boca.

— Meu Deus! — exclamou, sujando as azas negras e luzidias do Urubú. — Nunca pensei que a comida do céu me provocasse tamanha indigestão. Sintome arrazado, compadre, sinto-me inteiramente arrazod.

— Não faz mal, não. — replicou a ave. — Foi de tanto comer. Pois eu estou arrazado de fome, o que é mil vezes pior.

— Desculpe-me a franqueza — retrucou o cágado, já meio aliviado da salivação abundante e da agonia nas tripas. — Você é o tipo da ave vulgar. Só sabe falar em comer, como se não existissem coisas mais belas no mundo.

— Como poderei falar em outra coisa se vivo eternamente com fome e ninguem se interessa em alimentar-me Você acha então que eu devo falar de coisas futeis quando sinto uma fome cronica? Se um Urubú qualquer se sente faminto, é claro que só poderá pensar na comida, todo o seu sonho se resumirá na conquista da comida. Estando satisfeito, eu poderia divagar como o compadre Kágado, mas o que importa na fome é a fome mesma; a poesia fica para depois. O estomago vazio domina e dirige a propria inteligencia. Portanto o primeiro problema a ser resolvido é o do estomago.

— Você falou regularmente, compadre. Meus parabens.

— Creio que isso é a pobre dialetica de um faminto ignorante, nada mais.

— Modestia. Redobro-lhe os meus parabens. Todavia, desculpe-me a franqueza: sou mais simplista e pratico. Nascido num Estado riquissimo e culto, considero-me naturalmente mais pratico.

— Não passo de um Urubú cearense, eternamente esfomeado e queixoso...

— Pois bem. Voltando ao assunto das crianças...

— Não me repita essa blasfemia! — grasnou alto, as penugens arrepiadas. — Isso é um pecado mortal.

— Quero lhe dar apenas uma opinião sensata de viajante que observa. Você bem sabe que não sou cearense e, portanto, falarei com imparcialidade sobre a sêca. Quando pequenino, li o "Iracema" de José de Alencar e certifiquei-me de que o Ceará era um paraizo. Hoje, porém, vi que não é tal.

— Estou cançado e com fome — interrompeu o outro. — Quero uma coxinha do capão recheado!

— Primeiro, escute-me e não me fale assim dessa maneira. Garanto-lhe que não tocarei no assunto das crianças mortas, nem no romance de José de Alencar. Gosto não se discute, como você mesmo me disse há pouco. Isso é uma das verdades universais que os filosofos esqueceram, salvo os filosofos praticos como o compadre...

— Obrigado; isso lisonjeia-me. Nunca em minha vida alguem me chamou de filosofo, é a primeira vez. Não passo de um Urubú, todos me consideram Urubú e nada mais.

— Pois é uma injustiça. Um filosofo tão pratico, cujo papo dirije sua propria inteligencia...

— Sim, mas quando o papo se encontra vazio como neste momento, e é verdade.

— E' isso mesmo, não lhe faço criticas. Gôsto não se discute, como você disse ainda há pouco. Se o compadre Urubú não gosta de crianças mortas, vá lá. Acho uma grande de tolice, sobretudo para quem sofre de fome crônica, mas vá lá. Sou de uma terra bastante rica, já lhe afirmei. A extensão de meu Estado Natal que, note bem, é ainda um dos menores do Brasil, vale tres vezes mais que toda a superficie da França. E' uma terra farta, exuberante e tem de tudo. Nunca padecemos secas, nem demasiadas chuvas como acontece noutros lugares, mas possuimos inteligencia e cultura de sobra para aconselhar nossos irmãos cearenses. Pergunto eu: porque vocês se deixam morrer assim por amor à uma terra tão ingrata?

— Porque sentimos a terra.

— A resposta é sutil, compadre, mas não me convence.

— Pois é justamente por isso. A terra é nossa; nós a conquistamos com o nosso proprio suor. Civilizamos a Amazonia e voltamos para o Ceará; libertamos o Acre e voltamos para o Ceará. E' isso: gratidão aqui é o que não falta. Amamos a terra, compadre!

— Bonitas palavras! Se vocês não fossem assim tão sentimentais, verificariam que existem varias soluções dentro do proprio Estado do Ceará.

— Duvido. Há seculos o Governo procura essas soluções. Agora só nos resta o auxilio de Deus. Rezamos e fazemos procissões. O milagre virá, se Deus quizer.

— Lá vai uma solução, compadre Urubú: porque vocês não mandam buscar camelos e bufalos?

— Creio que já tentaram isso, há anos.

— Lá vai outra, que não é minha: e os açudes?

— Isso está nas mãos de gente poderosa.

— Emigração total para a Amazonia...

— Quem fica no Ceará?

— Não é preciso.

— Mas somos um Estado com economia organizada e o quinto exportador do Brasil. Só nos faltam as chuvas, porque o resto nós faremos.

— Conversa mole, compadre Urubú. Isso é conversa mole. Mas, vamos agora à minha solução que, modestia à parte, é a mais inteligente...

— Estou ouvindo, embora tenha o papo vazio e as titelas enfraquecidas. O compadre continua pesado, creio que ainda não se livrou do sarapatel que andou comendo lá no céu.

— E' verdade, mas vamos à solução: "porque os cearenses não se devoram?".

— E as chuvas, compadre, e as chuvas para o Ceará?

— Eu falei apenas na solução da comida. Esse negocio de agua é com o Governo. Repito: "porque os cearenses não se comem"?

— Isso é lá entre os homens. — retrucou o Urubú, virando o pescoço e espiando o passageiro montado na sua corcunda. — Não sou igual a eles. Eu, pelo menos, vôo. Quando a fome me aperta, serei capaz de picar os olhos de todas as crianças mortas à beira das estradas. E' um prato tão excelente, tenro e limpo que eu tenho a impressão de que comungo. Apesar de frageis no inverno e mortas nas sêcas, as crianças continuam sendo a força mais poderosa deste mundo e como nos purificam. E' verdade que fico com os olhos merejados quando me vejo coagido a picar os olhos das criancinhas mortas às margens das estradas, mas o compadre compreende que tenho a minha fome, a fome de minha mulher e a fome de meus filhinhos para alimentar... Contudo, jamais faria isso com um da minha especie, não senhor!

— Está direito, o compadre Urubú pelo menos ainda demonstra bom gôsto. Carne de Urubú deve ser uma desgraça.

— Corte essa lingua! Olhe que lhe posso fazer um estrago medonho. A terra ainda está distante...

— E os mucuíns?

— Já lhe expliquei o que é mucuím e qualquer dicionario traz essa palavra. Os homens não a podiam esquecer, está claro.

— Sem duvida você sabe explicá-la com muita experiencia... Tem um dicionario de imundicie nestas azas.

— Repita o que disse! Ande, repita!

O Urubú estava realmente zangado e o Kágado viu quanto fora longe o seu espírito crítico. Desculpou-se:

— Calma, compadre Urubú-rei, calma. Ponha isso na culpa da minha indigestão. Minhas tripas não sabem mais como se torcer, viraram cobras de duas cabeças.

O Urubú silenciou, voando com mais rapidez. Ao chegar perto da terra e calculando que não se machucaria na queda, o Kágado tocou de leve no pescoço pelado do Urubú-rei e disse-lhe que não trouxera o capão recheado, nem o pedaço de cabrito assado no espeto, nem mesmo aquela coisinha gostosa... O Urubú grasnou com raiva, subiu rapidamente num vôo vertical e o Kágado caiu de costas numa pedra. Por isso, ainda hoje é chato e tem o casco dividido em varias partes, que se quebraram na ocasião.

Comentando livros

"TERRAS DO SEM FIM"

Dias da Costa

E' com enorme satisfação que volto a encontrar em "Terras do Sem Fim" o grande romancista que o livro "Jubiabá" revelou ao Brasil. Revelou, é bem o termo, porque se os livros anteriores de Jorge Amado, apontavam a existência nesse escritor de elementos vigorosos a indicar a presença de um poderoso romancista, até aqueles livros o autor ainda não havia conseguido tirar o proveito de suas extraordinárias possibilidades. Havia nos seus livros muita paixão, muita fôrça, um desprezo sadio pêlas "regras de viver" da literatura bem comportada e pré-academica, um amor muito grande pelas cousas honestas do mundo e um sentido másculo de poesia, que, vez por outra, transbordava em páginas verdadeiramente comovedoras. Mas, foi no romance "Jubiabá" que tais elementos se equilibraram e robusteceram ao ponto de produzir resultados para muitos surpreendentes. Porque, até hoje, e creio que para sempre, as figuras do negro Balduino, do pai de santo Jubiabá, da crioula Rosenda, e de tantas outras personagens, movendo-se no cenário fabuloso de realismo da "Baía de Todos os Santos e de todos os mistérios", perduram em nossa memória, vivas, poderosas, fascinantes. E é tudo isso que volto a encontrar em "Terras do Sem Fim", livro que me traz um autor ainda mais seguro de seus recursos, senhor de uma técnica mais apurada, mais experiente, muito mais sereno, mais capaz de "ver" os seus temas, fixar pessôas, coisas e dramas, sem com êles se misturar, sem se deixar envolver pêlo fascinio, muitas vezes traiçoeiro, dos efeitos cintilantes e faceis das palavras sonoras.

Em "Terras do Sem Fim" oferece-nos o autor a primeira parte do romance do cacáu nas terras distantes do sul da Baía. Romance de pioneiros, com muita coisa da colonisação do oeste norte-americano, os homens chegam às terras de São Jorge dos Ilhéus, vindos do mar nos navios primitivos da Companhia Baíana, em vez de varar o deserto nos carretões de toldos escuros que o cinema popularizou. Ao saltar, encontam uma terra semi-virgem, onde as paixões referverm, a ambição de riquesa dominando tudo, os mais fortes submetendo os mais fracos, os mais espertos enganando os menos atilados. Não há propriamente uma sociedade. Existe um conglomerado humano, que vive em função dos bagos do cacáu. Estes representam a fortuna, o poder político, possibilidade de satisfazer instintos e ambições. E' para conquistar a posse do cacáu que os homens lutam. E a história desfila. Há os que se adaptam, os que se sobrepõem ao meio, os que se entregam sem luta, os que se desiludem, não se conformam, para viver da amargura do sonho desfeito e da nostalgia de terras que ficaram apenas na lembrança. E as injustiças sociais, como não poderia deixar de ser, fazem parte da rotina cotidiana. A exploração do homem pêlo homem é desenfreada, tremenda e cruel. Não há apelação possivel. Alí nas terras do sem fim, a lei é uma só: a repetição do "coronel"; a solução dos casos menos fáceis é o "caxixe" solerte; a palavra final, definitiva, o espoucar do rifle no assalto ou na tocaia. Não seriam construtores de mundos aqueles que hesitassem em eliminar uma vida humana para a conquista de um pedaço de terra prêta. Daquela terra prêta que seguraria as raízes e daria a seiva aos cacaueiros conversiveis em ouro e poder. Por isso nasceram os "coroneis". O coronel Horacio, Sinhô Badaró, Juca Badaró, nomes apenas, mas símbolos de um terrivel drama social. As diferenças de temperamento influem apenas em reações íntimas. Mas, a ação exterior e mesmo, a meta visada é igual. Em torno do núcleo central dessa sociedade primária, aglomeram-se os tipos acessórios: os bachareis, os negociantes, os jornalistas, as prostitutas, o trabalhador da terra e o capanga. Mas, ninguem tem vida autônoma, ninguem escapa ao fatalismo do meio. Toda existência humana está condicionada às variações da luta pêla conquista da terra, aos combates pêlo espaço maior onde mais cacaueiros possam frutificar. Rouba-se a terra alheia, que tambem foi roubada, ou pêlo emprêgo da fôrça pura e simples ou pela aplicação da astúcia que, em última ins-

GHETTO

O mendigo judeu dormiu na escada
E a filha ficou só, no velho beco.
A noite é fria, espera-se nevada,
O bairro cheira a mel e a figo secco.

Para entreter-se, a moça ruiva joga
Comsigo mesmo bisca de três-setes;
Um rabino que vem da Synagoga
Sorri olhando as damas e os valetes.

Nesse ponto começa a cair neve.
E para se aquecer a flor judaica
Põe-se a dançar sozinha um passo breve.

Serve de fundo á sua dança archaica
O arabesco dourado, fino e leve
Dos sons de uma perdida balalaika.

(Especial para "Esfera")

Affonso Schmidt.

---

tância, tambem tem na fôrça o seu apoio. E essa é a lei.

Pois bem, foi tudo isso o que Jorge Amado conseguiu fixar em seu romance, com uma segurança singular. Entretanto, si o romancista se valeu dos elementos que possuía, guardando a mais honesta fidelidade aos modêlos, nem por isso precisou tolher a sua fôrça de escritor, refrear a sua pujança verbal para manter harmonia com a verosimilhança da narrativa. E isso se evidencia na força de humanidade que têm as figuras do romance, movimentando-se num à vontade que só os legitimos novelistas alcançam. Os problemas individuais, seja o misticismo estranho de Sinhô Badaró, seja o amor do coronel Horacio pêla esposa civilisada, ou o drama de conciência do prêto Damião, harmonizam-se com o drama geral, do mos elementos constitutivos de toda a sociedade ambiente. E, no momento em que a descrição é necessária, o autor encontra em si mesmo o poder para construir páginas como aquelas que fixam a importância da mata na vida dos homens, que a desejam vencer, a vida da mata, o mistério da mata, o enigma verde e sombrio que está sob as fôlhas, desafiando a audácia teimosa dos pioneiros.

Ainda hoje continúo a acreditar em que são os romancistas modernos do Brasil que estão captando os elementos mais valiosos para o estudo futuro da formação social brasileira. Muito mais do que a maioria dos nossos sociólogos, estão êles desbravando caminhos para serem trilhados amanhã. E não se julgue que tem sido essa uma tarefa das mais faceis. Pêlo contrário, impecilhos de toda ordem têm sido levantados para sustar o prosseguimento dêsse trabalho. Felizmente ,graças a uma fidelidade por vezes perigosa aos seus próprios principios, os romancistas honestos do Brasil ainda não desistiram. E é isso o que nos prova a leitura de dois grandes romances do ano que passou. E é tambem isso o que torna ainda maior a significação de "Fogo Morto", de osé Lins do Rego, e de "Terras do Sem Fim" de Jorge Amado, sem nenhuma dúvida os dois melhores romances brasileiros dêsse atribulado ano de 1943.

O "BRASILEIRO" CARPEAUX

Ary de Andrade

(Especial para "Esfera")

Na opinião unânime dos maiores nomes da literatura universal, um homem como Romain Rolland foi uma alta e límpida voz que se ergueu sempre contra tudo que representasse opressão, ódio, desarmonia e guerra entre irmãos. Toda a sua obra gira em torno deste tema sedutor e ao mesmo tempo ingrato e perigoso — o pacifismo. Seu ideal supremo era a Paz. Por ele sofreu o exílio, a incompreensão e toda a sorte de infâmias. Lutador, a sua maneira, mas sempre um lutador, enfrentou todas as tempestades que a burrice e má fé provocavam. Bateu-se contra todos os obstáculos. E foi surdo a todas as váias, para permanecer fiel ao seu único ideal — a Paz.

Que é o "JEAN CHRISTOPHE" senão uma consequência lógica das atitudes e das idéias pacifistas de Romain Rolland ? Quem desconhece os poemas em que pregava o amor, a solidariedade e a harmonia entre os homens? Escreveu uma vez estas palavras contra a guerra:

"Quando se ouve esmagada, apenas se afastar
o galope furioso dos Quatro Cavaleiros,
levanto a cabeça e continúo o meu canto
— mísero e obstinado."

E obstinadamente só sabia louvar a Paz. Setenta anos a amou e esperou por ela. Teatrólogo, só se preocupava com o povo ávido de ensinamentos. Foi para todos os povos do mundo que escreveu o seu TEATRO, que é uma escola ativa e um exemplo vivo da inteligência ao serviço de um ideal. Musicólogo, escreveu sobre Lully e tem uma biografia de Beethoven, a quem amava profundamente. Deixou estudos filosóficos sobre figuras como os de Tolstoi, Rousseau e Gandhi. Crítico de arte, tem um trabalho sobre Miguel Ângelo. E porque amasse as creaturas simples e boas mereceu de Gorki amizade e admiração. O grande russo chamava-o de "Tolstoi gaulês". Antes da viagem que empreendeu a Nidjhi Novgorod para abraçar mais esse amigo que a sua coerência política, a sua dignidade literária, a sua honestidade perfeita tinham conquistado na distante Rússia, teve do autor de "A Mãe" estas palavras: "Nunca o vi, mas penso que os olhos de Romain Rolland são calmos e tristes e que a sua voz é doce mas firme". Pois este homem reto, sincero, firme nas suas convicções, acaba de merecer do "brasileiro" Otto Maria Carpeaux simplesmente esta classificação : "Um escritor fraco, um homem de ideologia vaga, mistura ingênua de socialismo e pacifismo, jacobinismo e feminismo, cosmopolitismo e utopismo. Era — **horribile dictu** — um "pequeno burguês".

Eis a que a férula do "ex-austriaco" reduziu o poeta, o romancista, o filósofo, o teatrólogo, o biógrafo, o crítico, o Prêmio Nobel, que Hitler matou num campo de concentração na Bretanha e que Otto Maria, do alto do seu saber acaba de matar literàriamente — e desta vez, definitivamente, pelo menos para muitos — nas páginas da "Revista do Brasil" de Dez. de 1943.

Tão cruel, tão injusto, tão desumano mostrou-se o "brasileiro" Carpeaux, que Valdemar Cavalcanti, o tipo do apaziguador, do amigo de toda a gente, não pôde conter-se. E estourou no seu ótimo "Boletim Literário" in "Folha Carioca", Rio, 11/2/44: "Sou obrigado a discordar de Otto Maria Carpeaux — e não o faço por prazer, nem, muito menos, pelo gosto de discordar..." Vai por aí, num tom cauteloso, maneiroso. Mas dizendo verdades duras, ainda que disfarçadas em meio de meias desculpas quasi.

Como se explicar a atitude de um homem, como esse Carpeaux — soit disant — perseguido político ? Que é afinal o seu credo ideológico ? Que pretende no Brasil ? Como conseguiu conquistar tantos e tão poderosos amigos, a ponto de,

contrariando todas as posturas legais, que exigem pelo menos cinco anos de residência no país para obtenção da carta de cidadania, ter sido naturalizado com apenas dois anos de permanência?

Uma pessoa de minhas relações, tambem refugiado, antigo e conhecido editor em Viena e que não esconde atraz de um pseudônimo afrancesado a sua origem hebraica, pois dela—e com toda a razão — muito se orgulha, esse amigo me informou que o "brasileiro" Carpeaux foi creatura chegadissima a Dolffus, secretário ou diretor de um iornal que defendia aquela nojenta política do ridículo chanceler pseudo-católico da Austria, política que consistiu sempre em acender uma vela ao fascismo e outra à democracia muniquista de Londres, Paris e Nova York.

Por outro lado, os amigos seus "do outro lado", garantem que tudo isso não passa de um infamíssima campanha de difamação. Até em "quinta-colunismo" já ouví alguem, que muito admiro e respeito, falar. Pois bem, vamos agora tentar descobrir com quem está a verdade, se é que ela está com alguem. Comecemos por analisar o que se convencionou ser um escritor a servico do fascismo. Assim veiamos primeiramente qual é a técnica de Hitler quando pretende esmagar a um adversário que lhe fugiu das garras. E' de todos conhecido o método fascista de destruir à distância o inimigo mercê do sarcasmo, da mentira e da confusão entremeiados de ameaças, pragas e maldicões. Entre nós, quem não se recorda do tristíssimo Plínio Salgado com o seu "slogam" sinistro — Ái dos indiferentes! ?

Não será por ventura observando, como no caso vertente, as reações do homem nebuloso, misterioso que é o "brasileiro" Carpeaux frente aos problemas, aos homens e às idéias do nosso tempo? Creio que sim. Procurem então ler a secção "No mundo dos livros" in "Jornal", Rio 20/1/44, um artigo de Otto Maria intitulado "Traduções". Leiam-no com atenção e vagar. Procurem nas entrelinhas cuidadosamente. Depois vejam "O Jornal" edição do dia 12 do corrente, à pagina 4, onde se encontra um magistral estudo de Georges Bernanos a respeito do antigo secretário de Dolffus. E depois me digam se o "brasileiro" Carpeaux está ou não enquadrado na categoria dos escritores fascista, néo ou para ou sub ou infra-nazista.

Citarei uns trechinhos do artigo de Bernanos, excusando-me de não fazer com o de Carpeaux, por inutil, uma vez que ao se ler as palavras do romancista de "Monsieur Ouine", ter-se-á uma idéia bem clara do que teria escrito o "ex-austriaco".

Vejamos ao acaso. Este, por exemplo, em que Bernanos fustiga e ridiculariza a pretendida profundidade da cultura carpeauxniana: "é uma estrada inacabada (a cultura de Carpeaux), perdida no mato, tunel sem saída, poço cavado profundamente no solo, mas desleixado do operário antes de atingir a água subterrânea e de onde sobe, não o frescor vivificante das fontes, mas o bafio bolorento dos cogumelos e do môfo. O sinistro "Para que" do Eclessiastes paira acima dessa curiosidade sem objeto, desse labor sem fim determinado, dessa impotência atormentada até a fartura. Ao invés da tentação de rítmos, a gente sinceramente desejaria que este excitado crônico, este infatigavel rocador de idéias alheias, de mãos tão ávidas e esmerilhadas, tivesse afinal uma dele, só dele, uma idéia a que conseguisse abraçar, possuir, fecundar, fazer um filho, o que quer dizer uma obra. O caso do sr. Carpeaux, pareceria outrora dos mais banais, porem a grande aflição do mundo presente confere a esta aflição particular um carater muito mais trágico do que cômico. Dá-lhe tambem o verdadeiro sentido ao ódio doloroso, inconfessado, talvez semiconciente que vota ao meu país".

Como todo literato a serviço de Hitler, Otto Maria ataca sistematicamente a todo o escritor cuja obra tenha um carater popular, cujas idéias possuam raizes fundadas na massa humana da qual refletem as revoltas, os ódios e os anseios. O "brasileiro" Carpeaux é amigo dos autores raros, herméticos, de nomes arrevezados e nunca dantes ouvidos nem conhecidos nestas plagas.

Thomas Mann só obteve dele — e olhe lá! a classificação de romancista de segundo time. Hemingway, Dreiser, Sinclair Lewis, Upton Sinclair, Steinbe-

ck, Dos Passos e outros americanos não passam de meros repórteres, algo comunistas, o seu tanto anarquistas. Shaw, Wilde, Chesterton "são sub-produtos de uma literatura quasi francesa". E por aí vai, destroçando, destruindo tudo e todos, para, em seu lugar, propor uns nomes absolutamente desconhecidos (ah! botucudos dos brasis, vocês não conhecem nada de nada !)

Às vezes confunde as nacionalidades dos autores. Dá cada fóra ! Já disse uma vez, num prefácio confuso, que o doce e suave Jean Dolent, francês de quatro costados, era espanhol e se chamava Juan.

E agora, com o ataque à memória de Romain Rolland, acabou de confirmar as suspeitas dos que, à falta de provas cabais e irrefutáveis, hesitavam em lhe dar o seu verdadeiro nome. Estou em muito boa companhia, graças a Deus. Tenho comigo Alvaro Moreyra que disse: "Eu desconfio logo de um austriaco que sái da Austria para ser nacional noutro país... Olhem o que aconteceu com a Alemanha". Galeão Coutinho, cujo artigo provocou o incidente com Alceu Marinho Rego, que o está processando por ofensas e calúnias. Genolino Amado que mostrou a sua erudição à Larousse e outros dicionários especializados. E finalmente Georges Bernanos que o reduziu a subnitrato de pó.

Esse senhor, que para uns é o "brasileiro" Carpeaux e para outros um senhor Otto Rino Maria Carpeaux (Fritz Teixeira de Sales), ou o porteiro das literaturas (George Bernanos), ou o charlatão laroussiano (Genolino Amado), ou o blefador perigoso (Galeão Coutinho), provou irrefutavelmente com o seu artigo contra Romain Rolland que é um **néo-fascista**, gênero daqueles que estão vivendo das sobras do falecido império de Vitor Emanuel. Deu-nos com o seu ataque à memória do glorioso Rolland o último testemunho de que careciamos para julgá-lo, como o fazemos aqui, um elemento perturbador, um provocador, cuja presença entre nós constitue não só um perigo para o nosso socego, mas também um desafio permanente e atrevido à nossa inteligência e à nossa capacidade de bem julgar os homens que nos chegam de outros portos, dizendo-se vítimas de regimes que odiamos e combatemos, mas cuja atitude entre nós é precisamente um desmentido de tais afirmações.

Protestamos contra os que enxovalhavam símbolos como Romain Rolland, cuja vida, cujo exemplo e cuja morte são um espelho em que todos devemos nos mirar, toda vez que pretendemos falar ao homem comum, ao homem da rua, ao povo que sofre e espera pela madrugada que vem raiando.

Encontramos nas páginas de "JEAN CHRISTOPHE" estas palavras que parecem ter sido escritas para todos os carpeaux do mundo inteiro:

"Querida terra, querida terra, nunca duvidarei de ti ! E mesmo que tuas provações fossem mortais, ser-me-ia isso mais uma razão para conservar até o fim o orgulho de nossa missão no mundo. Não quero que a minha França se encerre num quarto de doente, contra o ar exterior. Não faço questão de prolongar uma existência doentia. Quando, como nós, se foi grande, vale mais morrer do que deixar de sê-lo. Que o pensamento do mundo se atire contra o nosso! Não o temo. A torrente passará depois de ter adubado minha terra com o seu limo."

"Não se vive para ser feliz. Vive-se para cumprir a minha Lei. Sofre. Morre. Sê, porem, o que deves ser: um HOMEM."

Este foi, é e será sempre o HOMEM ROMAIN ROLLAND. Esta foi, é e será sempre a FRANÇA que um "brasileiro" Carpeaux pretendeu diminuir. A FRANÇA e o HOMEM, porem, continuarão a viver, quando os pigmeus que os atacam não forem nem lembrança na memória do mundo.

ROMAIN ROLLAND

Marechal da grande batalha do século

FRITZ TEIXEIRA DE SALES

(Especial para "Esfera")

Todos nós sabemos que o Brasil é uma nação cuja vida intelectual sofre ainda várias limitações peculiáres a um país em formação, o que assinalamos apenas de passagem. Quem pretender se dedicar entre nós à vida literária e aos problemas da inteligência, terá por isso que enfrentar toda uma série de preconceitos rotineiros e limitadores.

Quanto à incipiência que, sob certos aspectos, a nossa vida mental reflete, não há aliás divergencias. Todos sabemos como somos e porque somos. Sabemos tambem que devemos receber com a melhor bôa vontade todo aquele que — portador de uma arejada cultura europeia — nos queira auxiliar com a sua experiência, os seus conhecimentos adquiridos em um ambiente mais culto que o nosso, mais conciente dos valores da cultura, mais trabalhado pelo pensamento e pela história.

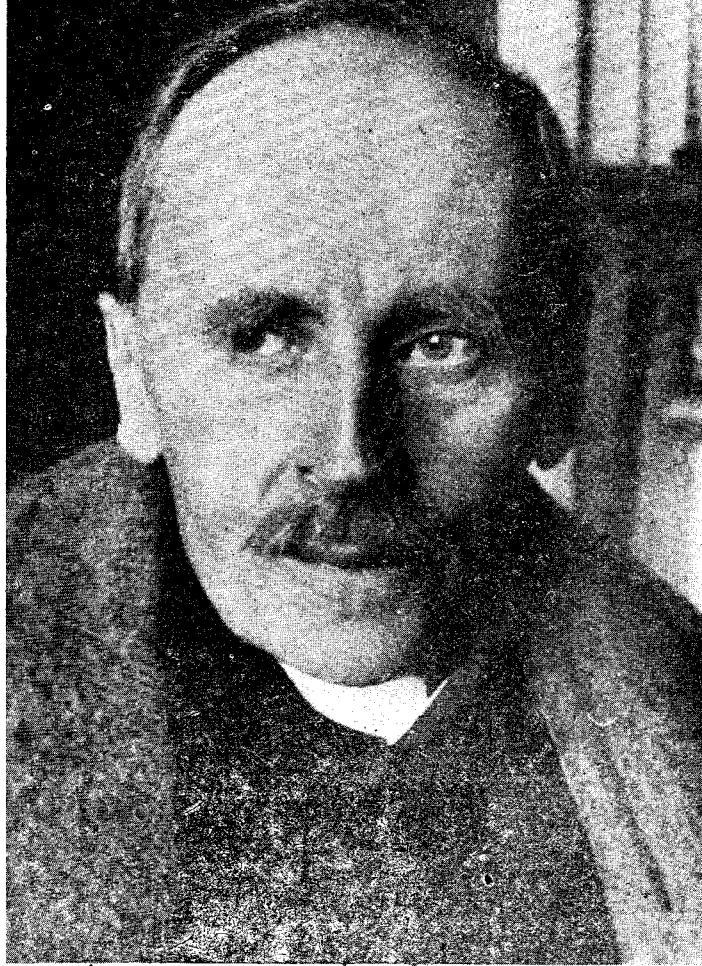
E este parecia, ser, a princípio, o caso do Sr. Otto Maria Carpeaux.

Devido à extraordinaria capacidade deste escritor de citar autores pouco conhecidos, muitos pensaram tratar-se de um verdadeiro mestre que aqui vinha para nos ajudar a pensar e a trabalhar pela inteligência, para nos ensinar a raciocinar sem as algemas de aço da ortodoxia escolastica— sem as amarras fascistisantes da intolerância — apontando-nos o amplo caminho de uma autêntica libertação intelectual.

Apesar disso, e infelizmente para todos — talvez mais infelizmente para nós de que para êle — a atitude intelectual do Sr. Carpeaux não tem correspondido à nosso expectativa. Em seus rodapés o erudito crítico tem pregado uma verdadeira ortodoxia literária, isto é, tem pregado em certo sentido a arte pela arte — o que é pueril e ridículo. Diz êle que, ao julgarmos um escritor, devemos considerar o seu valôr literário intrínseco; que somente e exclusivamente este valôr literário importa ao julgamento crítico. Sem dúvida, desde que se trata de um escritor — isto é, um indivíduo cuja profissão é fazer literatura — as qualidades e defeitos desta sua literatura são fundamentais para o julgamento que dela fizermos. Isto é axiomático. Mas acontece que, baseado nesse axioma, o Sr. Carpeaux nega as qualidades literárias de um Steinbeck, de um Gold ou de Sinclair Lewis, ao mesmo tempo que considera o Sr. José Lins do Rego um imenso romancista. E' o caso de se dizer que gôsto não se discute. Ninguem pode proibir o Sr. Carpeaux de **xingar** Steinbeck de reporter medíocre e apelidar, simultaneamente, o Sr. José Lins até de genio. Entretanto, como observou Guilherme Figueiredo, este "gôsto" de um europeu por um escritor cuja única virtude — aliás uma grande virtude — é o sabor de reportagem folquelórica é um "gôsto" verdadeiramente excentrico. Mas as excentricidades tambem não devem ser discutidas.

Baseado no seu princípio de que só a literatura importa, o Sr. Carpeaux acaba de expôr alguns conceitos sôbre Romain Rolland verdadeiramente lapidares, e que pretendemos comentar ligeiramente, em vista da oportunidade dos problemas sugeridos pelo mesmo Sr. Carpeaux em sua crítica. Não temos, entretanto, nenhuma prevenção pessoal contra o Sr. Carpeaux, a quem não conhecemos a não ser através dos jornais e dos seus livros. Ao contrário de prevenções, temos alguns poucos, porém verdadeiros amigos a quem muito consideramos e que se consideram tambem amigos do Sr. Carpeaux. Por conseguinte, o único fato que nos trouxe a este artigo é o inverídico de uma nota escrita **contra** uma figura de lider e de pioneiro impoluto como é o autor de Jean Christophe.

O Sr. Otto Maria Carpeaux, em seu ataque ao conhecido lider não se baseou em **verdades** concretas.

Romain Rolland... quantas esperanças, quanta compensação, quanta paz, quanta plenitude enche o coração do mundo, quando este mundo ouve, entre o estampido dos canhões e o uivo lacerante das bombas, este nome: Romain Rolland, o homem símbolo.

E o sr. Otto Maria Carpeaux insinuou que este foi o precursor da 5.ª coluna, dada a sua posição de pacifista no conflito passado, na hora mesma em que os alemães marchavam contra Paris. Afirmou ser Rolland um escritor sem nenhuma importância literária, além de um homem cujas convicções foram sempre vacilantes.

O que me comove, o que nos comove, a nós pobres indigenas analfabetos, **moleques ingênuos** das províncias sul-americanas — é constatar tanta ignorancia assim em um indivíduo que cita tanta gente ilustre e tantas literaturas exóticas; que vem de Viena d'Austria, da lendaria Viena de Beethoven, da Viena de Jacob Wassermann. Infelizmente os Kafta, os Sillammpaa, os Langerlof, os ignorados rumenos, iugoslavos, tchecos, chinêses, indianos, sírios, turcos e nagôs, croatas, magiares, noruguêses — enfim, todas as culturas exóticas — não esclareceram o famosissimo humanista sobre esses fatos já tão estudados e comentados como a guerra de 1914 o sentido fundamental do obra de Romain Rolland. Entretanto, Sillammpaa, que ainda é, para nós, um exótico, escreveu um magnifico artigo sobre Rolland em uma revista parisiense conhecidissima, a revista **Europe** (n. 38).

O Sr. Carpeaux te-lo-ia ignorado? A boa educação nos manda afirmar que sim, que o Sr. Carpeaux é de uma ignorância completa, porque apezar de toda a sua impressionante e arrazadora erudição, o eminente crítico não sabia que durante a guerra de 1914 a 1918 todos os admiradores de Rolland já eram pacifistas antes dele: que Barbusse se agigantou nessa luta; que Jaurés foi assassinado por isso; que a vanguarda popular do mundo inteiro era pacifista em consequência do carater imperialista e injusto daquela guerra que terminou precisamente no momento em que os povos dos países beligerantes demonstraram conciência política; e que qualquer **moleque semi-analfabeto** das provincias sul-americanas conhece este fato; e que por causa desta luta contra a guerra muitos escritores foram presos e exilados da Alemanha nazista; finalmente o Sr. Carpeaux ignorava, apezar de toda a sua erudição, que a U.R.S.S.

provocativamente citada por ele, sempre foi contra a guerra, a menos que esta guerra seja dirigida contra a independência dos povos, contra suas liberdades essenciais, como no conflito atual, em que as Nações Unidas encarnam esses princípios e ideais democráticos.

Tudo isto o Sr. Carpeaux desconhecia; ou então apenas supoz que nós ignoravamos? Não afirmo que tenha sido esta a sua intenção, porque não quero ofendê-lo como ofendeu todos aqueles que amam Romain Rolland. Os nossos processos de luta são diferentes porque foram aprendidos nos livros de Roman Rolland. Livros estes que o Sr. Carpeaux apezar de toda a sua erudição, afeta desconhecer.

A velha Europa tem tambem os seus inocentes e os seus Leblons...

(Continuo não querendo dizer que ele conhecia Rolland embora afirmasse a inexistência de escritos políticos em sua obra; continuo não querendo ofender, mas, como isso é dificil!)

"Inexistência de escritos políticos", "convicções vacilantes". **Clerambault** tem em sua edição portuguêsa, 266 páginas de escritos absolutamente políticos. **Quinze anos de combate** é um bem alentado volume de escritos políticos. Neste livro estão reunidos todos os panfletos, todos os ensaios, todas as lutas encetadas contra a reação pelo grande Rolland, de 1915 a 1930. Através de todo este livro um fato é inegavel, positivo, concreto: a unidade de pensamento de Rolland que durante mais de 15 anos foi um dos lideres intelectuais da França contra todas as tiranias, todas as opressões, todos os fascismos.

Em **Jean Christophe**, este romance-rio cuja belesa literária, força lírica e densidade humana o colocaram entre as maiores obras deste século, disse Rolland:

"Sorrimos com tristeza quando ouvimos falar da riqueza inesgotavel da França, da abundância das fortunas, nós, a massa dos trabalhadores, operários, intelectuais, homens e mulheres, que desde a infancia nos exaurimos no trabalho para ganhar o quanto nos livre de morrer de fome, e que com frequência vemos os melhores sucumbir no esforço, nós que somos a força viva da nação! Mas vós outros que estais empanturrados com as riquezas do mundo, sois ricos graças aos nossos sofrimentos e às nossas agonias. Isso não vos pertentence, nunca vos faltaram sofismas tranquilizadores: direitos sagrados de propriedade, guerra sadia pela vida, interesses superiores do Progresso, esse monstro fabuloso, esse problemático melhor ao qual se sacrifica o bem — o bem dos outros. Seja como fôr, o que permanece é isso: tendes demais. E nós valemos mais do que vós outros. Se a desigualdade não vos desagrada, cuidado que ela amanhã não se vire contra vós!" (Romain Rolland — "Jean Christophe" — Edição da Livraria do Globo).

Trechos como este se sucedem em toda a obra do escritor francês, obra esta que o Sr. Carpeaux acusa pela "raridade de escritos políticos"... d'onde se conclue que o Sr. Carpeaux só admite o escritor político, apezar de não admitir a homenagem literária por motivos extraliterários.

A grandiosa luta contra a guerra que tantos martires imortais forneceu ao mundo, o Sr. Carpeaux calunia de "aquela atitude vergonhosa favorecendo só o inimigo que estava a poucas horas de París". Mas será possivel que um homem de tamanha erudição não tenha lido sôbre esta guerra nem mesmo um desses jornalistas conhecidissimos como Simone, Erhenburg ou Cheradame?

Vejamos agora a parte literária. Diz o Sr. Carpeaux que a crítica séria da França sempre negou o valôr de Romain Rolland e cita à propósito da crítica séria o "Canalha Henri Massis", esclarecendo ainda: "e noto que a gente, quando não gosta de Rolland, está em má companhia". Mas então a crítica séria é má companhia? E se esta crítica é contra Rolland porque citar o **canalha Henri Massis**? Apenas para ficar em má companhia?

E' dificil negar a seriedade a Georges Duhamel e foi este escritor que escreveu à propósito das convicções de Romain Rolland que o Sr. Carpeaux considera vacilantes: "Achado o homem, é constancia e firmeza que lhe pedem. A

grande glória viva que Romain Rolland conquistou em nosso século deve-a tanto ao seu imenso labor de escritor, como a serenidade de que deu prova **ha mais de dez anos**, e na qual doravante. se deve saudar um novo aspecto de coragem civica". E pouco adiante... "cuja lingua esse homem fala, cujo gênio esse homem traduz".

Ainda a propósito de Rolland escreveu Jean Richard Bloch: "Quando a figura de Romain Rolland se ergue diante de nós, nosso olhar se perturba tal a diversidade de espectos com que ele nos aparece. O músico, o historiador, o romancista, o dramaturgo, o crítico de arte, o ensaista, o moralista, o político, o poeta encontram sempre lugar nessa prodigiosa atividade". Em o n.º 38 de 15 de fevereiro de 1926 da revista **Europe** (F. Rieder Et Cie. Editeurs — Paris, Place Saint Sulpice, 7), mais de quinze grandes escritores de todo o mundo, inclusive francêses, falam sobre Rolland: Barbusse, Ernest Toller, Jean Touseiul, André Chansom, Jean Prevost e muitos outros. E não serão estes nomes representantes de alguma coisa muito séria?

Tambem a propósito de Rolland, escreveu o brasileiro José Lins do Rego, tão admirado pelo Sr. Otto Maria Carpeaux: "Depois veio a guerra. E Romain Rolland se insurgiu contra ela com uma coragem heroica sobrepondo-se ao histerismo patriótico, ás misérias dos interessados nas carnificinas rendosas".

Mas o que **irrita** o Sr. Carpeaux, "é a homenagem literária por motivos **extraliterários**".

Como frase é medíocre, como conceito é discutivel. Mas antes de discutí-lo lembremos que a irritação é uma atitude pouco intelectual e imprópria a um crítico que pretende fazer desta crítica um sistema ou uma expressão de cultura, imprópria a um homem que diz: "L'inteligence est la faculté de comprendre ce que nous est antipatique", como afirmou o Sr. Carpeaux em um dos seus últimos rodapés. E para terminar vamos esclarecer aquele problema acima citado e tão do agrado do Sr. Carpeaux. Diz ele que só a literatura importa e logo depois afirma ser a fraquesa literária de Rolland causada pela sua fraquesa ideológica. Como são contraditórios os processos críticos do Sr. Carpeaux...

Está mais que provado ser a fraquesa ideológica de Rolland uma incrivel **gafte** do erudito crítico vienense, senão vejamos: em Clerambault, livro escrito de 1916 a 1920, diz Rolland: "Orgulho e cupidez, estatismo sem conciência, peste capitalista, máquina monstruosa da civilização, feita de intolerancia,de hipocrisia e de violência". (Historia de uma Conciência — Clerambault — pag. 177 da edição brasileira).Esta é uma frase entre centenas de outras com o mesmo sentido que o Sr. Carpeaux intitulou de vacilantes.

Romain Rolland é "pequeno burgues". Será isto algo pejorativo? Flaubert tambem não o foi? "Bovary" não é um símbolo da pequena burguesia? E Chekhov não é tambem um autêntico **pequeno burguês?**

Ninguem pode ser culpado por ter nascido nesta ou naquela classe social — o Sr. Carpeaux ignorava isto — nesta ou naquela nação, por ter nascido europeu ou numa taba de índio em pleno sertão sul-americano.

O que importa é não trair a vida e a grande causa universal de todos os homens, europeus, negros, mestiços, mulatos — **Homens.**

O Sr. Carpeaux deseja literatura pura, nada de motivos extra-literários. Mas, em Rolland não foi a fraqueza ideológica que causou a fraqueza literária? E depois, qual a condição fundamental que se exige de um livro para que tenha qualidades essencialmente literárias? Exigimos, todos nós, antes de tudo, conteúdo humano, força, honestidade, fidelidade á vida e à verdade dessa vida. E são tambem estas qualidades básicas da firmesa ideológica. Está claro que entre o escritor de cunho social e o bom escritor não ha divórcio; do contrário o que seria de Dostoiewski, Tolstoi, Gorki, Cervantes, Dante e Shekespeare?

Piedade Senhor para todos os inocentes das provincias sul-americanas, mas piedade ainda maior — Senhor! — para os inocentes do fevereiro sangrento, para os inocentes de todas as Vienas, de Dolfuss, de Hitler, de Mussolini, de Hiroito, de Henri Massis, de Maurras, de Daudet, de Rosenberg, de todos os monstruosos autores dos sangrentos, terriveis, dissolventes e diabólicos dias que vivemos.

Confusão, Confusão, Confusão...

Jorge de Lima

(Especial para "Esfera")

A simples visão das coisas e dos objetos ambientes nos dá a impressão nítida de um mundo sem interesse, mecânico, sem vida. Mobiliários, objetos de uso doméstico, automóveis, rádios, geladeiras que mudam de aspecto todos os anos, como para nos aborrecer e abreviar a duração calculada de sua companhia, servindo-nos o menor decurso de tempo possivel, edifícios de cimento e ferro gigantescos e soturnos, quais grandes colméias apartadas da terra e do céu, como que isolando o homem do humano; mesmo os livros tão mal apresentados, ridiculamente ilustrados, sem sobriedade e sem mistério, vazios de conteúdo poético, filosófico ou religioso; tudo isto torna a vida de hoje monótona, como nunca. Verdadeiramente a conciência humana atravessa uma fase de estupor, apesar da impressão oposta que nos dão a agitação vertiginosa do progresso material, as energias impacientes das transformações radicais e coletivas, a loucura da guerra e o delírio das revoluções cada vez mais sangrentas.

A arte limita-se a pretensões de curto vôo. Querem-na servindo ao imediatismo, sem generosidade e sem projeção, expressando exclusivamente a sua época, tão diferente das grandes éras de esplendor espiritual, quando ela trancedia o seu tempo e oferecia aos homens de todas as distâncias os mesmos consôlos que ocorriam no seu tempo. Vivemos fora de foco: numa constante concessão a um público que se amesquinha ou dentro de um faraonato muito próximo das múmias. Confunde-se o humano com o utilitário. Serve-se apenas ao utilitário, isto é, às únicas forças imeditamente próximas do capitalismo ou do totalitarismo.

Produz-se um desnivelamento profundo entre a vida do artista e a sua arte reduzida à encomenda ou dirigida pela mentalidade totalitária, usurpadora, preponderante, dos guias sem cultura. A arte perde a sua realidade se não representa uma ponte entre o indivíduo e o mundo, e se não propõe ao seu tempo, não o modelo da moda, mas um novo modelo para todos os tempos. A decadência da arte opera-se, pois, de dois modos: bastando-se a si mesma como fim, imputando-se a si própria como única realidade. Nos tempos que correm, pretendeu algumas vezes insurgir-se contra as imposições materialistas que a cercaram, e os seus protestos têm dado ora resultados inhumanos, ora resultados inteiramente inócuos. Mas úteis, no sentido em que ela serve e representa a sua utilidade de arte em si, isto quasi que não conseguiu. Resultado de tais contingências: a tragédia do artista aumenta independentemente da modorra ambiente.

Sabemos que a ação não requer uma colaboração síncrona de todas as faculdades do organismo humano: então uma superficial atividade independente das forças profundas do homem dirige a civilização num sentido linear sem densidade. A vida e o pensamento, e consequentemente a poesia e a cultura, a intuição e a erudição, a sabedoria e a ciência estão se desenvolvendo em níveis desiguais, o que faz que certos valores de nosso espírito fiquem adormecidos, enquanto outros despertam para servir às mais variadas satisfações e necessidades de nosso ser. Assim, determinadas faculdades como que se eclipsam lamentavelmente. Os tempos de hoje nos dão a ilusão, por exemplo, de que a poesia deixou de ser compreendida por uma civilização indiferente à sua excelsa função. Críticos chegam a atribuir esta incompreensão da poesia a defeitos de forma e a outras causas de somemos. Entretanto, o que se deu foi um desnivelamento quasi completo entre a progressão incessante da poesia no espírito de seus eleitos e a modorra de conformismo e de estupor coletivo em que mergulhou o mundo. Por isso, é esta época (e tem havido outras idênticas na história do mundo) um clima propício à eclosão dos guias medíocres, dos reformadores sem estatura e tambem da obediência cega das massas sonâmbulas.

Sofre-se, e o que é comovente nos esforços dos escritores de sob o signo de Marx ou nos do signo de Freud é que eles procuram encon-

trar, em contacto com a terra ou com a sexualidade, uma realidade que os cerceia e os imobiliza em processos esgotados por seus corifeus nos tratados científicos que nos legaram. Aproximamo-nos, pois, do ponto crítico de um dilema terrivel que marcará duas civilizações, e que atualmente se empenham na mais sangrenta das lutas: a civilização em que o homem tende a eliminar a arte e aquela em que a arte tende a excluir o homem.

Mas um desenquilíbrio novo ainda atormenta o problema da arte: o do objetivo contra o subjetivo. Pretendendo incorporar-se à vida a arte curvou-se voluntariamente ao real. Mas, este século cartesiano inculcou como real o que era imediatamente apreensivel ou reduzido às dimensões do homem. Apelou-se imbecilmente para tudo o que se pudesse rotular com o dístico de documento humano, o que representasse uma submissão a um realismo que exclue dos objetivos da arte tudo o que não se pode enquadrar ou reduzir aos falsos métodos realistas destes limitados apóstolos do real.

Os fundamentos espirituais da arte são em realidade imutáveis: basta para convencer disto constatar que historicamente suas origens pertencem à forma mais elevada do espiritual: o religioso.

O primeiro passo para a degradação tem sido a passagem do espiritual para'o intelectual, o que faz o Renascimento tão cerebral, tão inteligente ao mesmo tempo tão sem espontaneidade. Desta sorte, tudo aquilo que o artista medieval reconhecia e irmanava a uma verdadeira prece passou a ser um valor apenas intelectual, convertido a um cerebralismo cuja finalidade está em função de si mesmo, simples jogo da inteligência, gratuidade. E a inteligência, quando não se enraiza no solo das profundas forças reais do espirito, reduz-se a simples pesquizadora sem conduta, e cujas construções, obedecendo a uma espécie de maquinaria, se exaurem do sangue vivo da intuição e da sabedoria, sem inocência de coração e sem mistério. Querendo esta arte representar o homem completo, começa por amputá-lo em suas próprias origens, substituindo inconcientemente a criatura refeita pela vida, por uma cópia abstrata, despojada de certas funções essenciais que se atrofiam e que lhe conferem um ar de mandarino decrépito. A nossa civilização move-se manietada dentro dos planos urbanísticos traçados por Descartes, dentro destes planos mecânicos policiados pela técnica científica e pelos postulados conceituais que estabelecem primados zoológicos de sangue contra os verdadeiros primados de espírito.

Descemos aos artifícos, aos cerebralismos e até à suprema miséria dos truques. Assistimos, às blagues, aos efeitos intencionalmente pesadelescos. Atribuiu-se esta epidemia de cerebralismos a um *raffinement* da sensibilidade; apelou-se para a superexcitação do álcool e dos estupefacientes, as manipulações mediúnicas, às atitudes mais espalhafatosas com único fim de despertar a atenção e escandalizar.

Os nossos críticos de arte tornaram-se cada vez mais livrescos, citadores, ruminantes de uma erudição de segundo quilate. A arquitetura, à procura de efeitos puristas, de uma chamada estética racional, atingiu uma pobreza enjoativa, ao invés da sobriedade e da pureza que pretendia. Sobre o mundo da arte baixou enorme confusão de valorres. E' uma crise cuja causa em parte se deve às preocupações de "trouvailles du métier" e da técnica que esterilizaram de vez as boas fontes da inspiração. Há nos modernos os mesmos modismos, idênticos "morceaux de bravoure", os mesmos cacoêtes que se combateram antes. Há uma originalidade laboriosa, estudada, artificial, verdadeiramente burgueza em sua inutilidade, em sua ostentação e em sua pretenção sem limites.

Não há, portanto, falência de forma nem hermetismo na verdadeira arte. O que existe (não me refiro agora a nenhuma burguezia artística) é um desnivelamento em vários setores de *animus* e de *anima*, que, bem longe de facilitar essa primeira condição da arte que é a comunicação das forças interiores de inspiração com a vida e com o público, torna essa comunicação cada vez mais complicada. E, coisa singular: os que quiseram salvar-se, apelando para as possibilidades da intuição, muitas vezes cairam noutro mal da época, no freudismo. A esse descaminho tão frequente, mesmo banal nos tempos que correm, tentou-se opôr uma barreira, mas uma barreira de consequências viciosas tambem: subjugan-

do-se o intelectual a uma vitalidade instintiva falsa. Assim, o freudismo pôs-se a conduzir por meio da inteligência e da teoria capciosa os problemas espirituais para uma pretensa solução e finalidade dos instintos. A obra de arte torna-se, pois um acaso puramente instintivo, a válvula de escapação que permite ao artista desfazer-se de seus recalques e dos desejos inconfessáveis de supostas psicoses: novo desvio e novo engano em que cabeceia o homem do século. Daí as verdadeiras obras continuarem insubmissas à psicanálise, e quando esta tenta mesmo elucidá-las, não nos dá senão explicações absolutamente primárias e irrisórias, outras vezes capciosas. Consequentemente, tudo que se pretendeu edificar sob o signo desta doutrina cientifica conserva um aspecto livresco, visivelmente tendencioso, pois não é conduzindo o homem ao nível do cio que se realiza a obra de arte verdadeiramente humana. Conseguimos às vezes com o auxílio de Freud exprimir um sucedâneo de conduta humana, certa constante de fenômenos em que os fatos podem ser grupados sob vastas chaves esquemáticas, mas a arte, partindo justamente deste subsolo obscuro em que os instintos podem ser arrumados em compartimentos uniformes, é que atinge sua mais legítima e humana afirmação.

Como se vê, os vários desnivelamentos no mundo da arte provocaram antes a modorra, o conformismo, o rebanho, em vez da inquitação profunda, da criação, da verdadeira originalidade. Construções intelectuais de caráter materialista se erigiram em doutrinas, e o artista achou cômodo transitar dentro delas. Modorra em vez de conflitos. Erudição em vez de boa compreensão, de sensibilidade pura. O espiritual divorciado do temporal, mas ambos seguindo indiferentes em sua calmaria. Ha uma ausência de tragédia. Compreende-se que o materialismo nos ofereceria amanhã uma sociedade perfeita e cientificamente alimentada, mas despida, como a sociedade burgueza, de qualquer tragédia criadora, mesmo da tragédia imensa que ela organizaria entre o indivíduo e o totalitarismo. Esta mesma não poderia ser contada às massas ensurdecidas e emudecidas pelo regime.

A obra de arte atinge o seu mais alto plano quando se aproxima dos grandes conflitos: o do homem com seu anjo, daquele com as injustiças, do livre arbitrio víduo com a comunhão.
com a conciência, do indi-

Vê-se bem porque tantos livros contemporâneos dão a impressão enfadonha de simples e interminavel análise sem interesse, se sabemos que esta teimosa pesquisa não representa nenhuma tragédia e quando muito poderia preparar a eclosão gorada nesta esterilizante dissecação, que não monta nem reconstroe. Há uma ronda de míopes em tôrno dos fatos humanos, analizados apenas em sua superfície com prejuizo de suas verdadeiras dimensões. Mas a arte, como a religião, deve transceder até mesmo à realidade; não terá sentido, não preencherá sua função, se não consegue levitar-nos, se não nos oferece outras visões além do quotidiano, além da dissecação ou do desmonte da complexa criatura humana.

"OS COMEDIANTES"

DURVAL SERRA

De há muito que nos acostumamos a ouvir comentários sobre a crise, que que atravessa o Teatro Nacional. O cinema e o rádio são apontados por uns e outros, como os principais usurpadores dos direitos de vida de nossa arte cênica.

Comentam uns, que não temos boas casas de espetácuos, outros falam que nos faltam companhias, que nos faltam artistas, originais representaveis, público, dinheiro e tudo mais quanto se possa apontar como deficiência para termos teatro brasileiro bom e apresentável, como existe em todos os grandes paises civilizados e cultos.

Os comentários fervem, fervilham, tomam vulto e se transformam em côro, por aqueles que frequentam teatro, pelos que desejam frequentar e conhecer o que haja de melhor em espetáculos e tambem por outros que nunca frequentaram teatros, não pretendem frequentar, nem conhecer, nem aplaudir, nem se interessar absolutamente, mas necessitam acompanhar um estribilho tão interessante como é esse de apontar todas as nossas falhas culturais, intelectuais e artísticas. Mas o clamor toma altura muito justamente pelos que necessitam ganhar o dificil pão de cada dia, da arte teatral.

Todos os anos temos no principal teatro do país uma temporada de comedia francesa e isso já se tornou tradição. Consagrados e luminosos nomes aparecem encabeçando os conjuntos. O público inteligente, super culto, ilustrado, seleto, fino e bem aquinhoado economicamente, não regateia aplausos a qualquer réstea de arte que nos venha da velha Europa.

E a Comédia Francesa ganha dinheiro e o empresário tem lucro.

Enquanto isso acontece com a "Comédia Francesa", o glorioso teatro desta nossa encantadora terra dos finados Tamoyos, prossegue sua marcha brilhantemente chorada num regime deficitário permanente. Pois bem, com ou sem crise, em deficit ou em abundancia, a verdade é que possuimos nossos astros e estrelas de indiscutiveis valores artísticos e até cósmicos, em torno de cujos nomes giram os conjuntos e consequentemente os sucessos das temporadas.

Para ampliar o nosso movimento teatral e amparar seus profissionais, muitas e diversas medidas têm sido apontadas e postas em prática, principalmente para que o público compreenda, avalie e pese o grande valor cultural que desfrutará quando tivermos bom teatro, porém todas as tentativas vão se dissolvendo com o correr dos dias e as lamúrias prosseguem mais fortes ainda.

Na realidade, não sabem os entendidos no assunto a que atribuir essa premente situação. Não sabem e por isso, estudam novas medidas, novos planos e novas maneiras, para poderem dar ao nosso país um índice artístico equiparado aos demais países.

De uns tempos a esta parte, subvencionado pelo Ministério da Educação, apareceu o Teatro do Estudante que foi encarado como uma das mais interessantes tentativas do teatro amadorista. Dessa tentativa julgo que tenha nascido o grupo de "Os Comediantes". Esse é o conjunto que vem de nos oferecer uma das mais brilhantes temporadas que temos oportunidade de assistir.

Amadores pretendendo fazer teatro sério e representando peças de desempenho dificil, é efetivamente um pouco estranho e audacioso.

Os pessimistas e descrentes comentaram como uma audácia verdadeiramente louca e encararam como simples distração de um corpo de diletantes, snobs, ou seja lá como tenham pretendido denominar , mas o certo é que apreciamos uma das mais sérias e definitivas demonstrações do que poderemos ter em teatro brasileiro.

Em uma análise meticulosa, falhas diversas poderão ser apontadas aqui e ali, mas olhando o conjunto e o que ele representa artisticamente não podemos deixar de aplaudir calorosamente o esforço desse grupo que trabalha coêso, com o desejo firme de levar de vencida os obstáculos que encontra e temos a impressão de que tudo no meio dos "Co-

mediantes" é vontade de fazer arte de verdade. Percebe-se perfeitamente que num ambiente de colaboração mútua, tendo por finalidade a representação de bons originais, "Os Comediantes" seguem trabalhando sem a preocupação de nomes em papeis salientes, ou em pontas. E apreciamos um conjunto teatral sem estrelas, onde são todos artistas verdadeiros neste ou naquele papel, como personagens centrais ou como simples criados em pontas ligeiras, fazendo barretadas, abrindo uma porta ou anunciando a entrada de outro personagem. Trabalham todos com a mesma bôa vontade e julgando-se necessários para que exista teatro e para que a arte seja efetivamente arte. Principalmente para que o público compreenda e apoie, com o proveito que tira de um espetáculo bom se cultivando ou simplesmente se distraindo. Essa é ao que parece a intenção maior dos "Comediantes" e isso, é finalmente digno de elogios.

Sete peças foram encenadas. No espetáculo de estreia levaram "Capricho", de Musset, traduzida por Brutus Pedreira e "Escola de Maridos" na tradução de Artur Azevedo. Molière, escolhido para a abertura da temporada foi como o desejo de afirmar ao público que os demais espetáculos correriam em crescente. E o público constatou isso.

A segunda peça apresentada foi "Fim de Jornada" do autor inglês Sherif. E' um trabalho de indiscutivel valor e de bem dificil interpretação. Um espetáculo pesado e por vezes monótono. Desenvolve-se em uma trincheira durante a primeira grande guerra. Trabalho de fundo essencialmente pacifista, como diversos que apareceram ao fim da guerra passada. Uma peça de grande valor onde os intérpretes puderam se mostrar verdadeiros artistas, mas julgo que no momento terrivel que atravessamos esta peça é um pouco dispersiva, pois mais do que nunca temos necessidade de ser otimistas e alertados constantemente para combatermos com todas as armas o terrivel inimigo nazista. No momento não poderemos ser pacifistas em nenhum de nossos pensamentos. "Fim de Jornada" foi belissimamente interpretada, mas o Brasil ao lado de todos os povos livres, está empenhado numa guerra de vida ou morte e nem todos os espectadores terão isenção de ânimo para encarar a guerra como um mal que devemos combater.

"Os Comediantes" representaram mais, "Peleas e Melisanda" de Maeterlinck, o "O Leque" de Goldoni, de autores brasileiros "O Escravo" de Lucio Cardoso e finalmente "Vestido de Noiva" de Nelson Rodrigues.

"Vestido de Noiva" foi o ponto culminante de toda a temporada. É um trabalho moderno pautado nas mais recentes inovações do teatro. E' um intenso drama desenrolado no sub-conciente de uma senhora atropelada que antes de morrer passa no pensamento um retrospecto de sua vida em todos os momentos e nas mais estranhas emoções, oferecendo assim ao espetáculo uma movimentação extraordinária pela sucessão de cenas extravagantes, irriquietas mas bem desenvolvidas. Nelson Rodrigues fez um verdadeiro trabalho de escarafunchamento, puxando à cena até o fantasma de uma meretrís assassinada em 1905.

Tivemos com a temporada dos "Comediantes" o maior sucesso artístico destes últimos tempos no nosso meio, assim como a revelação de verdadeiros artistas que embora encarados como amadores são verdadeiras afirmações. Citar nomes destacando ou frizando não seria tão oportuno quando se pode dizer que o conjunto em geral. é composto de creaturas inteligentes, concientes e esperamos que de mãos dadas continuem proporcionando ao público os belissimos espetáculos que vimos de assistir.

O Ministério da Educação, auxiliando iniciativas que se firmam tão brilhantemente promove o melhor trabalho para a elevação de nosso nivel cultural, assim como resolve parte do problema teatral e só poderemos nos considerar de parabens quando aguardamos melhores dias para o Teatro Nacional que com o aparecimento de novos elementos só poderá evoluir. Aguardamos agora que essas medidas se ampliem para que não só o público considerado mais aquinhoado economicamente mas tambem aqueles que realmente necessitam e precisam e vivem espalhados por todos os bairros e suburbios, possam ter o quo o povo merece dentro da civilização.

A psicologia do "Homem do Povo" do Nordeste

SOLANO TRINDADE

Bastaria a minha condição humilde, para falar do homem do pôvo brasileiro, estudando a sua psicologia social, com experiência própria, porque com êle nasci e tenho vivido, sentindo constantemente as suas necessidades, provando os valores da sua alma.

Residindo com êle, nos subúrbios de Recife, em mucambos situados em mangues, pegando o caranguejo, o sirí, o marisco, subindo coqueiros, viajando em jangadas, experimentei a vida do nordestino desprotegido, cujos filhos de barriga crescida, não recebiam a educação necessária para a vida.

O homem do pôvo do Rio Grande do Sul, que conheci, tambem no seu "habitat", melhor alimentado que o do nordeste, mas com o mesmo problema educacional, deu oportunidades interessantes para o estudo da sua psicologia social, com os seus problemas politicos e raciais.

O homem do pôvo de Minas Gerais, pouco diferente do nordestino, nada acrescenta a este estudo que é uma síntese de um ensaio sociológico.

Tambem o homem do pôvo do Rio, o carioca, poderá fornecer muita materia ao referido ensaio, mas neste artigo êle será simplesmente lembrado.

"Numa coletividade humana, processa-se complexa e crescente diferenciação da massa social motivada na divisão cada vez maior do trabalho. Insensivelmente acentua-se a tendência da formação de classe no interior da comunidade pelo agrupamento dos indivíduos especialisados em funções heterogêneas. Essas diversas classes, vão apresentando caracteres mentais comuns: as inferiores recuam mentalmente ao nivel de povos atrasados, verdadeira regressão sociológica. Niceforo encontrou traços antropológicos de primitivismo nos estudos que fez sôbre camadas sociais mergulhadas na miséria." (Principios de Sociologia — Djacir de Menezes — pag. 111 — Diferenciação Psicológica).

A vida do nordeste sempre nos apresentou o aspecto de miséria que Euclides da Cunha descortinou aos olhos da Nacionalidade, não só pelo seu clima mas tambem pela diferenciação social do seu pôvo.

O cangaço, as sêcas, o escravagismo após a abolição, foram problemas que tornaram complexas todas as possibilidades de reerguer o homem do pôvo do nordeste.

A revolução de 30 solucionou em parte o problema do cangaço, das sêcas, do operariado, sendo aliás muito louvada, a campanha contra o mocambo iniciada pelo General Manoel Rabelo e tomada a sério pelo interventor Agamenon Magalhães.

Alguem disse, referindo-se a Pernambuco, que "o homem não venceu o mangue, mas o mangue venceu o homem".

O homem do nordeste invadiu os mangues aterrando-os, com lixo, e construiu aí a sua habitação, com a lama do próprio mangue e folhas de coqueiros.

Naquele terreno inhóspito êle criou porco e galinha e dentro dessa vida viu crescer muitas gerações que não só se acostumaram àquela vida mas tambem criaram amor ao meio ambiente.

Alimentando-se de caranguejo, sirí, ostras, mariscos, caçados por êle próprio, o homem olhava resignadamente para o progresso mental, físico e moral da sua miséria, entregando a Deus o seu destino.

Basta ler o livro "Problemas Pernambucanos", de Vicente Lima, para ver a displicência do homem do nordeste para a sua condição social, especialmente no problema de alfabetisação.

"E isto vem se sentir ainda mais perto, quando observamos os fócos onde se verifica verdadeiro desinteresse pela escola; e esse desinteresse se torna maior ainda, tanto mais quanto, se dificultam os ganhos para a manutenção da existência". (Problemas Pernambucanos — Vicente Lima).

Se o homem se acostumou com a lama que a desigualdade econômica da sociedade levou-o a aceitar como espaço vital e dessa lama tira a sua alimentação, não sentiu a necessidade de se instruir.

"A psicologia biológica, a psicologia do comportamento, a psicologia da estrutura, determinam novas consequências pedagógicas", diz Celso Kelly.

A campanha contra o mucambo trouxe um novo caminho para o homem do pôvo do nordeste :a substituição do mucambo por casas higiênicas; o aterro do mangue tornando o terreno salubre onde as criação de frentes negras e centros de culcos e da lama; a mudanca do meio social permitindo uma nova estrutura educacional, tão comum na formação de novos núcleos; etc.

O receio dos educadores na travessia das zonas alagadas pelas marés e pelos mangues, trazia sérias consequências ao problema da educação popular. Agora com o aterro dos mangues essas dificuldades desapareceram.

A presente guerra, mesmo com os males que tem trazido aos homens, trará para o nordeste brasileiro um novo padrão de vida, nãosó pela militarisação como tambem pela renovação social que se está processando em todas as camadas sociais.

As necessidades urgentes da industria e da agricultura forçaram a premência da solução de problemas econômico-culturais, na melhoria do salario e no aprendisado agricola-industrial.

Não haverá mais cangaço porque a justiça unida ao trabalho evitará que se cometam erros sociais que levem o homem do povo nordestino a empunhar armas para se defender dos chefetes políticos e senhores de engenho.

E o novo homem do pôvo do nordeste, com sua casa higiênica, seus filhos educados e bem alimentados, saberá trabalhar com amor pela grandesa do seu torrão natal e ninguem falará da negligência do cabôclo brasileiro, tão explorado e caluniado.

O nordeste está se transformando em ambiente de trabalho e de cultura, reavivando no pôvo o gosto pela arte e pela liberdade.

Com o seu folclóre artístico rico e construtivo, o nordeste resistirá todas as investidas psicológicas do facismo; com o seu amor à Pátria e à Liberdade, o nordestino não consentirá a invasão nazista no território brasileiro.

O problema educativo do homem do pôvo do Sul terá tambem agora a sua solução, com a campanha do Governo de alfabetisação e nacionalisação do ensino nas colonias estrangeiras.

Observei no Rio Grande do Sul, especialmente em Pelotas, uma séria luta racial contra o homem de côr, fato que muito prejudicou a educação do homem do pôvo gaúcho, especialmente o negro. O homem de côr pelotense, afastado da sociedade como raça inferior, proibido de frequentar certos cinemas, barbearias, e peior ainda, escolas, criava um ambiente a parte, retribuindo com ódio os insultos dos arianos teuto e italos brasileiros ,isto ainda em 1940. O colégio Sevigné, de Porto Alegre, recusando receber a filha de um ilustre oficial negro, foi um fato que, como muitos outros, produziu na alma do pôvo gaúcho o ódio pelo arianismo propagado pelos fascistas verdes e disfarçados.

O Nordeste, apesar da ausência de colonisações arianas, sofreu os males do preconceito racial, porque muitos mestiços acreditaram francamente no mito da doutrina de Gobineau. Como no sul, escolas e clubes do nordeste recusaram os negros considerando-os inferiores, o que motivou a criação de frentes negras e centros de cultura afro-brasileiros. Esses elementos que se batiam pela "clareação" do pôvo, que se envergonhavam do negro, foram os mesmos que se declararam fascistas, combatendo a Democracia Getuliana de 11 de Maio de 1937.

Quando o Presidente Getulio Vargas derrubou o facismo verde, as frentes negras perderam a razão de existir, porque já não tinham a quem combater.

A psicologia do homem do nordeste de hoje é a mais alta, porque apresenta uma predominancia de luta pela liberdade e pelo direito. E' a psicologia de todo homem sadio que não se deixou arrastar pela influência tenebrosa do nazi-facismo de todas as cores. E' a psicologia do homem conciente da evolução social do mundo.

RIOS DE JANEIRO

Abelardo ROMERO

O Rio são várias cidades.

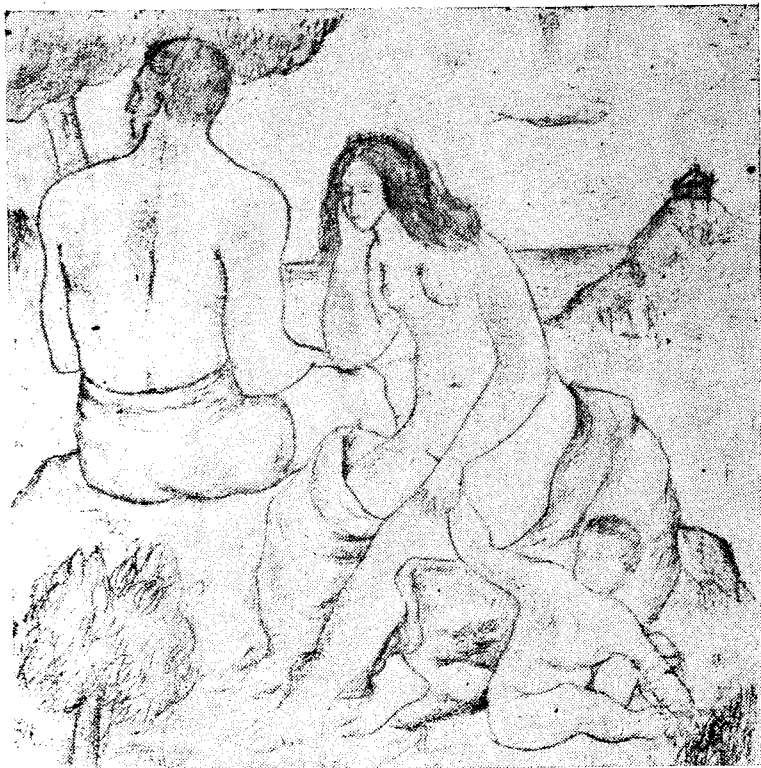
Geometricamente, a distância entre elas é quasi imperceptivel porque não são barreiras, aquedutos e túneis que separam essas várias cidades, mas as condições econômicas de suas populações. Do sertão carioca á praia de Copacabana, a diferença de níveis de vida acentúa-se dia a dia, o que ocorre, até certo ponto, em consequência da guerra. Na zona norte, habitada, em sua grande maioria, por pequenos funcionários, comerciários, intelectuais e operários, tudo se torna cada vez mais difícil. O cidadão que mora no Lins, por exemplo, obtem leite para o filho pequeno ás dez horas da manhã, e isso mesmo depois de gramar quatro horas numa bicha. Ás cinco, tem que fazer fila para compar carne. Carne ruim, de pescoço, etc. Mais tarde, se mete noutra bicha de açucar. Ás nove horas, seu lixo é recolhido numa velha e cansada carroça de burro. A calçada enxameia de moscas e a rua fede. Ás vezes, o verdureiro não passa por lá e o jornaleiro nem sempre lá aparece.

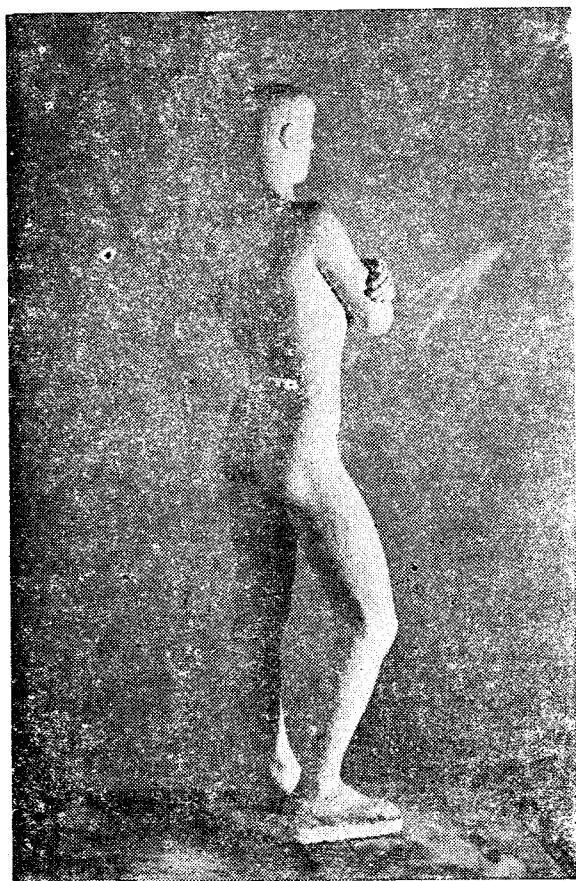
Agora, vejamos o que se passa na Urca, bairro que serve de modelo para assinalar a diferença estre as "cidades" ricas e as "cidades" pobres do Rio. Lá na Urca, nome que os batoteiros pronunciam invertendo o alfabeto, há pouca gente de condição humilde. seus habitantes são quase sempre altos funcionarios, comerciantes, industriais, cavalheiros folgados que não dormem com o despertador á cabeceira da cama e que antes de sair de casa não precisam contar os níqueis. Para êles o tempo é longo e o dinheiro é mato. Se o cidadão quer um troco qualquer, não precisa mais nada: — é só telefonar. Mas, prá que? Tudo chega em cima da hora e até antes, sem atropelos inúteis. Ás seis e coisa, o leite está atrás do portãosinho de ferro ou no parapeito da janela. Ás sete e meia, passa um bruto caminhão da L. P., que recolhe, rápida, cômoda e higienicamente, o lixo menos fedorento das cozinhas granfinas. As ruas conservam-se limpas e até cheiram. Grita-se pouco. Os autos buzinam menos e os rádios tocam mais baixo. A qualquer hora do dia, pelo telefone ou de combinação com o açougueiro, o granfa recebe a sua carne fresca, de bicicleta. E o melhor é que tudo sai pelo mesmo preço que paga, lá no infeliz subúrbio, o pobre funcionário que não pode perder o ponto ou o operário que é obrigado a pegar o primeiro trem para a cidade.

O Rio são várias cidades separadas por standards de vida. Arranha-céus e casarões coloniais de habitação coletiva. Vilinos "mon nid d,amour" e barracões de taboa e folha de flandres. Poltronas e bancos. Ar refrigerado e leque de papel de seda. Smoking e camisa de malandro. Do confronto que se faça entre as cidades do Rio, surgem, como se vê, os contrastes mais chocantes. Tais contrastes só se justificariam se os vários bairros que se compõe a "cidade maravilhosa" fossem separados por milhares de quilômetros se uns fossem situados em zonas fabris e outros em zonas agrícolas, se uns dispuzessem de meios de transporte e outros fossem verdadeiros entroncamentos ferroviários, rodoviários e aeroviáios. Mas tal não acontece nos Rios de Janeiros. O que aqui se fabrica distribue-se imediatamente por toda parte. O que recebemos de fora se vende em todos os bairros simultaneamente. Trens elétricos ligam o sertão carioca ao centro comercial da metrópole. Caminhões, bondes, ônibus, carroças e bicicletas percorrem toda a urbs, de ponta a ponta, de um extremo ao outro, sem nenhuma dificuldade.

Se assim é, porque há facilidades de vida nos bairros do sul e há tantas dificuldades nos pobres bairros do norte? Por que o comerciante recebe a sua garrafinha de leite ás seis horas, na Urca, e o pequeno funcionário só consegue obtê-la ás dez horas, no Lins, depois de gramar quatro horas numa fila? Será que existem granjas e estábulos nos bairros ricos e fábricas, arranha-céus e palácios nos bairros pobres? Se estamos em guerra, se o momento é de sacrifícios gerais, dividamos tais sacrifícios, de maneira que uns não se gabem do seu demasiado conforto e outros não se queixem de suas dificuldades invencíveis. Do contrário, nada feito. Ficaremos com muitos Brasis e vários Rios de Janeiro...

Artistas

SILVIA

De Ahmés Paula Machado, pintor

De José Pedrosa, escultor

Ahmés Paula Machado. Alfredo Ceschiatti. Antonio Dias. Beatriz Oswald. Carlos Oliveira. Eduardo Corona. Estefânia Paixão. Flavio de Aquino. Francisco Bolonha. Helio Modesto. desto. Hugo Leite. Jofre Maia. José Morais. José Pedrosa. Leda Estelita. Leslie Inke. Lourenço Diegues. Marcos Jaimovich. Maria Campelo. Mauricio Roberto. Milton Ribeiro. Percy Deane. Poty. Prosolina Prates. Tancredo Gomensori. Sansão Castello Branco. Telmo Pereira. Umberto Aveniente.

Quando se fala em grupo de artistas formando um movimento de vanguarda, todos sabem desde logo que estão em foco os meninos que sairam da Escola de Belas Artes e foram buscar proteção na A. B. I. para a demonstração de sua arte livre, arte de nossos dias contra os preconceitos estagnados dos conservadores obscuros. Atacados e protegidos esses jovens veem mantendo a sua atitude intensificando sempre mais um trabalho que representa a luta contra a reação em arte que é mais um gigantesco esforço pela arte do que trabalho individual a favor das próprias virtudes pictóricas. De tal maneira é expressivo êsse movimento de jovens estudantes que o observador fica na dúvida sobre se deve ser exaltado o comportamento plástico ou se apresentando uma lista de nomes se deve exaltar apenas a coragem heroica desses artistas revolucionários.

Individualmente os rapazes da A. B. I. começarão a surgir quando derem início a uma exibição mais individual e que consiga dar uma prova do quanto

de Vanguarda

teem produzido abdicando de suas possibilidades pessoais para manter coêso êsse conjunto que tem o significado de luta contra a opressão artístico-plástica.

Não é, porem, demais, fazer ressaltar nomes como por exemplo Cesqhiatti e Pedrosa dois autênticos escultores que teem apresentado trabalhos de elevado mérito. Tambem deixar de citar pintores como J. Morais e Ahmés da Paula Machado seria uma falha das mais lamentaveis para quem conhece a obra desses jovens que tão boa figura teem feito no Salão Nacional de Belas Artes. Encerra assim êsse grupo valores de grande desprêmios e medalhas, como aconteceu com Percy Deane. Mas não são só os taque para quem os juris eem conferido pintores e escultores que se destacam. Tambem os arquitetos e os desenhisobra apreciavel. Mauricio Roberto e tas ilustradores vão apresentando uma Bolonha são autoers de originais trabalhos que afirmam os novos rumos que a arquitetura já está tomando em nosso país. Castelo Branco é um perfeito realizador dos temas mais em evidência na decoração e, estudioso do Ballet, vem apresentando trabalhos que podem ser elogiados como dos mais interessantes que costumamos assistir entre os nossos novos valores.

A última exposição realizada no Salão da A. B. I. tinha um aspecto extraordinariamente exótico, verdadeiro ambiente para selecionar trabalhos dignos de serem apresentados. Destacavam-se os paineis decorativos assinados por Athos Bulcão, um dos nossos pintores mais festejados e que davam à excepcional exposição a sua marca bem característica.

E' sempre uma satisfação a oportunidade de palavras de calorosa simpatia para os expulsos da Exposição de Alunos que tanto deu de falar aos mais inteligentes de nossos intelectuais. Esses jovens mere-

Baixo relevo — Ceschiatti

Retrato de Jeny — J. Morais

QUANDO O MUNDO ESTÁ AUSENTE

Oh! — a minha alma enamorada e extinta!
— o meu coração despedaçado e lírico!
— a minha fome insaciavel de amor!
— o meu "iceberg" de lampejantes formas!

No ar parado da cidade parada,
— no céu alheio da mlltidão parada,
— no mar longinquo dos veleiros parados
— no absurdo silencio dos volumes humanos,
é que a grita é mais funda e mais pesada a sua dôr!

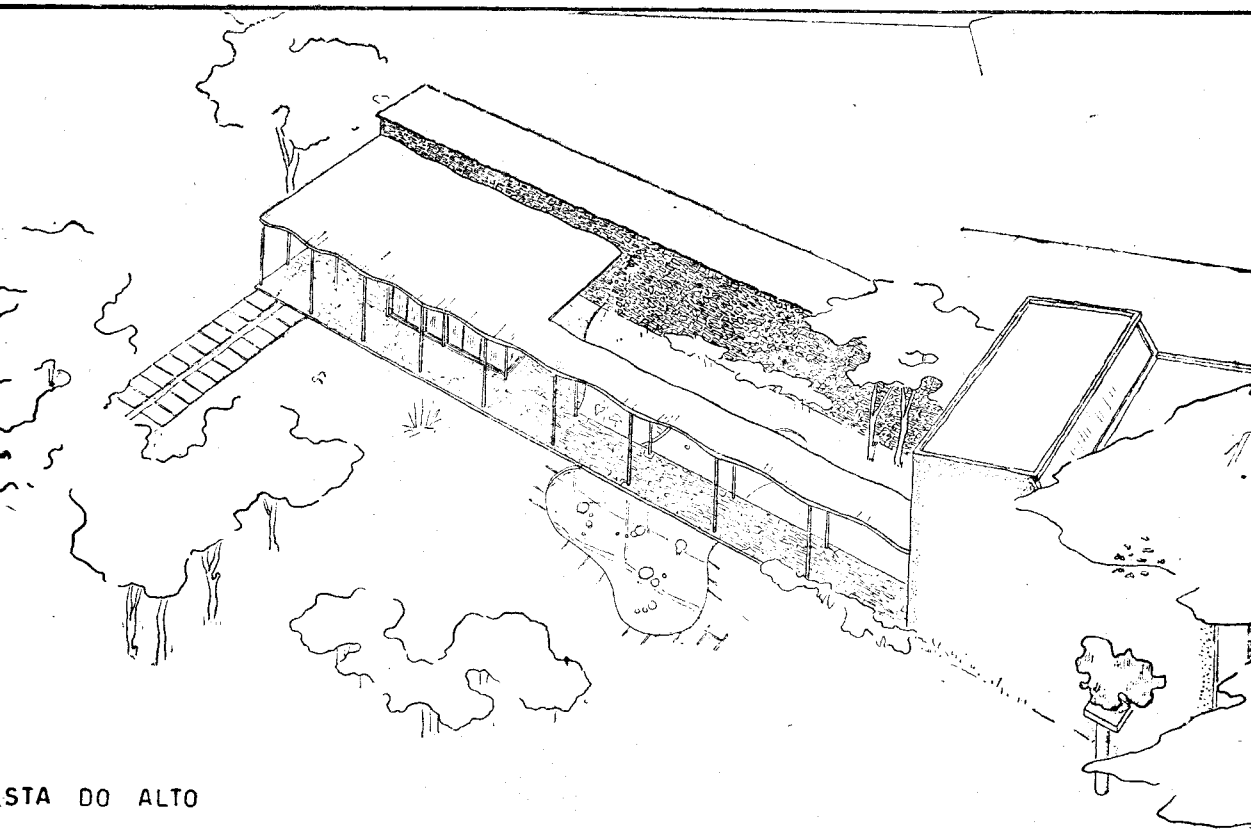
Delírio sombrio de acrobatas enormes,
com cabeças enormes,
com pés enormes pregados no chão.

Tudo adormece no pavor do nascente.
Tudo tomba na espessa negação.

AFONSO DE CASTRO SENDA

---

cem de fato um apoio decisivo que pode ter o significado de verdadeiro preito à inteligência e ao esclarecimento. De certo que os gênios da arte estão distribuidos em todos os tempos. El Greco, Goya, Van Gogh, Le Corbousier, Veronese Phídias, Donatelo, Picasso, Praxeteles, Rembrandt, e outros mereceram bem a homenagem num mesmo painel.

Projeto para atelier de escultor de Maurício Roberto

EM MARCHA A UNIDADE DA JUVENTUDE

Severo Aguirre

("Fundamentos", Nov. e Dez. 1943)

À medida que se intensifica a guerra contra a barbarie nazi-fascista, cresce e se fortalece tambem a unidade das forças democráticas e anti-fascistas na luta contra o inimigo comum da humanidadade. Nesta luta pela liberdade a vida estreita diariamente não só a união de governantes e Estados democráticos, mas tambem a dos povos e juventudes. Os jovens dos paises democráticos, aqueles que sofrem sob a bota sangrenta dos invasores fascistas, saltam por cima das concepções filosóficas e religiosas de militancias políticas e ainda das diferenças de posição social que em tempo de paz os dividia, para unir-se estreitamente contra o criminoso inimigo comum.

A juventude está unida no Exército Vermelho, nos exércitos anglo-americano-canadenses, no exército chinês, e graças a esta unidade suas armas podem conquistar os êxitos que nos comovem a todos. A juventude une-se no próprio coração de cada um dos países invadidos para lutar unida pela reconquista da independência de sua Pátria. A esta unidade se deve a integração das guerrilhas iugoslavas e francesas, os atos de sabotagem nas fábricas do inimigo, os incêndios e explosões que não deixam dormir tranquilos os invasores.

Em alguns países a juventude se une para expulsar os invasores, em outros para impedir a invasão. Assim, em todas as partes a palavra de ordem da juventude é uma só: Unidade.

Sob o signo desta palavra e para levá-la para a frente em todas as direções e para todos os rincões da Terra se celebraram as duas grandes conferências antifascistas da juventude soviética; efetuou-se em Londres, em novembro de 1942, a Conferência Internacional da Juventude, na qual constituiu-se o Conselho Mundial da Juventude; em Washington realizou-se a Assembléia Internacional de Estudantes e, por último, celebrou-se neste Hemisfério, ha apenas dois meses, a Conferência Continental da Juventude Pela Vitória, com sede na cidade de México.

A analise deste último acontecimento, por ser o mais recente e por haver participado nele diretamente a juventude cubana, queremos dedicar as presentes linhas

Que foi o Conferência Continental da Juventude pela Vitória e quais são os seus ensinamentos para a juventude do Hemisfério Ocidental?

Vejamos.

Esta Conferência foi, antes de mais nada, um rude golpe para as forças regressivas do fascismo em nosso Hemisferio. Apesar da ação criminosa e divisionista da Falange Espanhola, apesar da campanha venenosa da imprensa falangista, fascista e "apaziguadora", apesar da constante atividade traidora de certos núcleos chamados revolucionários, verdadeiros demagogos que, empenhad... na tarefa maquiavélica de desviar a juventude do caminho certo da luta antifascista, fazem o jogo do inimigo, apesar de tudo isso, a unidade das forças jovens de nosso Hemisfério deu un grande passo na Conferência Continental da Juventude pela Vitória. Esta Conferência realizou-se apesar e contra a vontade das forças regressivas, que a boicotaram e que, mesmo dentro dela, tentaram por todos os meios torcer seu propósito e dividí-la.

Estiveram presentes à Conferência fortes delegações dos Estados Unidos e do Canadá; mas as representações mais nutridas e até de uma composição mais ampla foram as do jovens latino-americanos. Este fato demonstra, por um lado, o crescimento da conciência anti-fascista da juventude latino-americana, que vê cada dia mais claramente no fascismo seu pior e mais perigoso inimigo e, por outro, o desejo e a firme disposição desta juventude de não permanecer como simples espectadora, nem sequer como abastecedora dos países combatentes, com

toda a importância que isto tem, mas que ela quer empunhar as armas para atacar o inimigo fascista em seu próprio redúto. A juventude latino-americana compreende cada dia mais claramente que nesta guerra se estão decidindo a independência e o futuro de todos os povos; o futuro de todos os jovens do mundo. Sabe, alem disso, que o ulterior desenvolvimento econômico, cultural e de toda e espécie de nossos países se obterá à medida de nossa preparação militar e de nossa participação ativa, direta, na luta armada contra o fascismo, no extermínio físico e político de Hitler e do hitlerismo.

Na Conferência Continental da Juventude Pela Vitória uniram-se as representações juvenis de 18 países do nosso Continente, incluindo, como antes dissemos, os Estados Unidos e o Canadá. Jovens de ambos os sexos, de todas as raças, de diversos credos religiosos, de diversas orientações políticas e de todas as posições sociais, estiveram presentes à mesma. Eles souberam passar por cima das diferenças que até então os dividia e em discussão cordial e amistosa planificaram a luta e juntaram suas forças contra o inimigo comum. Alí, pois, não houve divisões entre esquerda e direita, entre revolucionários e conservadores, como teria acontecido em qualquer outra hora sem os graves perigos da presente. Os jovens que se reuniram no México para combater Hitler souberam por os interesses de suas pátrias ameaçadas, os interesses da humanidade agredida e atormentada, acima de qualquer outro interesse de carater pessoal ou sectario. Eles souberam compreender que não só para assegurar a existência de uma Pátria livre e independente, mas ainda, para que cada um possa continuar desfrutando a liberdade de professar a religião que queira, de militar no partido de sua simpatia, de aprender o ofício ou estudar a carreira de sua vocação e até de casar-se com a mulher que ame, é preciso unir-se contra Hitler, porque este é o pior inimigo de todas as liberdades humanas.

Apenas por ter existido no Conferência do México tal espírito unitário, que a todos nós deve servir de exemplo, foi possivel chegar às conclusões magníficas a que se chegou. Uma série de resoluções de extraordinária importância elaboradas nos diferentes Comités e aprovadas nas sessões plenárias da Conferência já estão hoje servindo de base para a mobilização combativa da juventude. Destas resoluções, a primeira e mais importante é a que tem por nome o Pacto do México, que foi subscrita por todos os delegados e que a Associação Católica de Jovens Mexicanos, em declaração especial, tornou sua, apoiando-a inteiramente. O Pacto do Mexico, é, além de um documento básico onde se fixa claramente a posição e os anseios da juventude de nosso hemisfério na guerra e no após-guerra, um programa completo para a união e mobilização dos jovens patriotas para a defesa de nossa liberdade e independência, para a luta unida combativa e armada contra o inimigo comum e pela vitória completa das Nações Unidas. O Pacto do México é a expressão cabal do desejo unânime da juventude progressista de nosso Continente Americano e, em particular, dos jovens latino-americanos, de produzir aceleradamente para a guerra, de limpar nossa retaguarda de espiões, apaziguadores, divisionistas e toda variedade de "quinta-colunistas", de adestrar-se militarmente para participar de modo real nos combates armados contra o fascismo, para que seja aberta a Segunda Frente para exterminar Hitler dentro de um anel de ferro e fogo e assim tornar possivel o advento de uma paz justa e o estabelecimento do mundo de após-guerra, em que tenham ampla aplicação a Carta do Atlântico e a Declaração das Nações Unidas.

A aplicação, em cada um de nossos países, do Pacto do México e das demais resoluções da Conferência, constitue a tarefa primordial e inadiavel de todas as organizações da juventude anti-fascista e de todos os jovens patriotas.

Mas como o tempo é pouco e não se pode perder sequer um só minuto, porque cada minuto perdido por nós é ganho por Hitler, devemos levar adiante as resoluções da Conferência do México com um rítmo acelerado e em forma de emulação para verificarmos que país alcança a honra de tornar seu trabalho mais rápido e melhor. Já neste sentido estão trabalhando febrilmente os jovens de diferentes países.

Nos Estados Unidos da América do Norte foi dissolvida a Liga Juvenil Comunista numa recente grande Convenção e constituida uma nova organização de frente única: "A Juventude Americana Pela Democracia", que ha de desempenhar um papel decisivo na união de todos os jovens patriotas desse país irmão. Em Salvador acaba de constituir-se a Frente Juvenil Anti-Fascista, no México se prepara um Congresso Nacional da Confederação de Jovens Mexicanos, cujo programa contem como objetivo principal a unidade das forças juvenís anti-fascistas. Na América do Sul prepara-se para dezembro uma Conferência da Juventude de oito países, e em Cuba, demos já o primeiro passo sério para a unificação juvenil constituindo o Comité Organizador do Congresso da Unidade Patriótica da Juventude.

Os jovens cubanos, se bem que estejam um pouco retardados, não querem ficar no último lugar. A simples leitura do texto e das assinaturas apresentadas na recente convocação do Comité Organizador do Congresso de Unidade Patriótica da Juventude Cubana, revela claramente a importância transcendental da mesma. Esta convocação ha de servir para a mobilização completa de todos os jovens que amem a Pátria cubana, de todos os jovens, não importa sua classe, sua filiação política nem credo religioso, seu sexo ou côr, que sejam capazes de juntar-se para o bem comum. Este Congresso, com o concurso e a adesão de todas as forças progressistas de nosso país, deve contribuir para pôr definitivamente a juventude em condições de cumprir seus grandes deveres da hora presente.

PÁCTO DO MÉXICO

(Aprovado pela Conferencia Continental da Juventude pela Vitória)

Primeiro: — Na grandiosa batalha que se está travando no Mundo contra as sangrentas forças representadas pelo nazi-fascismo, declaramos achar-nos firmemente situados ao lado das Nações Unidas e de todos os povos que lutam para vencer e extirpar para sempre da face da Terra os monstruosos regimes fascistas.

Segundo: — Inspiramo-nos no nobre e inabalavel propósito de salvar os nossos países, e o Continente em seu conjunto, da escravidão e do terror que os nazi-fascistas fizeram cair sobre outros povos. Queremos assegurar e fortalecer nossa independência. Pronunciamo-nos pelo desenvolvimento e aplicação integral da política de Boa-Vizinhança. Para que nossos esforços no combate atual sejam mais poderosos e efetivos, julgamos necessário que todos os povos do Continente desfrutem de suas liberdades nacionais e democráticas.

Terceiro: — Para que nossa participação na defeza e na causa das Nações Unidas seja mais efetiva, comprometemo-nos a constituir em nossos respectivos países Frentes Nacionais da Juventude, nas quais participem todas as organizações de carater patriótico. Aspiramos que estas frentes unam num mesmo propósito de ação todos os jovens das mais diversas ideologias políticas e religiosas.

Quarto: — Desejosos de dar nosso maior rendimento ao esforço para ganhar a guerra, apoiamos com toda decisão o estabelecimento do Serviço Militar Obrigatório, do treinamento na Arte da Guerra de toda a população e quantas disposições sejam ditadas nesse fim.

Declaramos nosso desejo de participar enquadrados em nossos exércitos, na guerra contra o Eixo e pela liberdade do Mundo. Desejamos isso não só no propósito de derrotar o nazi-fascismo, mas de fazê-lo nos campos de batalha, solicitando para esse fim a ajuda econômica e militar dos Estados Unidos.

Comprometemo-nos a trabalhar firmemente para aumentar o rendimento da

FICHAS DE LINGUAGEM

SALVAGE - SALVAGEM - SELVAGEM

Anda cá, bruto. A cortezia é de quem a dá e não de quem a recebe. Escondes o focinho? Olha o salvage! ?"

Herculano. Monge, 2.º vol., pag. 88 (10.ª edição José Bastos, Lisboa, sem data).

Li isto ali por 1906 ou 1907, e comuniquei ao Sr. Cândido de Figueiredo, pois o **Novo Dicionário**, então em primeira edição, não consignava o termo. A minha comunicação, porém, embora citasse o autor, a obra e a página, nenhuma referêencia fez á edição e não transcreveu o texto. Destarte o vocabulista não sendo provavelmente da mesma edição a obra de que dispunha, não pôde conferir o texto citado. Não obstante, incluiu, desde a segunda até a quarta e última edição do dicionário, o vocábulo que eu lhe apontára, mencionando direitinho o lugar acima indicado, mas... atribuindo-lhe o sentido de **direito sobre o que se salvou de um navio naufragado**, que nada tem que ver com o texto de Herculano.

O termo **salvage** é da lingua corrente dos caipiras paulistas, no sentido em que a lingua literária usa a forma **selvagem.** Esta última forma o velho Morais, em 1813, definiu sob a grafia **salvagem**, que vai caindo ou já caiu em desuso. Dos dicionários modernos de que dispomos à mão, só o de Simões da Fonseca, revisto por João Ribeiro, e as modernas edições com o nome de Morais, dão a **salvagem** o sentido de selvagem. O **Contemporâneo**, 1925, não quis copiar o verbete do **Nov. Dici.**; é de crer que, indo ao ponto por êste indicado no **Monge de Cister**, mas em edição diversa da minha, nada viu ali, e desconfiou...

Motta Coqueiro

---

juventude na produção, impulsionando o fortalecimento industrial e agrícola de nossos países. Somos pelo estabelecimento de uma severa economia de guerra que traduza os sacrifícios que nossos povos estão fazendo com resultados úteis para a vitória.

Quinto: — Comprometemo-nos a trabalhar por conseguir que sejam melhoradas as condições de vida, econômicas, culturais e sociais da juventude em nossos países. Unidos, apresentaremos a nossos governos e povos um programa de melhoramento das condições de vida da juventude, elaborado de acordo com as condições de cada país, para o que nos servirão de orientações as resoluções da Conferência.

Sexto: — Queremos dar maior rendimento na obtenção da vitória para termos autoridade ao expor nossos desejos com respeito ao mundo do após-guerra.

Declaramos lutar por um mundo do qual desapareça toda forma de escravidão, em que os povos desfrutem de plenas liberdades nacionais, econômicas, políticas e religiosas. No qual se cumpra a Carta do Atlântico e sejam uma realidade as Quatro Liberdades. No qual não existam previlégios de raça ou de côr. No qual todos os jovens desfrutem das mesmas possibilidades para serem úteis a sua Pátria. Um mundo em que a paz seja definitivamente assegurada e todos os países tenham os mesmos direitos e possibilidades. Um mundo do qual os regimes fascistas hajam sido exterminados e desapareçam todas as ambições e domínios imperialistas.

Sétimo: — Finalmente, para melhor conseguirmos nossas aspirações em relação com a luta contra o Eixo, com o melhoramento das condições de vida da juventude e com o mundo de após-guerra, manifestamo-nos pela mais efetiva unidade nacional, continental e mundial da juventude.

Faremos conhecer aos jovens de nossos países todas as resoluções aprovadas pela Conferência e nos comprometemos a levá-las à prática.

Prometemos toda nossa ajuda e colaboração ao Comité de Continuação designado pela Conferência.

Pela derrota das forças nazi-fascistas!

Pela defesa de nosso Continente!

Pela independência e liberdade de todos os povos!

Pela unidade de toda a juventude.

ARTISTAS BRASILEIROS NO MUNICIPAL

Ouvirmos falar que temos artistas brasileiros no Teatro Municipal, representando originais de valor e a preços accessiveis assmelha-se um pouco a esses telegramas que nos contam os sucessos do grande front russo, onde os nazistas estão aniquilados pelos soviéticos.

Mas a realidade é que temos efetivamente a invasão do Teatro Municipal, por artistas brasileiros.

O que vinha sendo feito nos países mais cultos, entre nós era descuidado. O Teatro continuava ao desamparo e à mercê da sorte. Nenhum empresário tinha coragem de arriscar seu capital, em uma temporada de comédia brasileira no Municipal e isso unicamente, porque o público que pode gastar gordas importancias por uma assinatura na temporada francesa, ou de óperas italianas, não desejava se baratear num espetáculo que não possuisse as características essencialmente moldadas no falso refinamento europeu.

O Teatro Municipal era tabú para todo o desgraçado artista nascido no Brasil. Municipal de portas fechadas não só para artistas brasileiros, mas tambem para o povo, que apenas pode passar pela avenida e olhar embevecido aquela escadaria monumental.

Os compenetrados conservadores, puristas e zelosos de nossos fóros de povo civilizado, tomando conta de tudo, achavam que o Teatro Municipal não deveria ser pisado por um público que não é considerado de escól, porque esse público é e representa a mais legítima expressão do povo da terra, e não pode gastar centenas de cruzeiros por uma poltrona. Assim sendo, os conjuntos nacionais não deveriam alimentar o desejo de pisar o palco de tão sagrado teatro, que acolhe anualmente os luminares e as mediocridades estrangeiras.

O Teatro Nacional, tinha que ser acomodado nas casas de espetáculos de particulares.

Mas os artistas se recusavam a morrer e parece que na resistência, de ha muito veem empregando o processo da guerrilha. O teatro nacional não foi sufocado pelo bom gosto dos reacionários, e de quando em vez, estoura um novo movimento teatral e os artistas, embora dispendendo grandes esforços, vão se firmando nos postos conquistados e só o público considerado menor, lhes tem dado apoio e aplausos, porque os encarrapitados em fortunas formam uma reação terrivel e verdadeiramente aguerrida contra a arte nacional.

Dulcina é uma das guerrilheiras que neste momento empreende a grande batalha do Municipal. Graças a isso estamos assistindo em português "Cesar e Cleopatra" de Bernard Shaw, "Anfitrião 38" de Jean Giraudoux, "Rainha Vitoria" de Laurence Housman, "Santa Joana" de Bernard Shaw, "Bodas de Sangue" de Garcia Lorca e "Comédia do Coração" peças de autores estrangeiros foram feitas por Miroel da Silveira, Dina Silveira de Queirós, Bandeira Duarte, Maria Jacinta e Cecilia Meireles. As traduções das de Paulo Gonçalves. As montagens e o guarda-roupas completamente novos e para tal, Dulcina e Odilon contrataram vários artistas. Os figurinos de todas as peças são de autoria de Oswaldo Motta.

Num desejo sempre crescente de renovação, Dulcina chamou para integrar o seu conjunto, novos artistas e alguns elementos de "Os Comediantes". Foi além, para "Bodas de Sangue" a peça de Garcia Lorca, o grande poeta espanhol fusilado pelos fascistas de Franco, Dulcina promoveu um concurso de cenários.

O juri composto por Cecilia Meirelles, Henrique Pongetti, Celso Kelly, Quirino Campofiorito e Perez Rubio (este último ex-diretor do Museu do Prado em Madrí e que foi amigo de Garcia Lorca), deu como vencendor Eros Gonçalves, um dos nossos mais novos artistas.

O Sr. Ministro da Educação dando apoio à iniciativa de Dulcina e Odilon, presta um grande serviço a nossa cultura, pois os momentos que vivemos são decisivos na humanidade, as nacionalidades só se firmam por seus próprios valores e um país só tem verdadeira expressão quando um povo possue um índice cultural que lhe retempere as forças, dando-lhe perfeita conciencia do lugar que ocupa num mundo livre.

Com um programa inteligente e dentro de um carater plenamente popular, só podemos ver essa temporada com grande simpatia e esperamos um franco sucesso de Dulcina, que reafirmará seu posto de ensaiadora, diretora como uma das maiores atrizes brasileiras, alem de ser a guerrilheira que vencerá a dificil batalha do Municipal. · **Durval Serra**

LIVROS

A ITALIA POR DENTRO. *Richard G. Massock* — Companhia Editora Nacional — A *Coleção Guerra e Paz* tem já programado uma série enorme de documentos de grande interesse. Depois de *Um mundo só* surgiu êsse longo depoimento da Associated Press em Roma que assistiu o desenrolar das representações do já famoso Chefe Fascista até o momento do rompimento de relações com os Estados Unidos. E um livro que deve ser lido por todos os que se interessam em assuntos dessa natureza e mostra minuciosamente como a vida se processava na Itália Fascista. Traduz o livro Carlos Lacerda, o que por si só é uma garantia.

A ALEMANHA POR DENTRO. — *Louis P. Lochner.* — Companhia Editora Nacional — Livro escrito por um correspondente Norte Americano. Lochner explica que sua sua intenção escrevendo êsse livro visava responder a insistentes perguntas que seus amigos lhe fizeram, quando de seu regresso aos Estados Unidos, depois que êste país declarou guerra à Alemanha. Conta-nos a vida faustosa e nebabesca que levam os dirigentes nazistas, assim como as falsas atitudes de Hitler e seus comparsas. Faz-nos conhecer o que êle chama o *front* das pessoas decentes que são contra o regime nazista e sofrem a amargura dos dias que passam, mas, no entanto, vivem de pleno acôrdo com tudo o que se passa para garantir o sustento das respectivas famílias. O escritor é descendente de alemães e sua espôsa é alemã naturalizada americana, por essa razão encontramos de quando em quando nessa obra, uma palavra ou um conceito inocentando o povo que em tempos passados aplaudiu Hitler, pois é sabido que os que não se ajustaram ao nefasto regime se encontram nos campos de concentração ou foram fusilados.

..HISTÓRIA DO SOCIALISMO e DAS LUTAS SOCIAIS. — *Max Beer* — Editorial Calvino Limitada — Esta obra de Max Beer de ha muito e esperada entre nos, nao so pelos estudiosos no assunto como pelo grande publico. Nada mais elogioso que essa edição de Calvino que vem preencher um dos vasios existentes nas nossas livrarias. Max Beer aborda a história da evolução social, na sucessão de todas as lutas dos povos, em busca da conquista dos legítimos direitos de uma humanidade progressista e livre. Obra de leitura fácil, agradável e accessivel a qualquer pessoa. O livro de Max Beer não só cultiva e instrue, como permite que o leitor se localize perfeitamente neste tempo de transição em que vivemos. Eis aqui, portanto, uma obra de grande utilidade não apenas para uma leitura ligeira, como tambem para repetidas consultas.

O SEGRÊDO DA RESISTENCIA RUSSA — *Maurício Hindus* — Editorial Calvino Limitada — Esta é a segunda edição do livro de Maurice Hindus, que como reporter e observador nos vem relatando a vida na Rússia Soviética, explicando de maneira suassória a razão da grande resistência do povo soviético ante a invasão terrivel das hordas nazistas. Maurice Hindus tece comentários sôbre o ambiente progressista das nações soviéticas e prevê a completa derrota das tropas de Hitler assim como estuda o êrro do ditador alemão tentando dominar um povo, que se encontrava fortalecido por uma união nacional e plenamente conciente das liberdades que goza, em face das leis sociais em uma pátria livre das misérias impostas pelos regimes fascistas.

A RÚSSIA ESMAGARÁ O JAPÃO — *Maurício Hindus* — Editorial Calvino Limitada — Um novo livro de Maurício Hindus, trazendo-nos a constatação dos progressos colhidos pela Rússia nestes últimos tempos depois da queda do czarismo. Nesta obra conseguimos assimilar melhor o que nos conta o Deão de Canterbury em *O Poder Soviético* ou o Embaixador Norte-Americano, em *Missão em Moscou*. Maurício Hindus é efetivamente um anotador inteligente, perspicaz que percorreu todo o território soviético procurando colher impressões que o aproximassem da verdadeira situação do povo russo. Neste livro, tomamos conhecimento do grande poderio russo e seu autor prevê um próximo conflito entre o Japão sedento de domínio e conquistas a qualquer preço, com a Nação Soviética. Hindus fazendo suas previsões assegura o completo esmagamento do Japão e uma maior aproximação da Rússia com os Estados Unidos.

JUDEUS SEM DINHEIRO — 120 MILHÕES — *Michael Gold* — Editorial Calvino Limitada. — Temos finalmente uma nova edição em português dêsse ótimo trabalho de Michael Gold. Por êssa obra o público toma conhecimento da existência de judeus paupérrimos que vivem no East Side de New York. Creaturas que saídas de pátrias distantes correm para a América, buscando um pouco de paz e sedentos por fortuna. Judeus que fogem das misérias da Europa, onde os ghetos e os pogrons são aterradores, atingem as terras livres e ferteis da América para a concretização de seus sonhos, na cidade dos arranha-céus e torres de ouro sem terem nem sequer o direito de contemplar, ao menos de longe, o archote da Estátua da Liberdade. O livro de Michael Gold é uma sucessão de miséria, onde criaturas escravizadas vivem criando os filhos num ambiente de podridão física e moral, mas alimentando a esperança de que seus descendentes sendo americanos, possam tem um destino mais agradável para os dias futuros.

No mesmo volume, Calvino nos dá "120 MILHÕES" que são pequenas novelas contadas por Michael Gold, com sua maneira agradável, fácil e poética.

Champagne
DAS CREANÇAS
E DOS JOVENS
em qualquer festa
Guaraná
Champagne
UM PRODUTO
ANTARCTICA
A. 402
CONTINENTAL

ELP

ALEGRIA
SAÚDE
VIDA!
Presentes da Natureza
a quem nela se abriga,
nos dias de verão!
E "presentes„ são os
elegantes e finos trajos
de campo e praia da
Superball
AVENIDA
GALERIA. A.E.C.